ARTETERAPIA Cores da Vida

Ano 2 - Volume 2 - Número 2 - Janeiro – Junho - 2006

Revista Científica de Arteterapia Cores da Vida
ISSN: 1809-2934
Disponível em: http://www.brasilcentralArteterapia.org

- Associação Brasil Central de Arteterapia -

SUMÁRIO

EDITORIAL
……
A expansão do sistema editorial 03
Ana Cláudia Afonso Valladares (GO)

ARTIGO ESPECIAL
……
1 - Oficinas de criatividade: desvelando cosmogonias possíveis 05
Patrícia Pinna Bernardo (SP)

ARTIGOS ORIGINAIS
……..
2 - Arte e desenvolvimento emocional: possibilidades e significados no contexto da saúde Mental 17
Maíra Bonafé Sei (SP)

3 - Expressão pictórica e escrita criativa em saúde mental: um estudo de caso 26
Vera Maria Guadalupe Rocha (SP)

4 - Arteterapia e cegueira: o uso de materiais expressivos e a sua relação com o *Continnum das Terapias Expressivas (ETC*) 33
Fernanda de Araújo Arantes (MG)

RELATO DE CASO/EXPERIÊNCIA
……....
5 - Arteterapia y fotografía estenopeica 37
Roxana Adonaylo (Argentina)

6 - Oficinas psicoterapêuticas "SER E FAZER" para pais adotados: um enquadramento Clínico diferenciado 43
Marcela Casacio Ferreira & Tânia M. J. Aiello-Vaisberg (SP)

7 - Arteterapia: colorindo a vida através da linguagem e da literatura 48
Raquel Maria Rossi Wosiack (RS)

ARTIGOS DE ATUALIZAÇÃO OU DIVULGAÇÃO

……...
8 - Caminos para la Arteterapia no mercosur: mercados del sur 53
Alejandro Reisin (Argentina)

9 - Arte, herramienta eficaz para el tratamiento de las adicciones 56
Carlos Andres Gutierrez (Colômbia)

10 - A construção de uma nova clínica em saúde mental: o Programa de Extensão da UFES - Cada Doido Com Sua Mania, o CACIA e a inserção da Arteterapia nestes serviços 60
Renata O. Bonfim (ES)

11 - Arteterapia e realidade virtual 64
Wanderley Alves dos Santos (GO)

EDITORIAL

A EXPANSÃO DO SISTEMA EDITORIA

O 2º volume da Revista Científica Arteterapia Cores da Vida é marcado por um crescente fluxo de artigos encaminhados para publicação e a autoria desses artigos divide-se entre médicos, psicólogos, arte-educadores, artistas plásticos, musicoterapeutas e outros profissionais que compõem a equipe multiprofissional da Arteterapia, oriundos de diferentes regiões do Brasil (SP, RS, GO, MG e ES) e de outros países (Argentina e Colômbia).

Em consonância com as diferentes abordagens e reflexões sobre a prática profissional da Arteterapia com diferente clientela (pacientes psiquiátricos, adictos, pais adotivos e famílias interessadas em adoção, educação especial), os trabalhos aqui publicados abordam um elenco de temas e técnicas relevantes e emergentes (realidade virtual, fotografia estenopéica, linguagem literária e sonoro-plástica), favorecendo a transferência de conhecimentos e de experiências para outros profissionais e estudantes da área, bem como leitores diversificados, com o propósito de alavancar a qualidade da organização e da prestação da assistência e de pesquisas na área da Arteterapia.

Para os próximos anos, a Revista Científica Arteterapia Cores da Vida, publicada pela Associação Brasil Central de Arteterapia, continuará zelando pela sua qualidade científica e de editoração e como principais desafios estão a ampliação de sua divulgação na América Latina, em países de língua oficial portuguesa e a manutenção da divulgação dentro do nosso país; bem como a elevação do número de artigos originais e inéditos, internacionais e nacionais.

Assim, agradecemos a todos os autores, consultores, conselheiros, pacientes, Instituições e leitores que estiveram e estão conosco, auxiliando no crescimento da Revista e da profissão e esperamos continuar nos próximos volumes celebrando essa parceria com sucesso!

Profª Ana Cláudia Afonso Valladares
Coordenadora do Conselho Editorial da Revista Científica Arteterapia Cores da Vida

The expansion of the editorial system

The 2nd volume of the Scientific Magazine “Art therapy Colors of Life” is marked by an increasing flow of articles directed for publication. The authorship of those goods include doctors, psychologists, art-educators, plastic artists, music therapists and other professionals represented in the multidisciplinary art therapist teem. They are from different regions in Brazil (SP, RS, GO, MG and ES) as well as from other countries (Argentina and Colombia).

In accordance with the different approaches and reflections about the professional practice of the art therapy with different clientele (patient psychiatric, addicted, adoptive parents and family group, special education), the works published here approach a cast of themes, relevant and emerging techniques (virtual reality, estenopéica? picture, literary language and relationship sound-image), favoring knowledge transfers and experiences for other professionals and students of the area, as well as diversified readers, in order to increase the quality of the organization, aid installment, and researchers on the field of art therapy.

For the next years, the Scientific Magazine “Art therapy Colors of Life”, published by the Association of Art therapy in Central Brazil, will work hard to make its scientific and editing quality even better. The main challenges ahead are a wider dissemination in Latin America and Portuguese-speaking countries around the world, maintenance of the popularization inside our country; as well as an increase in the number of original and unpublished, international and national articles.

We are grateful to all authors, consultants, board members, patients, Institutions and readers who were with us, helping the growth of the Magazine and the profession. We hope you will stay with us in the next volumes to maintain this successful partnership!

Profª Ana Cláudia Afonso Valladares
Coordinator of Board Members of Editorial of the Scientific Magazine Arteterapia Cores of the Life

La expansión del sistema editorial

El 2º volumen de la Revista Científica Arteterapia Colores de la Vida es marcado por un flujo creciente de artículos dirigidos para publicación y la autoría de esos artículos se divide entre médicos, psicólogos, arte-

educadores, artistas plásticos, musicoterapeutas y otros profesionales que componen el equipo multidisciplinar del equipo del Arteterapia, de diferentes regiones de Brasil (SP, RS, GO, MG y ES) y de otros países (Argentina y Colombia).

En consonancia con los abordajes diferentes y reflexiones en la práctica profesional de la Arteterapia con la diferente clientela (paciente psiquiátrico, adicto, padres y madres adoptivas y familias que quieren adoptar, la educación especial), los trabajos aquí publicados enfocan temas y técnicas relevantes y emergentes (la realidad virtual, fotografía estenopéica, lenguaje literario y relación sonido-imagen), favoreciendo la trasferencia del conocimiento y de experiencias para otros profesionales y estudiantes del área, así como lectores diversos, con el objetivo de elevar la calidad de la organización y prestación asistencia y de investigaciones en el área de la Arteterapia.

En los próximos años, la Revista Científica Arteterapia Colores de la Vida, publicada por la Asociación Brasil Central de Arteterapia, seguirá velando por su calidad científica y de editorial y como principales desafíos están la ampliación de su divulgación en América Latina, en países de lengua oficial portuguesa y la manutención de la divulgación dentro de nuestro país; así como la elevación del número de artículos originales e inéditos, internacionales y nacionales.

¡Así, agradecemos a todos los autores, consultores, consejeros, pacientes, Instituciones y lectores que están con nosotros, ayudando en el crecimiento de la Revista y de la profesión y nosotros esperamos continuar juntos en los próximos volúmenes, celebrando esa colaboración exitosa!

Profª Ana Cláudia Afonso Valladares
Coordinador de Consejo Editorial de la Revista Científica Arteterapia Colores de la Vida

ARTIGO ESPECIAL

1 - OFICINAS DE CRIATIVIDADE: DESVELANDO COSMOGONIAS POSSÍVEIS

Patrícia Pinna Bernardo[1]

Resumo: Nesse texto abordo a coordenação de Oficinas de Criatividade, refletindo sobre os pontos que norteiam esse trabalho e traçando paralelos entre o processo de constituição grupal e os processos de criação. Utilizando o referencial da Psicologia Analítica de C. G. Jung, destaco as contribuições das diferentes modalidades artísticas para o desenvolvimento global do ser humano, relacionando-as aos 4 elementos e com aspectos da vida psíquica a eles associados. Concluo mostrando como a participação em Oficinas de Criatividade pode favorecer o resgate do poder pessoal e de transformação frente às circunstâncias que permeiam a existência.
Palavras-chave: Arteterapia; Psicologia Analítica; Criatividade; Saúde Mental.

Creativity workshops: revealing possible cosmogonies

Abstract: In this text I approach the coordination of Creativity's Workshops, considering the issues that relate to this work, and drawing parallels between the process of constitution's groups and the creation processes. Using as reference the Analytical Psychology of C. G. Jung, I highlight the contributions from the different artistic modalities for the global development of the human being, relating them to four elements and with aspects of the psychic life associated to them. I conclude showing how the participation in Creativity's Workshops can favor the rescue of personal power and the transformation ahead of the circumstances that permeate the existence.
Key words: Art Therapy; Analytical Psychology; Creativity; Mental Health.

Talleres de creatividad: revelando las posibles cosmogonías

Resumen: En este texto yo abordo la coordinación de Talleres de Creatividad, mientras pensando sobre los puntos que orientan ese trabajo y dibujando paralelo entre el proceso grupal de la constitución y los procesos de creación. Usando el referencial de la Sicología Analítica de C. G. Jung, destaco las contribuciones de las modalidades artísticas diferentes para el desarrollo global del ser humano, relacionándolos a los 4 elementos y con los aspectos de la vida psíquica a ellos asociados. Concluyo exhibiendo como la participación en los Talleres de Creatividad puede favorecer el rescate del poder personal y de la transformación frente las circunstancias que entornan la existencia.
Palabras clave: Arteterapia; Sicología Analítica; Creatividad; Salud Mental.

> *Seguindo a matéria e sondando-a quanto à 'essência de ser', o homem impregnou-a com a presença de sua vida, com a carga de suas emoções e de seus conhecimentos. Dando forma à argila, ele deu forma à fluidez fugidia de seu próprio existir, captou-o e configurou-o. Estruturando a matéria, também dentro de si ele se estruturou. Criando, ele se recriou* (Ostrower, 1978, p.51).
>
> *Tornou-se, então, extraordinariamente claro para mim o valor cósmico da consciência: o que a natureza deixa imperfeito, é aperfeiçoado pela arte, diz o dito alquímico. Eu, homem, num ato invisível de criação, levo o mundo ao seu cumprimento, conferindo-lhe existência objetiva. Agora apreendia que o homem é indispensável à perfeição da criação, sendo o segundo criador do mundo; é o homem que dá ao mundo, pela primeira*

[1] Pós-doutoranda em Educação (FE/USP), Doutora em Psicologia (USP), Psicóloga (USP) e Artista Plástica (FAAP), Psicoterapeuta e Arte-terapeuta de crianças, adolescentes e adultos desde 1983, Coordenadora de cursos e Oficinas de Criatividade, Supervisora de atendimentos clínicos e institucionais, Coordenadora de Grupos de Estudos de Mitologia Criativa e Psicologia Junguiana, Professora Universitária há 10 anos, Coordenadora e Professora da Pós Graduação em Arteterapia da UNIP. Site: www.patriciapinna.psc.br E-mail: pat.pinna@uol.com.br Tel (consultório): +55 (11) 3862-2411

> *vez, a capacidade de ser objetivo – sem poder ser ouvido, devorando silenciosamente, gerando, morrendo, abanando a cabeça através de centenas de milhões de anos, o mundo se desenrolaria na noite mais profunda do não ser (...). A consciência humana foi a primeira criadora da existência objetiva e do significado: foi assim que o homem encontrou seu lugar indispensável no grande processo de ser* (Jung apud Grinberg, 1997, p.210).

O meu trabalho com Oficinas de Criatividade teve início quando, ao me formar em Psicologia e em Licenciatura em Educação Artística, busquei formas de integrar essas duas áreas em minha atuação profissional, e já realizava oficinas utilizando recursos expressivos com um grupo de crianças de um orfanato no estágio de um curso de especialização em Psicologia Clínica Preventiva. Além de começar a utilizar recursos artísticos em psicoterapia (com várias faixas etárias), e a coordenar um grupo com a proposta de utilização desses recursos visando o desenvolvimento da criatividade (esse grupo era de adultos, posteriormente realizei oficinas com crianças também), em consultório próprio, criei e implementei numa creche a proposta de assessoria psicológica que incluía a realização de oficinas expressivas com crianças de 3 a 6 anos, orientação a pais, cuidadores e coordenação. Os atendimentos em oficinas tinham o caráter preventivo, e as intervenções na instituição visavam propiciar, em diferentes níveis, um espaço de constante revitalização através de um processo integrador do novo e ao mesmo tempo auto-reflexivo. Os grupos, realizados dentro da própria creche, criavam a possibilidade das crianças falarem e serem ouvidas nesse espaço, além de favorecerem, através da utilização de recursos expressivos, a elaboração de suas questões atuais e o desenvolvimento de potenciais. Comecei então a investigar a relação creche x criança, percebendo que havia uma certa rigidez de papéis e adoção de condutas estereotipadas dentro do espaço institucional, e percebia que o exercício (o exercer) da criatividade era uma necessidade inerente ao processo de desenvolvimento da criança e ao funcionamento satisfatório da instituição como um todo, tendo em vista os objetivos para o qual foi criada. Pude depois verificar essas mesmas questões em outras instituições com as quais tive contato.

Desenvolvi, mais tarde, um trabalho semelhante numa pré-escola, constatando que o ensino, em suas estratégias, com freqüência não dá conta da multiplicidade e riqueza de reivindicações trazidas pela criança. Tanto no caso da creche quanto no da pré-escola, no entanto, a abertura para um trabalho de assessoria indicava um nível de insatisfação favorável a um movimento de repensar a prática e buscar novas formas de compreensão e atuação.

Trabalhei, depois disso, na criação do serviço de Psicologia de duas Unidades Básicas de Saúde da Prefeitura do Município de São Paulo. Atendendo crianças que chegavam as UBSs encaminhadas pela rede pública de ensino, pude notar que eram consideradas pela escola como casos desviantes, "crianças-problema" que fugiam ao perfil da "criança genérica" considerada como sendo sua clientela. De uma certa maneira esperava-se que o psicólogo contivesse e amoldasse as discrepâncias, dissolvesse as dissonâncias. Nesse momento essas crianças eram como que expulsas, não só da sala de aula, mas também da escola. Nem sempre necessitavam de uma psicoterapia, e na maioria das vezes poderiam ser integradas dentro do processo educacional enquanto elemento de reflexão e reorganização, instigando a busca de novas concepções e procedimentos. Refazer o caminho de volta à escola, propondo uma nova ordem na qual o processo de ensino que exclui o elemento de ruptura – e, portanto deflagrador de renovação - possa ser problematizado e revisto, é uma das possibilidades e necessidades de atuação do psicólogo nesse contexto. No entanto, para a instauração de uma nova dinâmica, integradora do novo, é necessário haver uma abertura para o movimento de transformação, o que inclui a destruição de certos referenciais consolidados e o questionamento de pressupostos. Ao lado desse trabalho pode-se pensar em outros tipos de atuação que proporcionem à criança condições de expressar e elaborar suas experiências, tornando-se sujeito e apropriando-se o máximo possível do processo de construção de sua subjetividade. E o trabalho em Oficinas de Criatividade, realizadas no contexto institucional, pode promover essa abertura ao novo e contribuir para a saúde coletiva, na medida em que possibilita o diálogo fecundo entre o eu, o outro e o meio ambiente, mediado pela utilização de recursos expressivos, favorecendo inclusive o resgate da cidadania, de se sentir fazendo parte do todo e atuando nele.

Após trabalhar em UBSs, a meu próprio pedido fui transferida para um serviço que estava sendo implementado, o Centro de Convivência e Cooperativa (CECCO), equipamento da área da saúde (estavam sendo abertos vários CECCOs, a maioria em parques de área verde) cuja proposta abria uma brecha no espaço institucional, pretendendo ser não institucionalizante e não assistencialista, promovendo a saúde através de atividades que favorecessem a convivência entre os "diferentes" (freqüentemente excluídos do processo social) e a população em geral, visando modificar qualitativamente as relações segregadoras que acarretam o isolamento e a alienação do doente mental, da criança de rua, do idoso, do deficiente... Dessa forma, constituía-se num espaço fértil para possibilitar encontros, a troca e o crescimento entre os participantes, instigando o questionamento de valores pré-estabelecidos e aprofundando a noção de saúde x doença, entendendo que o meio cultural, a forma de vida, a estigmatização e a dificuldade de inserção no mercado de trabalho podem ser geradores de sofrimento psíquico. Através de oficinas de atividades (recreativas, artísticas, esportivas, etc), coordenadas por uma equipe técnica multiprofissional, freqüentadas tanto por pessoas interessadas quanto por aquelas encaminhadas pelos

serviços de saúde e educação da região, objetivavam facilitar a integração e reinserção social, a expressão da subjetividade e o exercício da cidadania das pessoas consideradas "desviantes" pelas normas vigentes, além de resgatar o valor terapêutico e preventivo dessas atividades. Em dois CECCOs (em Pirituba e na Freguesia do Ó), coordenei e co-coordenei diversas oficinas (artes, desenho e pintura, dramatização e expressão corporal, culinária, canto e coral, brincar, entre outras) com pessoas de todas as idades. A questão da Criatividade, com seu potencial transformador e estruturador do crescimento psíquico, é o fio que ligava o trabalho com diversos recursos artísticos e vivenciais nessas oficinas (Bernardo, 1994 e 1999).

Quando comecei a lecionar na Faculdade de Psicologia da UNIP, em 1996, como supervisora de atendimentos clínicos, passei a utilizar vivências expressivas na preparação dos alunos para o atendimento, para trabalhar os conteúdos pedagógicos e promover assim uma aprendizagem significativa, e a orientar a utilização desses recursos em diversos contextos: Psicodiagnóstico e Psicoterapia Infantil, Psicoterapia de Adultos, em Oficinas de Criatividade realizadas em Brinquedoteca, asilo, Casa Transitória (local para onde são levadas provisoriamente as crianças que sofreram abusos sexuais, violência ou abandono, enquanto aguardam a decisão da justiça quanto ao seus destinos), na clínica-escola e com adolescentes de uma Ong. Além disso, continuei a coordenar e/ou supervisionar a realização de Oficinas de Criatividade em meu consultório, empresas, na Natureza (em workshops fora do espaço urbano), no esporte, na educação, enfim, em diversos contextos e com todas as idades. Fui, portanto, percebendo em meu percurso profissional o alcance e as ricas possibilidades do trabalho com Oficinas de Criatividade, que atuam na melhoria da qualidade de vida e crescimento de seus participantes.

Geralmente, as oficinas têm a duração de 1h para crianças pequenas de até 3-4 anos, 1h30' as 2 h para crianças maiores, e 2 às 3h para adolescentes e adultos, e os encontros costumam ser semanais. O número de participantes varia conforme a idade da população atendida (quanto menor a idade, menor o tamanho do grupo) e o número de coordenadores (1 ou 2), ficando, em média, entre 6 a 10 pessoas. É importante que haja uma seqüência de oficinas coerente com a proposta de intervenção/trabalho, e que os dias, hora e datas de início e término sejam acordados e comunicados desde o início dos atendimentos. Nos grupos podem ser desenvolvidas diversas atividades: colagem, modelagem, desenho e pintura, dramatização, dança e expressão corporal, contação de histórias, musicalização etc, realizadas a partir de uma proposta cujos objetivos e justificativa devem estar bem claros para quem coordena as oficinas.

Nos primeiros atendimentos costumo utilizar técnicas que permitam aos participantes se apresentarem ao grupo - favorecendo a formação de vínculos - e explorar as possibilidades expressivas de cada material. Os trabalhos podem ser feitos individualmente ou envolver todo o grupo numa única construção. No início de cada oficina é feito um aquecimento, que vai desde uma conversa entre os integrantes até uma sensibilização condizente com a proposta a ser realizada no dia, através de um relaxamento com visualização, ou uma dança, um conto de fadas, uma dinâmica grupal etc.

Conhecer o grupo com que se trabalha - a história de vida de cada participante e seu momento existencial – e estar atento ao que é trazido através de colocações e produções é muito importante para que as propostas sugeridas possam vir de encontro ao momento grupal e às necessidades de desenvolvimento dos participantes. Por isso, os pais, cuidadores e coordenadores das instituições em que as oficinas são realizadas devem ser envolvidos nesse trabalho, para que possam trazer a história de vida de crianças e adolescentes que integram os grupos, e serem orientados com relação às necessidades de desenvolvimento dessas crianças/ jovens, sendo feitas devolutivas parciais e final ao longo do processo. Com os adultos, essa história também precisa ser trazida, o que pode acontecer por meio de alguma atividade expressiva. Eu costumo proporcionar isso através de uma vivência em que, num retalho de juta (pode ser outro pano também) cada participante (ou cada mãe/ pai dos participantes) representa a sua linha da vida usando para tanto fios, pintura, colagem de diversos materiais (conchas, folhas secas, areia e pedras colorida etc). Peço a eles que representem o seu percurso pela vida, com seus altos e baixos, suas encruzilhadas, seus nós etc, mostrando que desenho isso formaria olhando-se agora para a própria vida com seu passado, momento atual e o que cada um espera e sonha para o seu futuro.

Ao final de cada encontro é interessante e imprescindível que possa ser feito algum tipo de fechamento sobre o trabalho realizado (se em algum encontro isso não tiver sido possível, é bom que seja feito no encontro seguinte). Considero desejável que todos possam olhar os trabalhos de todos, e que cada participante possa falar sobre sua produção, apontar aspectos que chamaram sua atenção ou o mobilizaram de alguma forma durante a atividade, e ouvir as colocações dos outros sobre o seu trabalho. O fechamento pode ser feito de outras formas também, criando-se uma história ou uma poesia a partir dos trabalhos realizados, dizendo-se uma palavra ou frase que expresse o sentimento despertado pela atividade etc.

> *Pode-se dar forma ao material simbólico utilizando-se as mais diversas técnicas expressivas: visualizando imagens, escutando palavras interiores ou a própria voz, escrevendo (escrita automática dos surrealistas (...) ou expressando-se plasticamente, mediante desenho, argila, movimento, dança. O material que emerge pela formulação criativa costuma ser acompanhado por imagens, cores e percepções ligadas a todos os sentidos, além de fantasias, memórias e emoções. Não há limites nem garantias. As imagens visuais e as vozes internas movem-se repentinamente de uma coisa à outra. Muitas vezes o material provém não do nível pessoal, mas do arquétipo – o inconsciente*

> *coletivo. Com a utilização dessas técnicas, a fantasia inconsciente é mobilizada e se expressa. Ganha vida e forma estética. Podemos relacioná-la a fatos passados, liberar emoções. A partir daí, cabe ao ego confrontar a emoção e a imagem associada, relacionando-as a seu momento existencial e a seu processo psicológico* (Grinberg, 1997, p.195).

O primeiro passo no trabalho com as oficinas, como as concebo e realizo, consiste na criação de um espaço continente e propiciador da emergência e elaboração de questões significativas para o grupo, algo análogo à construção de um vaso alquímico, como uma panela onde serão depositados os ingredientes trazidos pelo grupo, que nela serão cozidos e assim transformados em alimento para o crescimento dos participantes.

> *O processo de constituição do grupo assemelha-se à construção de um vaso alquímico. Nele serão depositadas as expectativas, vivências e potencialidades de cada integrante. Mexemos e remexemos nessa grande panela, cuidando para que o fogo não se apague mas também não seja forte demais, respeitando o tempo e as singularidades de cada criança. Cada uma delas é como um João trazendo consigo suas sementes mágicas de feijão, só que aqui elas não são atiradas pela janela* (Bernardo, 1999, p.221).

Há uma vivência que criei para ressaltar as contribuições que cada um, por ser único e singular, com sua história de vida e seu estilo de ser, traz para o grupo, facilitando a construção de vínculos entre os participantes, mostrando ainda como a diversidade é a base da criatividade e nos enriquece como seres humanos. Essa vivência também ajuda os participantes a compreenderem o sentido das oficinas enquanto espaço de relacionamento, troca e crescimento. A chamo de "vivência do bolo", pois peço a cada participante que desenhe e pinte - ou recorte - um ingrediente para o nosso bolo grupal. Assim, cada um vai expressar algum aspecto seu, de sua característica pessoal, através do ingrediente representado e apresentado ao grupo. Trago uma caixa com um fundo falso, sendo que dentro dele encontram-se pedaços de bolo embrulhados, mas os participantes não sabem disso. As pessoas colam sobre a caixa as suas figuras, ou também podem, ao invés disso, colocá-las dentro da caixa. A caixa passa por todos, e cada um a mexe, como que misturando os ingredientes que ela agora contém, e a colocamos em seguida no centro do grupo (todos sentados formando um círculo, forma que gosto sempre de dispor o grupo). Imaginamos que a caixa foi colocada no forno, e enviamos calor, em forma de amor, para ela (isso pode ser simbolizado de várias formas, dependendo da idade dos integrantes). Peço então que todos fechem os olhos, e levo a caixa até cada participante, que coloca a mão dentro dela, retira um pedaço de bolo e o come.

É impressionante a emoção com que os integrantes, de qualquer idade (já fiz e/ou supervisionei essa vivência com crianças, adolescentes, adultos e idosos), retiram e comem os seus pedaços de bolo. Ela desperta sentimentos de respeito às diferenças, de auto-valorização e valorização do outro. Pode-se fazer várias correlações interessantes a partir dessa vivência, pois ela deixa claro que todos são importantes e trazem para o grupo algo de si, alguma preciosidade, da mesma forma que para se fazer um bolo é tão importante a farinha quanto a pitada de sal, os ovos quanto as gotas de alguma essência aromática, ter quem agite e misture os ingredientes quanto contar com o olhar atencioso de quem percebe que é hora de tirá-lo do fogo. E num grupo, a convivência entre as diferenças individuais, bem como a possibilidade de vivência das ressonâncias, permite que cada um leve da experiência de participar das oficinas o que aprendeu com o contato com diferentes materiais e técnicas e com a troca com o outro: um pedaço do bolo todo.

Não há um só homem nem uma só ação que não tenha a sua importância; em todos e através de tudo, se desenvolve mais ou menos a idéia da humanidade (Schopenhauer apud Grinberg, 1997, p.205).

Assim, a pessoa mais tímida aprende o caminho de se colocar com mais segurança com a mais falante, a pessoa muito agitada aprende a aquietar-se para poder saborear cada experiência com a mais cuidadosa e atenta, e assim por diante. Podemos fazer uma analogia entre o que Jung (1981) falou sobre a relação entre o terapeuta e o paciente e o que vai acontecendo com os participantes do grupo (desde que o coordenador esteja facilitando e promovendo essa troca entre as diferenças) - a relação terapêutica é como a mistura de duas substâncias químicas: quando ocorre a transformação, ambas se transformam.

Outra atividade que criei para facilitar e trabalhar a constituição do grupo, as diferenças e a apresentação dos participantes, que também pode ser associada às questões levantadas acima, é uma vivência em que se constrói um jardim a partir de uma caixa (de sapato ou maior), areia ou terra, pedras, gravetos e flores, tinta, massa de modelar e/ ou argila. Gosto de introduzir essa atividade a partir de um relaxamento em que cada participante entra em um jardim interno, onde estão as flores, animais e coisas de que mais gosta, representando o que algumas culturas indígenas chamam de nosso "espaço sagrado" (Sams, 1997), o espaço da nossa interioridade (intimidade). Então peço aos participantes que construam o seu jardim (o que pode ser feito individual ou grupalmente), no qual cada um deve estar representado de alguma forma: como uma flor, um animal etc.

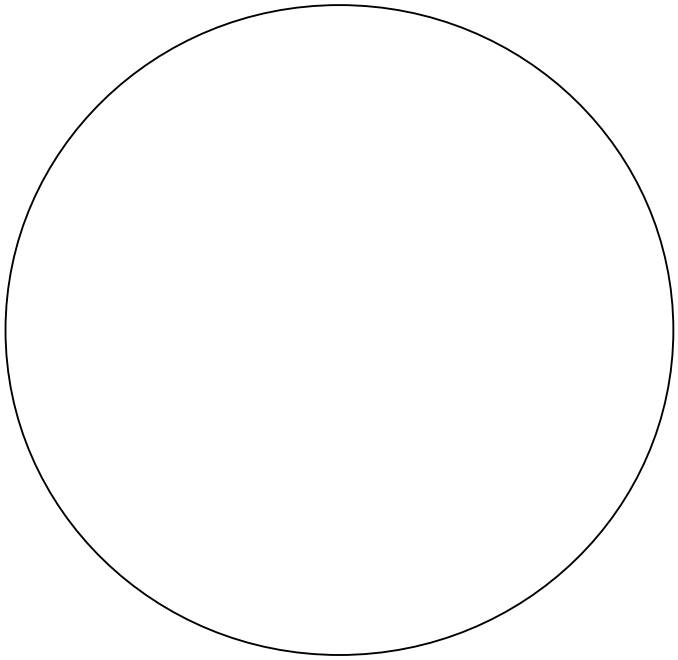
O processo de constituição e desenvolvimento grupal pode ser visto, já em si mesmo, como um processo de criação, que envolve o simbolismo da passagem do Caos ao Cosmo (da mesma forma que na elaboração de um

trabalho expressivo), num movimento que vai da emergência de potenciais à sua concretização e integração na personalidade, transformados em capacidades, em recursos disponibilizados para a vida. Os alquimistas consideravam que, para que qualquer mudança fosse possível, era necessário retornar ao estado de matéria-prima (relacionado ao caos). O caos é o reino das possibilidades não atualizadas, é a pura potencialidade, mergulhamos nele e o vivenciamos no início de qualquer processo em nossas vidas. A abertura ao novo nos coloca em contato com esse grande vazio, que é ao mesmo tempo como um caldeirão repleto de energia criativa ainda não canalizada para a formalização. *O recipiente hermético é o próprio indivíduo. Nele, os muitos pedaços de material psíquico espalhados por todo o seu mundo devem ser recolhidos e fundidos numa só coisa, do que resulta uma nova criação* (Harding apud Fincher, 1994, p.106).

O desenvolvimento grupal se assemelha à configuração de uma mandala: o vaso grupal (representado, nas vivências relatadas, pela caixa de sapato) corresponderia ao desenho de um círculo, à delimitação de uma área de abrangência, à criação de um espaço protegido e propício à vivência de um processo de transformação desencadeado pela vivência de processos de criação. Cada participante traz para esse "vaso" - para esse espaço, que passa a ser o "espaço sagrado" do grupo - suas expectativas, necessidades atuais, potencialidades (suas "sementes"): pontua-se um centro nesse círculo[2].

Pontuar a origem equivale a instaurar um princípio ordenador. Fixa-se um centro ao redor do qual se organiza uma configuração, como no esquema abaixo:

1 -Olhe para o círculo e coloque um ponto em seu centro.
2 - Olhe fixamente para o ponto até que surja uma imagem.
3 - Pinte a imagem visualizada dentro do círculo.
(Sugiro que o leitor faça essa atividade no círculo abaixo).



A confecção de mandalas é uma atividade que realizo (e que oriento os meus supervisionandos a utilizar) nos grupos que coordeno, sendo especialmente indicada para a abertura e o fechamento de processos, mas podendo ser proposta em outros momentos também. Pode ser feita de várias formas: a partir de um conto, de um tema, de um relaxamento, ou espontaneamente. As mandalas podem ser pintadas com giz de cera ou tinta, ser confeccionadas a partir de colagens de figuras, papéis coloridos, sementes, ou técnica mista. Meus alunos já a realizaram com crianças de 2 a 4 anos (no seu estágio supervisionado na Casa Transitória), pedindo-lhes que amassassem papel crepon de várias cores, formando bolinhas, e depois as colando dentro de um círculo desenhado num papel, como se fossem flores num jardim ou vaso, após terem dramatizado um passeio num jardim, no qual se posicionaram como uma semente germinando e se transformando em árvore.

[2] Essa maneira de fazer mandalas me foi ensinada por Ely Inoue, esse tipo de mandala é realizado como forma de meditação entre os monges tibetanos

Crianças maiores, adolescentes, adultos e idosos podem, por exemplo, confeccionar uma mandala colando sementes de vários tipos e cores num círculo, formando com elas imagens, após ouvirem uma história (uma possibilidade de sensibilização para essa vivência é contar ao grupo o conto chinês "O Pote Vazio"[3], que fala de um imperador que, no processo de escolha de seu sucessor, deu às crianças do reino sementes para serem plantadas num vaso). Num grupo de adultos, essa colagem pode também ser feita depois de entrarem em contato com a parte do mito de Eros e Psique[4] em que Afrodite pede a Psique que separe sementes de várias espécies, por exemplo.

Segundo Fincher (1994), Jung incentivava seus pacientes a criarem mandalas. Ele mesmo as produzia diariamente[5]. Fincher (1994) conta que Joan Kellogg as utilizava como recurso arteterapêutico, e diz que *a mandala pode ser empregada como um caminho válido por si só, como um veículo para a autodescoberta. Ao segurar o fio de Ariadne, o indivíduo se lança numa jornada em direção ao Self, sem garantia de chegada, apenas com a esperança de eterna transformação* (Kellogg apud Fincher, 1994, p.39).

Fincher (1994) comenta que a mandala ativa forças integradoras de nossa psique, nos religando à teia da vida e harmonizando nossos aspectos conflitantes, e coloca que ao criarmos uma mandala,

> *(...) geramos um símbolo pessoal que revela quem somos num dado momento. O círculo que desenhamos contém – e até atrai – partes conflitantes da nossa natureza. Mas, mesmo quando faz um conflito vir à tona, o ato de criar uma mandala produz uma inegável descarga de tensão. Talvez porque a forma do círculo nos recorde o isolamento seguro do ventre. (...) Desenhar um círculo talvez seja algo como desenhar uma linha protetora ao redor do espaço físico e psicológico que identificamos como nós mesmos. (...) Quando fazemos uma mandala, criamos nosso espaço sagrado, um lugar de proteção, um foco para a concentração de nossas energias (1994, p.39).*

Na confecção de uma mandala há diversas gradações entre o círculo vazio e a imagem obtida. O círculo inicialmente delimita uma superfície, uma área de abrangência, demarcando um microcosmo análogo ao macrocosmo. Como forma, representa um princípio estruturador de nosso mundo interno. Com a fixação de um centro, transportamo-nos para a dimensão representada pelo círculo. Condensamos num único ponto todas as nossas experiências, expectativas e necessidades. Com a focalização, mergulhamos numa espécie de caos (onde fervilham as possibilidades, as nossas sementes criativas) e estabelecemos um ponto de partida, uma origem para a criação de uma imagem. O grau de estruturação e complexidade da imagem formada a partir daí relaciona-se com um movimento de diferenciação. Pode-se, por exemplo, pintar todo o círculo com uma única cor, atribuindo uma certa "qualidade" (conteúdo) à área contida em seu interior (simplesmente diferenciando o "dentro/ fora"), ou então chegar a criar uma complexa rede de forças (usando linhas, cores, formas e volume para isso).

No início do processo grupal, vivencia-se um estado de abertura e auto-exposição ao desconhecido. Da mesma forma, diante do material a ser transformado através do processo criativo (uma folha em branco, um círculo, um monte de argila...) ainda não surgiu nada em que se apoiar: pode-se apenas pressentir a presença de mundos possíveis, passíveis de ser "fecundados", "acordados", o que corresponde de certa forma a um movimento de introversão da nossa energia psíquica. Surge então uma motivação, uma "inspiração", deflagrando um processo análogo a uma gestação. Nesse momento, o "dentro" e o "fora" - os processos internos e o trabalho com os materiais expressivos - relacionam-se de uma maneira mutuamente enriquecedora, e a inspiração coordena-se com a transpiração: forma e conteúdo, *o real e o imaginário entrelaçam-se num movimento formador e transformador* (Bernardo, 1999, p.226).

O caminho que percorremos durante o processo de criação de um trabalho expressivo leva à criação de um mundo que contém mundos. O que estava latente torna-se manifesto e contextualizado. O claro (consciente) e o escuro (inconsciente), o cheio (a potência) e o vazio (a carência), as definições e as sugestões, as presenças e as ausências participam da construção de uma totalidade que favorece a equilibração psíquica, aproximando esses pólos e abrigando em si novos pontos de partida.

> *Sempre buscando ultrapassar o dualismo mente-matéria, desde o início de seu trabalho Jung se baseou fundamentalmente nas polaridades consciente-inconsciente e natureza-espírito, concebendo a psique como um sistema constituído de pares de opostos que podem intercambiar-se, um pólo é capaz de transformar-se no outro e vice-versa. Assim, enfocando a consciência e o inconsciente com o mesmo valor, Jung visualizou a importância de uma troca entre os dois sistemas. Segundo ele, a pedra fundamental para a construção da realidade objetiva seria essa capacidade de diálogo interior (Grinberg, 1987, p.192).*

---

[3] DEMI. *O pote vazio*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001

[4] Esse mito está relatado e comentado no livro: BRANDÃO, J. S. *Mitologia Grega*. 15 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005. Vol 2

[5] Nise da Silveira presenciou o seu aparecimento espontâneo em pacientes psiquiátricos internados

Para exemplificar como exerço e penso a coordenação das oficinas criativas, contarei algo a respeito do meu próprio processo criativo na pintura. Em geral, não tenho uma idéia pronta a respeito de como vou desenvolver uma proposta, mesmo que ela consista num desenho de observação. Sinto que existem infinitas possibilidades de abordagem de um determinado tema, e até posso ter hipóteses de como trabalhá-lo, mas não sei a priori que rumos o trabalho irá tomar, qual a abordagem mais significativa nesse momento. Então começo a rabiscar no papel, traçando direções ou colocando determinadas cores que sinto vontade de usar. Trata-se de uma espécie de atenção flutuante dada ao que está sendo feito: se polarizo o processo em meu desejo consciente de execução, o resultado é um trabalho rígido, fechado, desinteressante. É como repetir o que já sei, algo como maquiar cadáveres. Se, por outro lado, me furto à vivência da angústia (diante do novo) de ter o que dizer, mas não saber como fazer, deixando o processo apenas a cargo do aleatório, não opondo nenhuma resistência a qualquer coisa que se queira fazer presente, pode surgir daí algo como uma massa confusa, como numa reprodução do caos, como um labirinto que leva a vários lugares, mas não chega a concretizar e delimitar lugar algum em que se possa realmente habitar nesse momento.

Aos poucos, algo vai tomando forma a partir dos riscos e das cores, surgindo daí o pressentimento e a épura de uma configuração, algo que canaliza a minha energia produtiva, que desperta o meu interesse em particular. Procuro então como que ir atrás disso, e o fazer se parece com um desfazer, o cobrir com um desvelar: ao pintar com determinadas cores (ao elegê-las), ao colocar traços, desenhar algo (cobrir superfícies, traçar contornos, criar volumes), estou ao mesmo tempo definindo e ressaltando figuras de um fundo, focalizando alguns aspectos e desfocando outros (algo como re-velar e ao mesmo tempo des-cobrir).

Chega um momento em que sinto que algo nasceu, tomou forma, ganhou corpo, está pronto, o que traz o sentimento de: "é isso!", "está bom", "não tenho mais o que tirar nem pôr", "está completo". Mas, se deixo passar esse momento e continuo trabalhando alguma área, retocando melhor algum ponto etc, então muitas vezes o trabalho se esgota, chega ao seu limite de saturação, perde o ponto: o papel fura, as cores não mais se misturam, o trabalho começa a parecer "sujo", ou torna-se de novo matéria prima - se o papel e eu ainda agüentarmos, dou novamente um mergulho no caos e volto à tona com outra configuração (criação de um cosmos). Cada ponto desse processo tem suas exigências e necessidades, seu ponto de partida e de chegada, momentos de dor e de prazer. Estar atento a isso é o que chamo de atenção flutuante, e o que surge daí é uma criação conjunta entre o eu e o material (o abstrato e o concreto) e também entre a consciência e o inconsciente (Jung, 1984).

Da mesma forma como trabalho numa pintura, trabalho na coordenação dos grupos: busco estar atenta para os pontos em que existe vida pulsando (para onde caminha a energia e o interesse do grupo) e favorecer a canalização dessa energia em direção a um crescimento individual e grupal - na construção de algo que faça sentido no processo de desenvolvimento dos participantes, algo que possa traduzir-se em ampliação de consciência de si e do mundo, no desenvolvimento e apropriação dos próprios recursos[6], na descoberta de que se é também um elemento ativo na construção do real, enfim, na constituição de uma linguagem própria.

Existem momentos no trabalho de criação a partir de recursos artísticos que são basicamente individuais, consistindo num relacionamento íntimo e amoroso com o material e o trabalho que está sendo realizado. Em outros, no entanto, em que a energia criativa se defronta com barreiras e é interrompida em seu fluxo, é imprescindível o diálogo com o outro, o que pode muitas vezes ter a força de romper um obstáculo (quando, por exemplo, o outro revela nosso ponto cego ou nos mostra que existem outros leitos pelos quais essa energia pode fluir). De qualquer forma, esses dois momentos interligam-se e são inseparáveis no processo grupal: o eu e o outro fazem parte de uma única construção. No início, há como que uma mistura: cada um ainda não teve a chance de mostrar ou descobrir "a que veio". É como colocar a própria bagagem no caldeirão grupal. A partir daí, ocorre um processo de diferenciação, de singularização, de autodescobertas, pois tanto as produções realizadas nas oficinas quanto os outros participantes são espelhos onde pode-se enxergar outros aspectos de si próprio. Mas é necessário que a energia circule, que não se cristalize demasiadamente em incorporações fixas de papéis (o "bode expiatório", o "certinho", o "rebelde" etc). É importante que, através do contato com o outro, cada um possa ir reconhecendo e integrando seus outros lados, aspectos de sua psique ainda não conscientizados e integrados, ampliando com isso suas possibilidades de auto-expressão (de ser-no-mundo). No final do processo, cada um retoma o que lhe é próprio, mas transformado: cada participante retira da "panela" o alimento de que necessita, cada um leva para casa as suas produções, podendo interagir com o ambiente e consigo próprio a partir de um novo ponto de vista:

> (...) ao final desse processo é como se cada integrante retirasse da panela, em forma de alimento, transformado e acrescido de novos ingredientes advindos da troca com os outros participantes, o que trouxe para o grupo em estado germinal, potencial ou terminal (pois, de qualquer forma, morre a semente para que a planta possa revelar-se: às vezes morre a criança birrenta para renascer na que sabe o que quer, morre a criança “mal amada”, que renasce na que consegue sentir amor próprio e sentir-se valorizada, morre o “patinho feio”, que renasce em cisne) (Bernardo, 1999, p.222).

[6] como João resgatando seus tesouros das mãos do gigante, no conto João e o Pé de Feijão (Bernardo, 1999)

Fazer arte pode ser uma atividade terapêutica, mas não o é necessariamente, assim como o produto criado a partir de recursos artísticos não é necessariamente uma obra de arte, embora trabalhe e aguce a sensibilidade estética. As técnicas expressivas, utilizadas em Oficinas de Criatividade, podem favorecer o crescimento psíquico e a elaboração de questões a ele pertinentes, desde que a escolha das técnicas e das propostas de trabalho - que envolvem para tanto conhecimentos e vivência com relação aos recursos artísticos e seu potencial terapêutico - estejam em consonância com o momento grupal e com as questões relevantes ao processo de crescimento dos participantes, o que demanda do(s) coordenador(es) conhecimentos acerca do desenvolvimento psíquico e do aspecto terapêutico do fazer artístico.

De acordo com o referencial da psicologia analítica de C. G. Jung, o ser humano é dotado de um potencial para o desenvolvimento de uma constituição psíquica que intermedia e possibilita sua relação com o outro e com sua interioridade. Para isso concorrem fatores intrapsíquicos e ambientais. É essencial haver uma situação de contenção e receptividade (o estabelecimento de uma ligação satisfatória mãe-bebê) para que o nascimento da consciência seja deflagrado como um impulso criador, um movimento de trazer à luz, tornar visível, contextualizar, diferenciar. O inconsciente, fonte de energia psíquica, encontra na consciência a possibilidade de atualização de seus conteúdos (de suas possibilidades de vir-a-ser).

Neumann (1990) descreve o desenvolvimento psíquico como um processo análogo à Cosmogonia (havendo a criação da consciência a partir do caos inconsciente), o qual envolve várias etapas e desenrola-se por toda a vida. Denominou de urobórico[7] o estágio inicial em que ainda não há diferenciação entre dentro-fora, psique-mundo, mente-corpo, mãe-bebê. Refere-se a um estado de "*participation mystique*", de existência numa "realidade unitária" em que os opostos estão indissoluvelmente unidos. Nessa fase, a consciência é apenas uma possibilidade contida no inconsciente. Edinger (1989) chamou de "inflação" a este estado de completa identificação entre ego (centro da consciência, constituindo-se num complexo energético) e Self (psique total, abrangendo consciente e inconsciente, e sendo ao mesmo tempo o centro - regulador e organizador, como um maestro - da psique), e ressaltou que essa vivência não é apenas relativa aos primeiros anos de vida da criança, mas também acontece sempre que a consciência entra em contato com algum novo conteúdo inconsciente. O processo de elaboração simbólica que se desenrola a partir daí vai permitir que a consciência integre em si aspectos novos, se ampliando e singularizando. Sendo assim, o desenvolvimento da consciência segue um percurso ao mesmo tempo ascendente (separando-se e diferenciando-se do inconsciente) e circular (voltando a entrar em contato com o inconsciente, de onde emergem novos símbolos), assumindo a forma de uma espiral.

De acordo com a visão da Psicologia Analítica de C. G. Jung, o relacionamento entre os opostos está na base de nossa constituição psíquica. Assim, vamos aos poucos diferenciando a consciência do inconsciente, o dia da noite, o masculino do feminino. A nossa consciência separa os opostos para poder conhecê-los, voltando então a reuni-los numa nova totalidade, e nesse processo ela se expande e amplia (Bernardo, 2004, p.124).

A vivência urobórica refere-se a um mergulho nesse caos inconsciente (continente dos devires), de onde o ego pode retornar renovado (assim como nos processos de criação artística). É interessante notar que o círculo - um dos símbolos da totalidade psíquica - aparece no desenvolvimento do desenho infantil como a primeira forma ordenada. A evolução do desenho da figura humana corresponde à irradiação e diferenciação progressivas a partir desse círculo original, da mesma forma que todas as células que formam o nosso corpo, com toda a sua multiplicidade, originaram-se de uma única célula-mãe.

Em várias culturas encontramos a divisão do círculo em 4 quadrantes como forma de organização do caos primordial. Assim temos os 4 pontos cardeais, as 4 estações do ano, as 4 fases da vida: infância, adolescência, maturidade e velhice, os 4 elementos etc, como os 4 braços dessa cruz. Edinger (1990) nos conta que os filósofos pré-socráticos consideravam que *o mundo é gerado de uma matéria única original, a chamada primeira matéria* (p.29), e que ela *passara por um processo de diferenciação por meio do qual fora decomposta nos 4 elementos: terra, ar, fogo e água* (p.30), acrescentando que esses elementos se combinaram em diferentes proporções formando toda a multiplicidade, tudo o que existe no mundo:

Impôs-se à prima materia, por assim dizer, uma estrutura quádrupla, uma cruz, que representa os quatro elementos, dois grupos de contrários: terra e ar, fogo e água. Psicologicamente, esta imagem corresponde à criação de ego a partir do inconsciente indiferenciado mediante o processo de discriminação das quatro funções: pensamento, sentimento, sensação e intuição (p.30).

Edinger faz várias comparações e aproximações entre as operações alquímicas associadas aos 4 elementos e nossas vivências internas, são elas: *calcinatinatio*, relativa ao fogo; *coagulatio*, relativa à terra; *sublimatio*, relativa ao ar; *solutio*, relativa à água. Ele destaca ainda outras operações relacionadas ao crescimento psíquico: *mortificatio*, relativa à morte da semente para que ela possa germinar, ou ao sacrifício do monstro do caos para que a criação possa acontecer, ou seja, à morte que precede o renascimento; *separatio*, relativa à separação e diferenciação dos opostos, para que possam ser conscientizados; *coniunctio*, relativa à união dos opostos anteriormente separados e purificados, à sua síntese, obtendo-se a “Pedra Filosofal”, o “ouro”, aparecendo também como a imagem do casamento do Rei e da Rainha, Sol com a Lua, donde decorre o poder de *multiplicatio*, como o milagre dos pães e dos peixes relatado na Bíblia, e diz que: *cada uma dessas operações é o*

[7] Uroborus é a serpente que morde a própria calda

centro de um elaborado sistema de símbolos. Esses símbolos centrais da transformação compõem o principal conteúdo de todos os produtos culturais. Eles fornecem as categorias básicas para a compreensão da vida da psique, ilustrando praticamente toda a gama de experiências que constituem a individuação (1990, p.34).

Na busca por compreender as contribuições das diferentes modalidades artísticas para o desenvolvimento do ser humano, relacionei-as ao simbolismo dos 4 elementos e das operações alquímicas (a partir do estudo antropológico das religiões comparadas[8], da alquimia simbólica e de diversas culturas indígenas, associado aos conceitos da Psicologia Junguiana), visando a sua utilização criteriosa através das vivências propostas nas Oficinas de Criatividade e nos atendimentos em arte-psicoterapia. Assim, percebi que podemos relacionar a modelagem e a escultura, por exemplo, ao elemento terra e à função sensação; a pintura e trabalhos que envolvam cores ao elemento água e à função sentimento; as histórias, contos e o trabalho com fios ao elemento ar e à função pensamento; utilizando-se velas e técnicas que envolvam o elemento fogo, ativamos a intuição - a capacidade de iluminar o que é potencialidade, mas ainda não se concretizou em realidade manifesta. (Bernardo, 2001; 2004).

> *O motivo da divisão em quatro elementos corresponde, em termos psicológicos à aplicação das quatro funções a uma dada experiência. A sensação nos diz quais são os fatos. O pensamento determina os conceitos gerais em que os fatos podem ser situados. O sentimento nos diz se gostamos ou não dos fatos. A intuição sugere a possível origem dos fatos, aquilo para que podem levar e os vínculos que podem Ter com outros fatos; ela representa possibilidades, e não certezas* (Edinger, 1990, p.205).

Considero extremamente rico e produtivo que os participantes das Oficinas de Criatividade que coordeno e/ou supervisiono possam vivenciar e desenvolver propostas que lhes permitam trabalhar com todos esses elementos e atributos, desenvolvendo aspectos relativos às 4 funções da consciência. Essas vivências podem ainda ser indicadas, ou novas podem ser criadas, a partir da compreensão das necessidades dos membros do grupo.

> *Em termos alquímicos, o ouro, como o rei dos metais, é uma mistura dos quatro elementos em proporções perfeitas. Transposto aos seres humanos, isso equivaleria à saúde perfeita. Num certo plano, a tarefa do alquimista, portanto, era transformar metal vil em ouro, ao passo que noutro, era encontrar o equilíbrio entre os humanos no corpo físico. Num terceiro plano – o interior – essa tarefa consistia em encontrar e unir os opostos (...) a fim de promover o equilíbrio psicológico e espiritual* (Angwin, 1996, p.72).

Certa vez, supervisionando o atendimento de uma criança na Clínica Psicológica da UNIP de Alphaville, percebi que ela estava tendo muitas dificuldades em expressar seus sentimentos com relação a suas questões atuais. Isso ficava evidenciado também em como ela se expressava plasticamente: seus desenhos nunca eram pintados, quando muito eram contornados com cores. Orientei a aluna que a atendia a fazer com ela trabalhos que envolvessem água e tinta, já que o elemento **água** pode ser associado à função sentimento e, portanto, à nossa vida emocional. A aluna começou por sugerir à paciente que pintasse suas mãos, as carimbasse no papel, e em seguida as lavasse, massageando-as. O mesmo depois foi feito com os pés. Para a sessão seguinte, criei uma atividade em que a paciente pudesse associar cada cor a algum sentimento, pensando em como tornar isso interessante e instigante para ela: orientei que a aluna propusesse a ela a construção do "Baú da Bruxa", uma caixa confeccionada por ela onde guardaria seus "Potes Mágicos", suas "poções", que seriam como que remédios para curar suas feridas emocionais, como a "poção da alegria" para curar a tristeza, a "poção do amor" para curar o desafeto e a solidão etc. A paciente então confeccionou seus potes, que eram potes de vidro transparente (como os de maionese) dentro dos quais ela colocou água misturada com guache, formando uma cor para cada pote, associando cada cor a algum sentimento. Em seguida os potes foram decorados, utilizando para isso pintura e colagens com massa de modelar, sementes, pedras colorias, conchas etc, enfeitando dessa forma a sua tampa e parte do vidro, expressando na sua decoração o que associava ao sentimento representado pela cor que estava dentro do pote. Essa atividade deflagrou uma resposta muito rápida com relação aos seus objetivos.

As produções seguintes dessa paciente já eram pintadas, e ela então passou a colocar mais livremente, de uma forma que até então ainda não tinha conseguido fazer, seus sentimentos com relação a várias questões de sua vida (a discriminação que sentia sofrer por ter um defeito físico em uma de suas mãos, a dificuldade em fazer amigos, etc.). Depois disso, passei a orientar a confecção dos "Potes Mágicos" nas Oficinas de Criatividade (com crianças, adolescentes, adultos e até com os idosos), sendo esse um momento dos grupos em que questões até então não expressadas geralmente vêm à tona.

Outra atividade que utilizo com água, criada para favorecer esse trabalho com crianças bem pequenas, como as que meus alunos atenderam na Casa Transitória (2-3 anos), mas que pode ser utilizada com todas as

[8] Principalmente a partir dos livros de Mircea Eliade

idades, é pintar os pés, caminhar então num grande papel como se fosse num caminho em meio à natureza, lavar e ter seus pés massageados, e então pintar e/ ou colar folhas, flores secas e areia ou terra representando a paisagem ao redor do caminho feito com os pés carimbados. Com crianças muito pequenas pode-se ainda usar anilina comestível ou suco em pó para formar diferentes cores na água, enchendo depois copos com essas águas coloridas – as "poções" podem então ser bebidas e/ou oferecidas aos outros participantes do grupo. Outra atividade envolvendo o elemento água muito apreciada pelos grupos, e muito interessante por trabalhar com questões associadas a dificuldades que encontramos ao longo de nosso caminho, é a pintura em pedras.

Para trabalhar com o elemento **fogo**, pode-se, por exemplo, confeccionar lanternas iluminadas por velas[9]. Nessa atividade, pede-se à pessoa que faça uma pintura (utilizando giz de cera ou tinta) numa cartolina, recorte os pedaços de seu desenho que gostaria que ficassem iluminados pela vela, cole (pelo lado avesso do desenho) papel de seda colorido nas partes recortadas, dobre a cartolina em 4 partes, formando os 4 lados da lanterna e forma-se também o fundo. Depois, pode-se confeccionar um castiçal em argila (o que passa a ser uma segunda atividade, complementando essa), onde coloca-se a vela que será depois acesa dentro da lanterna. Ao acender a vela, todo o desenho feito se ilumina. É quase instintivo que as pessoas, nesse momento, batam palmas ou façam pedidos ao fogo (como quando fazemos aniversário e a vela é acesa no bolo), isso tem acontecido com freqüência em grupos de diversas idades (inclusive entre os idosos). É importante ressaltar que sempre é necessário, no caso de fazer essa atividade – ou qualquer outra que envolva fogo - com crianças, orientá-las a nunca manusear o fogo sem ser diante da presença de um adulto.

Eu comecei a trabalhar com fogo (inicialmente fazendo fogueiras com folhas secas num pequeno caldeirão de ferro) a partir do pedido de uma criança de 6 anos que eu atendia em consultório, em psicoterapia individual. Inicialmente ele me pediu para acendermos uma vela decorada que eu tinha em minha sala. Ele passou a repetir essa atividade a cada início de sessão, e depois sugeriu que fizéssemos uma fogueira com folhas secas e gravetos. Passou então a criar músicas (tocando tambor e cantando, como se fôssemos indígenas ao redor da fogueira) e histórias associadas à atividade de acendermos a nossa pequena fogueira. Nesse processo, fui ensinando-lhe a mexer com o fogo cuidadosamente, mostrando-lhe que esse elemento tem uma força grande, e que essa força deve ser respeitada (pois ela pode ser muito destrutiva também) e pode canalizada para iluminar nossas vidas e criar coisas boas e belas para nós, da mesma forma que o fogo cozinha os alimentos para podermos nos nutrir deles. Orientei-o, também, a nunca mexer com fogo sem a presença de um adulto a seu lado. Sua mãe foi colocada a par das nossas atividades com fogo, para que estivesse atenta em casa, caso o seu filho tentasse mexer com fogo sem ser em sua presença. Mas isso não aconteceu; ao invés disso, sua mãe relatou que ele pediu à ela, certa vez, que acendessem uma vela, explicando-lhe como devemos respeitar o fogo, e sugeriu que fizessem um pedido. Observando suas questões iniciais - violência doméstica, agressividade, carência afetiva, baixa auto-estima - percebi o porquê dessa criança precisar trabalhar com fogo, e quais as contribuições que esse trabalho traria (e trouxe efetivamente) ao seu processo terapêutico.

Era fundamental para essa criança ser cuidada com carinho pelos seus familiares (lado benéfico do fogo, em seu aspecto de lareira que cria o calor e aconchego do lar, do "ninho"), tendo os seus aspectos positivos ressaltados e espelhados de volta para ela através do olhar do outro (assim como a lanterna feita ilumina para si a sua beleza, os seus encantos, os seus potenciais, que assim podem ser trazidos à sua consciência), ao invés de ser desvalorizada e agredida (aspecto belicoso e violento associado ao fogo, denotando o seu aspecto destrutivo). Era imprescindível também que essa criança aprendesse novas formas de se relacionar com a sua própria energia agressiva, canalizando-a para atividades criativas que lhe rendessem respostas afirmativas e positivas por parte do meio, pois quando veio para a terapia (encaminhada pela escola) estava a ponto de ser expulsa da escola onde estudava devido a seu comportamento agressivo e anti-social. As atividades com fogo realizadas com essa criança, aliadas às orientações feitas aos seus pais e à escola, ajudaram em muito na transformação de seus comportamentos, bem como de sua auto-imagem, passando a fazer mais amizades e a se adaptar melhor à escola.

O trabalho com o elemento **ar** está associado às histórias e suas tramas, decorrentes dos vínculos formados ou rompidos. O trabalho com contação de histórias (mesmo que seja a pessoa contando sua própria história, como na atividade já relatada em que a pessoa conta a sua história a partir da criação de um panô) favorece que tomemos um distanciamento de nossa realidade e suas circunstâncias, o que nos permite ter uma visão mais ampla, ao final, de nós mesmos e nossa situação atual, atribuindo novos significados à nossa história e nos colocando como co-autores de nossas tramas existenciais. Ao nos colocarmos no lugar de personagens, seja dramatizando-os a partir da confecção e utilização de máscaras ou outro método dramático (como utilizando fantoches, por exemplo), seja assistindo a um vídeo, lendo ou ouvindo um conto, ou mesmo criando uma história a partir de palavras, imagens ou outros estímulos etc, nos descentralizamos para podermos nos enxergar como um outro de nós mesmos, abrindo-se a oportunidade do diálogo interior e da aproximação com os nossos sonhos.

---

[9] Aprendi a confeccionar essas lanternas observando como elas eram feitas numa escola de orientação antroposófica (Pedagogia Waldorf) em que meu filho estudou durante alguns anos

O elemento **terra**, por sua vez, é ativado e chamado à cena em trabalhos de consciência corporal, modelagem em argila ou massa de modelar, escultura e confecção de caixas (como uma atividade em que peço à pessoa que expresse o seu mundo numa caixa, utilizando-se para isso de colagens de figuras de revistas, associada à pintura ou à montagem de cenários dentro da caixa). O trabalho com esse elemento favorece a estruturação de conteúdos que podem, então, ser presentificados, ganhando um lugar dentro e fora de nós.

Ao final do processo das oficinas, é preciso fazer-se um fechamento do trabalho, favorecendo a síntese do percurso trilhado pelos participantes. Há algumas vivências especialmente indicadas para possibilitar a integração na personalidade das aquisições feitas durante as oficinas, como que coroando o processo de transformação vivenciado pelos participantes (da mesma forma que no final dos rituais de iniciação ganha-se um novo nome). Uma delas é a confecção de moldura para um auto-retrato. Em grupos compostos por crianças, nessa etapa podemos contar um conto de fadas ou assistir a um vídeo (como por exemplo: "A Espada era a Lei", ou "A Bela Adormecida"), e nas oficinas seguintes os participantes confeccionam cada qual a sua coroa, a sua espada ou o seu espelho de mão, a sua capa, ou até a sua varinha mágica (como a do Merlin). Então cada um veste-se como o rei/rainha de seu próprio reino e é feito o anúncio de cada criança, que desfila aplaudida pelo grupo, e nesse momento é tirada uma foto de cada um. Depois cada criança constrói uma moldura para o seu auto-retrato. Em grupos de adolescentes, pode-se fazer o contorno do corpo de cada participante, que para isso deita-se sobre papel, e depois pinta-se dentro do corpo contornado, criando-se um personagem ou representando a si mesmo. Com adultos, pode-se, por exemplo, fazer mandalas ou desenhos expressando suas impressões sobre os trabalhos realizados ao longo das oficinas e seu sentido para cada um. Depois disso, pode-se criar uma história coletiva a partir dessas produções.

No último encontro, todos levam para casa os seus trabalhos, após compartilhá-los com o grupo, colocando-se todos em exposição para os comentários finais, quando cada um se coloca com relação a como foi participar das oficinas. Nesse dia pode ser feito algo para marcar esse momento, como, por exemplo, uma confraternização com troca de presentes confeccionados pelos participantes com os materiais expressivos disponíveis (sorteando-se para quem vai o presente, como no amigo secreto). Nessa ocasião pode-se também fazer um "banquete", no qual cada um traz um prato de comida - e não é isso o que acontece nos grupos? Cada um traz para o grupo um determinado tipo de alimento, a sua contribuição, e leva do grupo um banquete, uma refeição completa, com doces e salgados, frutas e sementes...

Nos processos de criação, o fio que liga a consciência ao inconsciente é afrouxado, sendo passível de ser tocado. A viibração decorrente desse toque promove o tremor do ser, presentificando cosmogonias possíveis. A criatura-consciência é então tocada pelas mãos do Criador-inconsciente, colocando-se a seu serviço como instrumento de singularização de suas forças arquetípicas, como agricultora das sementes-símbolos que eclodem de seu caldeirão fervilhante.

Quando estive entre os Guaranis, em 2003, um professor indígena guarani me contou que o nome dado às crianças é anteriormente sonhado pelo pajé, cacique ou outro membro da aldeia, pois já expressa a sua essência e missão nessa vida, os potenciais e atributos que carrega em sua alma. Ele disse também que o batismo das crianças da aldeia é feito em setembro, junto com o ritual de batismo das sementes.

> *Um nome é uma palavra-alma. Os nomes passam a ser entoados pelos deuses das moradas das palmeiras azuis, preparando-se para encarnar. A Mãe Terra mobiliza-se em seus quatro elementos: terra, água, fogo e ar, para gestar as futuras sementes-luzes que irão povoar como reino humano no mundo terreno. A natureza repete toda a melodia do princípio do macrouniverso para iniciar a vida no microuniverso chamado Terra. Assim, a vida multiplica-se e espalha-se* (Jecupé, 2001, p.91).

Jecupé (2001, p.77-78) nos conta que, segundo o mito de criação Guarani, a Mãe Terra surge *da base do cetro do Criador, vivificada pelas chamas e neblinas do Grande Som Primeiro*, e que *o cetro forma o eixo da Terra, por onde flui a forma de uma serpente sagrada*, aparecendo depois também *no trabalho da criação como a coluna vertebral do ser humano*. Ele diz que para os Guaranis, a expressão *tornar-se erguido* significa *reger o cetro da vida, criar a realidade como o Criador gera Mundos, com a cons-ciência do poder*. Sendo assim, *erguer-se é tornar-se consciente de seus valores mais profundos*. No mito de criação Guarani, segundo nos relata Jecupé, encontramos mais uma vez a idéia de um centro ordenador da criação, a partir do qual desdobram-se quatro quadrantes: *além do eixo, são erguidas as quatro colunas de sustentação da Terra: o nascente, o poente, o sul e o norte. Os antigos pajés chamam também veladamente de 'as quatro respirações da Grande Mãe'*.

Jecupé coloca que a palavra *tupy significa literalmente: tu = som e py = pé, assento (apy, apyka). Tupy quer dizer som-de-pé, ou seja, o ser humano. Uma tonalidade da Grande Música Divina colocada em pé, encarnada, dentro de um acento chamado corpo-carne, para entoar a criação no mundo terreno, para ser na Terra o que sua essência sagrada é no céu – escultor, tecelão, cantor e transformador da vida* (2001, p.79).

Olhando para o trabalho realizado nas oficinas por esse prisma, faz sentido dizer que as atividades artísticas podem promover a afinação entre corpo e alma para que, consciente de sua flauta interna e de suas notas, cada um possa encontrar em si (ou confeccionar) o seu vaso-vazio e abri-lo ao sopro do espírito, resgatando o seu poder pessoal e exercendo o seu potencial criador, tornando-se dessa forma um co-criador do seu destino e do mundo que o cerca, sempre em transformação, participando com os seus sons e o seu tom (com seus potenciais, singularidade e talentos) de uma grande sinfonia coletiva que, ao ser entoada, desvela cosmogonias e nos convida a dançar...

> *Os nomes mostram em que morada do mundo espiritual cada palavra-alma habita. Quando tornam-se carne, é necessário uma cerimônia para desvendar a essência-mãe de cada alma. Essa essência é o Dom doado de cada divindade – pode vir com o poder do fogo, da terra, da água ou do vento; pode ganhar as qualidades da neblina, da flor, da madeira do mel, das folhas verdes, dos campos, da pedra. Esses são os dons da palavra-alma, e a consciência desses dons favorece o caminhar da linguagem e do indivíduo na morada terrena, pois eles transmitem os temperamentos, os pontos fortes e fracos do ser* (Jecupé, 2001, p.93).

Referências

ANGWIN, R. *Cavalgando o dragão:* o mito e a jornada interior. São Paulo: Cultrix, 1996.

BERNARDO, P. P. *A doce medicina*: trabalhando a sabedoria da psique na criação de um conhecimento integrado ao auto-conhecimento. 2001. 297 p. Tese (Doutorado) Instituto de Psicologia-Área Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano, Universidade de São Paulo, São Paulo.

_____. *O processo criativo como veículo de transmutação do arco-íris em ponte - mandala (a utilização de recursos artísticos no trabalho terapêutico).* 1994. Dissertação (Mestrado), área Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo.

_____. Do caldeirão de sementes à harpa encantada. In: VIEIRA, M. C. T., VICENTIN, M. C. G., FERNANDES, M. I. A. (org). *Tecendo a Rede:* trajetórias da Saúde Mental em São Paulo. São Paulo: Cabral Editora Universitária, 1999, p. 215-232.

_____. A mitologia criativa e o olhar: dando corpo e voz aos diferentes aspectos do ser. In: ARCURI, I. (org) *Arteterapia de Corpo e Alma.* São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004, p. 121 a 145.

EDINGER, E. F. *Anatomia da psique.* São Paulo: Cultrix, 1990.

_____. *Ego e arquétipo.* São Paulo: Cultrix, 1989.

FINCHER, S. F. *O autoconhecimento através das mandalas*. São Paulo: Pensamento, 1994.

GRINBERG, L. P. *Jung: o homem criativo*. São Paulo: FTD, 1997.

JECUPÉ, K. W. *Tupã Tenondé:* a criação do universo, da Terra e do homem segundo a tradição oral Guarani. São Paulo: Peirópolis, 2001.

JUNG, C. G. *A natureza da psique.* Petrópolis: Vozes, 1984.

_____. *A prática da psicoterapia.* Petrópolis: Vozes, 1981.

_____. *A vida simbólica*. Petrópolis: Vozes, 1997.

NEUMANN, E. *História da origem da consciência.* São Paulo: Cultrix, 1990.

OSTROWER, F. *Criatividade e processos de criação.* Petrópolis: Vozes, 1978.

SAMS, J. *As cartas do caminho sagrado.* Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

2 - ARTE E DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL: POSSIBILIDADES E SIGNIFICADOS NO CONTEXTO DA SAÚDE MENTAL[10]

Maíra Bonafé Sei [11]

Resumo: Os símbolos e sua utilização, que trazem não apenas aspectos conscientes do objeto, como também elementos latentes, implícitos, se constituem como algo representativo da condição humana, diferenciando o homem dos demais seres. A área de saúde mental tem ampliado suas formas de atuação frente aos transtornos mentais, oferecendo estratégias diferenciadas de atuação, sendo que em algumas delas os recursos artísticos desempenham um papel significativo. Para melhor compreensão e atuação junto ao portador de transtorno mental, é interessante que se compreenda as diferentes formas que o mesmo tem para se comunicar, sendo que, no caso desta pesquisa, objetivou-se realizar uma investigação dos significados de trabalhos de arte de um usuário de um serviço de saúde mental, onde acontecem oficinas de pintura. Foram selecionadas, fotografadas e analisadas através da proposta de Païn & Jarreau, seis telas, produzidas em diferentes momentos pelo participante da pesquisa. A análise divide a obre em três códigos: morfológico, relacionado à estrutura da representação; simbólico, quanto ao sentido das imagens nas telas; e subjetivo, relacionado ao estilo pessoal do participante, sua marca singular. Quanto aos resultados, pôde-se notar uma melhora na capacidade expressiva do mesmo. Observou-se um processo de crescimento emocional, obtido através do trabalho artístico, mostrando que o trabalho da Arteterapia, ao propiciar o desenvolvimento de potenciais estagnados, aponta um caminho metodológico-terapêutico para a possibilidade da inserção ativa do participante na vida social.
Palavras-chave: Arteterapia; Saúde Mental; Psiquiatria.

Art and emotional development: possibilities and meaning in the context of mental health

Abstract: The symbols and its use, that bring not only the conscious aspects of the object, but also the latent ones, the implicit elements, constitute as something representative of the human condition, differentiating the man from the other animals. The area of mental health has extended its forms of treatment of the mental diseases, offering differentiated strategies of treatment, and, in some of them, the artistic resources play a significant role. For better understanding and treatment of people with mental diseases, it is interesting the comprehension of the different ways that people use to communicate. In the case of this research, the objective was to investigate the meanings of the artwork made by a patient of a service of mental health, where there are artistic workshops. Six artworks, produced at different moments for the participant of the research, had been selected, photographed and analyzed through the proposal of Païn and Jarreau. The analysis divides the artwork in three codes: morphologic, related to the structure of the representation; symbolic, related to the meanings of the images made in the screens; and subjective, related to the personal style of the participant, its singular mark. It was possible to notice an improvement in the expressive capacity. It was also observed an emotional growth, gotten through the artistic work, showing that art therapy, when propitiating the development of stagnated potentials, points to a methodological and therapeutically way to make possible the active insertion of the participant in the social life.
Key words: Art Therapy; Mental Health; Psychiatry.

Arte y desarrollo emocional: posibilidades y significados en el contexto de la salud mental

Resumen: Los símbolos y su utilización, que traen no sólo aspectos conscientes del objeto, como también elementos latentes, implícitos, que se constituyen como algo representativo de la condición humana, diferenciando al hombre de los demás seres. El área de salud mental ha ampliado sus formas de actuación frente a los trastornos mentales, ofreciendo estrategias diferenciadas de actuación, siendo que en algunas de ellas los recursos artísticos desempeñan un papel significativo. Para mejor comprensión y actuación junto al portador de trastorno mental, es interesante que se comprenda las diferentes formas que el tiene para comunicarse, siendo que, esta pesquisa tubo como objetivo realizar una investigación de los significados del trabajo de arte de un usuario del servicio de salud mental, donde se realizan talleres de pintura. Fueron seleccionadas, fotografiadas y analizadas por medio de la propuesta de Païn y Jarreau, seis telas, producidas en diferentes momentos por el participante de la investigación. El análisis divide la obra en tres códigos: morfológico, relacionado a la estructura

[10] Projeto de pesquisa financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).
[11] Psicóloga, arteterapeuta, mestre e doutoranda em Psicologia Clínica pelo IP-USP. Endereço: Rua Dirce Barbieri Gianese, 168 Vila São João – Barão Geraldo – Campinas-SP. E-mail: mairabonafe@hotmail.com

de la representación; simbólico, en cuanto al sentido de las imágenes en las telas; y subjetivo, relacionado al estilo personal del participante, su marca singular. En cuanto a los resultados, se pudo notar una mejora en la capacidad expresiva del mismo. Se observó un proceso de crecimiento emocional, obtenido por medio del trabajo artístico, mostrando que el trabajo de la Arteterapia, al propiciar el desarrollo de potenciales estancados, apunta a un camino metodológico-terapéutico para dar la posibilidad de inserción activa del participante en la vida social.
Palabras clave: Arteterapia; Salud Mental; Psiquiatría.

Introdução

> *É possível a uma pessoa esquizóide ou esquizofrênica levar uma vida satisfatória e mesmo realizar um trabalho excepcional. Pode ser doente, do ponto de vista psiquiátrico, devido a um sentido debilitado de realidade. Como a equilibrar isso, pode-se afirmar que existem pessoas tão firmemente ancoradas na realidade objetivamente percebida que estão doentes no sentido oposto, dada a sua perda do contato com o mundo subjetivo e com a abordagem criativa dos fatos (WINNICOTT, 1975, p. 97).*

A compreensão acerca do ser humano tem mudado com o passar dos tempos. Assim, inicialmente predominava uma visão mais filosófica, passando para uma visão mais mecanicista, biológica, para então ser novamente visto de forma mais integral e completa (BOCK, FURTADO e TEIXEIRA, 1999). Também a concepção de saúde, doença e tratamento foi sendo modificada e, no que concerne a área de saúde mental, tem-se hoje uma integração maior entre os diversos campos do saber, tais como medicina, psicologia e arte, baseando-se na multidisciplinaridade, que *não estuda o homem apenas como organismo biológico e personalidade individual, mas também como membro social e cultural* (TOMMASI, 2005, p.143).

Propõe-se, atualmente, diferentes espaços terapêuticos, integrando família, sociedade e o indivíduo em sofrimento psíquico, buscando acolher esse ser, respeitando-o, valorizando-o, objetivando a *criação de formas mais humanizadas e integradoras de tratar o portador de transtorno psíquico, visando à reconstrução do indivíduo e não à sua exclusão* (KANTORSKI, 2004, p.28).

Refletindo sobre estratégias humanizadoras de se tratar o homem, há autores que pontuam o papel que a arte e a criatividade desempenham na vida dos seres humanos, apontando para a grande importância dos mesmos para um viver saudável. Para Ostrower (1988, p.167) *os processos de percepção se interligam com os próprios processos de criação. O ser humano é por natureza um ser criativo. No ato de perceber, ele tenta interpretar e, nesse interpretar, já começa a criar*.

Além disso, o trabalho na área de artes pode representar não apenas algo, mas também, seu autor, uma época, uma cultura, sendo que, *a representação própria às artes plásticas é uma tentativa de tornar visível uma forma, de chamar um olhar, dar a ver, de realizar um objeto que transparece que é a imagem do outro* (PAÏN e JARREAU, 1996, p.43).

No que concerne a questão da criatividade, Winnicott (1975) defende que a possibilidade das pessoas poderem ser criativas, algo decorrente da capacidade de se colocar de forma verdadeira no mundo, encontra-se extremamente atrelada ao grau de saúde dos indivíduos. Assim, seria *através da apercepção criativa, mais do que qualquer outra coisa, que o indivíduo sente que a vida é digna de ser vivida* (p.95). Já para Jung, a criatividade se constituiria como uma função psíquica natural, desempenhando um papel estruturante, que se daria através da utilização dos símbolos (CARVALHO & ANDRADE, 1995).

> É possível, então, observar as relações entre arte e saúde, sendo possível também perceber a ampliação da utilização da arte como recurso terapêutico. Sua inserção no Brasil, aconteceu no início do século passado com os trabalhos pioneiros de Osório César, em São Paulo, e Nise da Silveira, no Rio de Janeiro , na área de saúde mental (FERRAZ, 1998; TOMMASI, 2005). O campo da Arteterapia foi sendo, então, gradualmente firmado e ampliado, considerando-a, nestes casos, “como um processo terapêutico, que ocorre através da utilização de modalidades expressivas diversas” (PHILIPPINI, 2004, p.13), sem haver uma abordagem das questões técnicas, estéticas, acadêmicas, usuais na área de artes em geral.

Segundo Urrutigaray (2004), a Arteterapia possibilitaria a reconstrução e integração da personalidade, oferecendo condições para o sujeito transcender vivências imediatas e estar disponível para novas experiências e sentimentos. O arteterapeuta deveria promover estímulos para a pessoa criar e finalizar seu trabalho, acompanhando-o neste percurso através da observação de suas atividades e expressões verbais.

Para Ciornai (1995), o fazer artístico, considerando-se a relação terapêutica, proporciona, de maneira eficaz e rápida, *pontes para a intersubjetividade, um contato rico, íntimo e profundo que, dependendo do caso, pode prescindir de palavras ou enriquecer com ela* (p.62). Segundo a autora, as atividades artísticas podem se constituir como catalisadoras de um processo de resgate de qualidade de vida e do viver, em seu sentido mais humano.

Já Rhyne (2000) defende que *esse tipo de autodescoberta pela arte pode e freqüentemente leva não apenas à auto-realização, mas também a um aumento da capacidade de comunicação, compreensão, relacionamento e compromisso com os outros* (p.221). Pensa-se que o trabalho terapêutico que se utiliza dos recursos da arte pode promover o desenvolvimento emocional dos indivíduos que com ele têm contato, dado o aumento da capacidade de comunicação, da percepção e entendimento de si mesmo, e com isso, da saúde e integração, seja psíquica, seja social, percebidos através dos relatos dos diversos autores apresentados, validando tanto sua aplicação como pesquisa na área de saúde mental.

Método

Esta pesquisa configura-se como uma pesquisa qualitativa e, assim, fundamenta-se em um paradigma de ciência que aceita a existência de realidades múltiplas, baseado na lógica da descoberta e não na lógica da verificação e buscando aprofundar-se em aspectos do mundo real que precisam não de um olhar mais extensivo e sim de um mergulho em seus siginificados (EIZIRIK, 2003).

Assim, considerando que

> (...) *a Arteterapia é uma modalidade terapêutica e expressiva que trabalha com três enfoques básicos: a produção de imagens (efetivada pela linguagem das artes plásticas ou corporais); o processo criativo da arte; a relação da pessoa com a obra, já que cada imagem tem um significado singular e específico para cada ser humano trabalhado* (VALLADARES, 2004, p.109),

buscou-se compreender melhor os significados implícitos nos trabalhos de um indivíduo, diagnosticado como tendo esquizofrenia paranóide, usuário constante de um serviço de saúde mental e participante das oficinas de pintura que aconteciam no local.

Foi inicialmente realizada uma longa observação participante do serviço, e posteriormente, foram escolhidas e fotografadas seis telas, produzidas em diferentes momentos e aqui apresentadas em ordem cronológica de confecção, além de entrevistas com o autor dos trabalhos e com sua família.

Com o apoio do participante da pesquisa, foram investigados os sentidos de seus trabalhos, sendo que a análise do material foi realizada a partir da proposta de Païn e Jarreau (1996), que dividem a obra em três diferentes códigos: o morfológico, o simbólico e o subjetivo.

Para a compreensão quanto à estrutura dos desenhos, foram utilizados os conhecimentos advindos dos testes de desenho. No que concerne o código simbólico, a análise se apoiou no Dicionário de Símbolos (CHEVALIER & GHEERBRANT, 1982), que traz informações de ordem cultural e psicológica acerca dos diversos símbolos existentes. A utilização do mesmo visava promover uma multiplicação de idéias quanto ao simbolizado, não sendo utilizado de forma reducionista, tal qual uma verdade única. Quanto ao aspecto subjetivo, relativo ao estilo pessoal, característico do código subjetivo, buscou-se integrar as diversas informações sobre aquele indivíduo com o título atribuído às telas e com sua fala a respeito dos trabalhos selecionados, pedindo-se que associasse livremente conteúdos, vivências, sentimentos.

Resultados

Foram selecionadas, como descrito no item referente ao Método, seis telas produzidas pelo participante desta pesquisa e que serão agora apresentadas em ordem cronológica de confecção e analisadas, conforme anteriormente exposto.

Fig. 1 - Um país cheio de cores

O primeiro dos trabalhos foi nomeado como “Um país cheio de cores”, tendo havido significativa dificuldade para falar sobre o mesmo. Devido à dificuldade de sustentar e manusear o pincel, foi oferecida uma espátula para confecção deste seu primeiro trabalho de pintura. Escolheu as cores que mais lhe apeteciam, mas recebeu uma pequena ajuda de um funcionário nos momentos de segurar a espátula e aplicar a tinta na tela.

Pensando-se no aspecto morfológico, é fácil perceber a forte pressão empregada para se pintar com a espátula, que acabou por marcar o tecido da tela. Isto poderia ser um indicativo de tensão e uma certa descarga motora durante a realização da atividade. As cores utilizadas foram predominantemente escuras, não tendo sido desenhado nada em especial, realizando, neste momento, um jogo de cores.

Quanto ao aspecto simbólico, não se observa um desenho ou representação específica, sendo que o título também indica uma representação genérica: “Um país cheio de cores”. Foi pedido que o participante falasse um pouco sobre este trabalho, dizendo que poderia falar sobre o que via e sentia diante do contato com a tela. Ele falou sobre elementos da natureza, de certa maneira “soltos”, sem promover grande integração entre aquilo que era citado. É possível hipotetizar que a dificuldade de simbolização na representação gráfica reflete-se também na comunicação oral, quando o sujeito pontua que “é meio difícil falar”.

Tem-se uma dificuldade em nomear objetos e também sentimentos, quando se pensa na questão do código subjetivo. Contudo o título dado ao trabalho pode ser indicativo de uma necessidade de se trabalhar com as suas emoções. Refletindo-se acerca do fato da tela espelhar o mundo interno do participante, pode-se hipotetizar que havia, dentro dele, um mundo caótico, indefinido e sombrio, cercado de grande confusão, descontrole e desorganização. Contudo, mostra-se também como um mundo repelto de possibilidades, diante da disposição do participante de trabalhar, falar sobre o que via, colocar-se para um outro, que buscava respeitá-lo em seus limites.

Fig. 2 - Um paraíso cheio de cores

O título da segunda tela escolhida para análise era “Um paraíso cheio de cores”. Esta apresentava-se com semelhanças em relação à primeira tela, com fundo pintado com cores escuras, utilizando-se da espátula, similar ao observado na tela anterior. Entretanto, a pressão no pintar já não era tão grande, sugindo algumas figuras diferenciadas do escuro fundo.

No que concerne o elemento morfológico da obra, tem-se uma ocupação de todo o espaço disponível com o fundo, sendo que, as figuras foram posicionadas nas extremidades da tela, podendo indicar um certo desejo de fuga. Há, ainda, uma pressão no pintar, mas demonstrou maior habilidade motora ao poder pintar os elementos mais definidos, utilizando-se do pincel.

Ainda não foi possível para o sujeito nomear livremente as formas por ele pintadas, relatando ver uma cachoeira e uma árvore. Assim, quanto à questão simbólica, pode-se imaginar que a forma que aparece na tela, aparentemente sem sentido, se configuraria como um sol ou um óvulo, ambos com o sentido de origem da vida, de fecundidade. Contudo, a extremidade serrilhada e as cores vermelha e amarela combinadas, podem significar agressão e hostilidade. Do lado oposto há uma figura na cor vermelha, que pode ser vista como um embrião, onde a vida já estaria em crescimento, muito embora, sua cor indique estar tendente à agressão e hostilidade. A cor utilizada no fundo poderia apontar para uma certa ansiedade.

Quanto ao elemento subjetivo, quando comparado com o trabalho anterior, observa-se um surgimento de maior ordem no mundo interno, muito embora, gerando ansiedade. É possível inferir que este momento de vida, mais fechado e protegido seria considerada como próxima de um paraíso, para este indivíduo. A vida no exterior seria carregada de adversidades e problemas, podendo haver um desejo de retorno a esse estado, demonstrado inclusive pela infantilização do participante frente ao mundo externo, inclusive referindo-se a si mesmo como sendo uma criança.

Fig. 3 - A imagem das cores

O terceiro trabalho escolhido recebeu o título “A imagem das cores”, sendo um trabalho que pode fazer com que o indivíduo trouxesse mais associações. Pôde apontar elementos como peixe, passarinho e outros seres, através desse surgimento de figuras mais definidas, contornadas e delimitadas.

A análise do elemento morfológico indica uma estruturação melhor do espaço disponível, além de melhora na capacidade de expressão. Aparecem figuras diferenciadas pelo colorido utilizado, com um trabalho mais “vivo”, variado, sem a predominância de cores escuras como nos anteriores. Através da organização do caos feita pelo participante, as cores passam a se apresentar separadas, demonstrando uma direção maior de suas emoções, além de um desejo de equilíbrio e ordem.

Quanto à questão simbólica, pode-se notar um início de individualização, dado o aparecimento das figuras citadas, indicando a busca de um eu mais definido e integrado. No aspecto subjetivo, percebe-se uma evolução observada pela nomeação das formas pintadas na tela. O nome atribuído à tela, “A imagem das cores”, mostra que aquilo que antes era indiferenciado, agora tem forma, sendo inclusive possuidor de uma “imagem”, indicativa de um movimento rumo à uma discriminação.

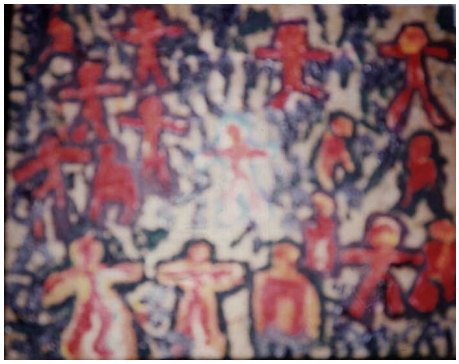


Fig. 4 - Uma nova esperança

O título atribuído à quarta tela é “Uma nova esperança”, sendo que neste trabalho há uma representação de várias pessoas. Segundo o autor do trabalho, estas pessoas pintadas estariam brincando e seriam uma esperança para o novo milênio. Pode-se dizer que isto seria representativo de um início de individualização, onde, a partir de representação de formas animais caminha-se para a elaboração de figuras humanas, com pessoas unidas em um grupo.

A análise do aspecto morfológico aponta para um amplo preenchimento do espaço disponível, com as figuras humanas feitas sobre um fundo dourado, cuja cor é indicativa de força, energia e euforia. Contudo, os “molequinhos”, denominação dada pelo sujeito, foram pintados numa combinação de vermelho e amarelo, e contornados com a cor preta, fato que pode indicar certa hostilidade e negativismo. Os braços estendidos poderiam significar uma busca de contato com o outro.

No que se refere ao elemento simbólico, que se liga ao tema da tela, pode-se apontar para uma associação entre o nome atribuído pelo participante e seu caminhar, rumo a um desenvolvimento, caminho esse cercado por desejo e esperança de melhorias. O homem pode ser considerado como uma síntese do mundo e representando o centro e princípio de unidade, evitando-se uma dissociação e desintegração características de diversos transtornos mentais. Pode-se pensar também que a representação de um grupo serviria como uma maneira de sustentar uma identidade perdida, ou talvez nunca alcançada.

Quanto à questão subjetiva, foi observado uma possibilidade de se expressar verbalmente, quando discorre sobre seu trabalho. Foi por ele citado o tema da violência, com as crianças representando uma oportunidade de

mudança. Fez uma relação entre a infância e um estado de não violência, por ele almejado. Pode-se pensar em uma associação como esta em sua vida também, já que mostra um desejo de ser criança, infantilizando-se, comportamento talvez relacionado com uma defesa contra a própria agressividade, tida como altamente destrutiva.

Fig. 5 - sem título

O quinto trabalho não recebeu um título, sendo fruto de uma atividade mais direcionada, realizada no serviço, cujo tema apresentado era de festa junina. Notou-se, através de tal situação, uma regressão de sua capacidade criadora, diante de demandas externas. Fez algo próximo a um emaranhado de traços, podendo se configurar mais como uma necessidade de expressão da afetividade do que como uma comunicação definida.

Quanto ao elemento morfológico, pode-se dizer que, apesar de não haver alguma figura definida, há uma ordem na disposição dos traços, respeitando uma margem de contorno como uma expressão extravasante e contida. Em relação à utilização das cores, teve-se um representativo uso da cor verde, que carrega um significado de criação, de reprodução, mas também, de inibição frente a uma solicitação imposta pelo social.

No aspecto subjetivo, foi observada uma dificuldade de corresponder através de uma linguagem gráfica, artística, às exigências sociais, refletida não apenas na ausência de contornos definidos como também na ausência de um título. O sujeito hipotetizou sobre figuras que poderia ser vistas em seu trabalho, mas não foi possível perceber uma integração entre formas e sentimentos quanto àquilo que foi citado.

No que se refere à questão mais pessoal do indivíduo, quanto ao aspecto mais subjetivo, observa-se um retorno à uma representação caótica. Contudo, tem-se algo mais “evoluído”, visto que foi possível a utilização do pincel e de cores diferentes, sem uma clara tendência apenas para o claro ou escuro. Quanto ao fato de não atribuir um título, pode ser significativo de uma dificuldade ainda existente na área de simbolização e representação.

Fig. 6 - Liberdade

A sexta e última tela apresentada neste artigo recebeu um siginificativo título de “Liberdade”. É importante observar que a fala do sujeito é permeada por vivências familiares de dor e sofrimento e um título como este pode ser visto de maneira extremamente positiva. Para execução da pintura, teve-se a utilização de espátula, com a escolha de cores claras e muito vivas, diferentes daquilo que foi apresentado nos trabalhos iniciais. Quanto ao elemento morfológico, notou-se que espaço disponível foi amplamente ocupado, com representação de imagens circulares, feitas com cores vibrantes.

Na questão simbólica reflete-se sobre as figuras circulares feitas e quando o autor das mesmas foi comentá-las, relatou ver um cachorro, um copo jogando água e a natureza. São elementos de certa forma abstratos, mas foi possível a partir desses itens fazer outras associações, ligadas a afetos, sentimentos daquela pessoa. Ao se

considerar que foram recordadas vivências de sofrimento familiares, é possível hipotetizar que o tema liberdade se relaciona com o desejo de se libertar de dores ocorridas no seio familiar.

No aspecto subjetivo, a atribuição deste título é vista como sendo significativa, já que pode indicar um desejo de liberdade física, devido ao fato de, diversas vezes, ser fisicamente contido em seu leito, dado os episódios de agressividade, ou de liberdade no âmbito do pensamento, encontrado através das possibilidades de criação oferecidas pela atividade de pintura, que se refletem na maior riqueza de cor e vida de seu trabalho.

Discussão

Através do trabalho expressivo, proporcionado pelos recursos artísticos, é possível para o indivíduo refletir sobre o contato que estabelece com o mundo externo, buscando se representar nesse mundo, reconquistando a noção de indivíduo e das possibilidades elaborativas e criativas de seu trabalho. As atividades desenvolvidas funcionam como um enquadre existencial, onde sentimentos e temores podem encontrar uma maneira de serem representados, sem uma necessidade de compreensão racional.

As atividades ligadas à Arteterapia podem ter usos diversos, já que além de comunicação, podem também ter um papel catártico para o indivíduo. Esta função é apontada por Hanes (2000), que discute o uso da catarse como forma de aliviar a tensão e ansiedade através da expressão das emoções que foram escondidas. Segundo o autor, o processo artístico tem uma habilidade inerente de fazer apelo às respostas emocionais, em vez de intelectuais, reafirmando a utilidade da arte como meio expressivo e terapêutico.

O componente catártico, descrito por Hanes, faz-se presente nas telas do participante estudado, podendo ser percebido através da pressão utilizada, da expansão do tônus muscular, da utilização de cores escuras, sem formas definidas, elementos que podem se constituir como indicativos de um expressar-se como forma de descarga. Esse indivíduo, apesar de diagnosticado como portador de esquizofrenia paranóide, era acometido freqüentemente por crises convulsivas ou surtos de agressividade, fazendo-se supor um quadro epilético, que seria caracterizado pelo recalque, timidez e explosões de agressividade ou descargas dirigidas para o próprio corpo.

A atividade artística pode proporcionar, além de, em alguns casos, a descarga de emoções, também a comunicação e simbolização de sentimentos, vivências, conflitos. No presente trabalho percebeu-se resultados visíveis tanto em relação a um possível processo sublimatório oferecido pela arte, quanto em relação à inserção social do participante da pesquisa.

Este indivíduo passou a se mostrar de forma mais solta, sem a rigidez inicial, talvez por poder sentir um acolhimento por parte do serviço. É importante ressaltar que o lúdico e a criatividade possuem um papel primordial para o desenvolvimento emocional, tal como pontuado por Winnicott (1975). Segundo este autor, *é no brincar, e somente no brincar, que o indivíduo, criança ou adulto, pode ser criativo e utilizar sua personalidade integral: e é somente sendo criativo que o indivíduo descobre o eu (self*) (p.80).

Para que o brincar seja possível, é importante que a pessoa possa desfrutar de um ambiente, denominado por ele, de "suficientemente bom" (WINNICOTT, 1963). Neste caso, tem-se as necessidades básicas atendidas e através disso, o indivíduo em desenvolvimento tem uma ilusão de onipotência, base para a saúde e o ser criativo e verdadeiro. Quando as condições mínimas para um viver saudável não estão presentes, é possível que a pessoa desenvolva uma estratégia de defesa, em que desenvolve um falso *self* adaptado às demandas externas, mas não àquilo que a pessoa tem de verdadeiro, subtraindo o sentido da vida. A criatividade tem, então, enorme importância por sua função norteadora do viver saudável. Assim, *a submissão traz consigo um sentido de inutilidade e está associada à idéia de que nada importa e de que não vale a pena viver a vida* (WINNICOTT, 1975, p.95).

Ainda em relação ao brincar e criar, tem-se Freud (1908), que, ao discorrer sobre a arte de escrever e os escritores criativos, compara a atividade de criação dos mesmos ao brincar das crianças. Segundo o autor, o brincar se constitui como uma séria atividade, onde muita emoção é dispendida, sendo que *o escritor criativo faz o mesmo que a criança que brinca. Cria um mundo de fantasia que ele leva muito a sério, isto é, no qual investe uma grande quantidade de emoção* (FREUD, 1908, p.136).

É possível notar, através do sujeito e trabalho do mesmo apresentado no decorrer deste artigo, que muita emoção e sentido estavam presentes em seu trabalho, precisando, entretanto de um olhar atento, cuidado, para percebê-los, estimulando o participante a continuar com seu trabalho. Diferenciava-se dos demais usuários do serviço por não ter uma fluência verbal tão grande, percebida quando se pedia para atribuir títulos ou sentidos para sua produção. Sua forma de se colocar no serviço era acolhida e assim, podia se mostrar como realmente era, com deficiências, mas também com grandes potencialidades. Buscou-se desenvolver aquilo que tinha de potencial, que em seu caso, estavam ligadas mais às representações abstratas apresentadas, mas que, através da análise, apontavam para um claro desenvolvimento por parte do indivíduo. Ele pôde caminhar de um estado de escuridão e indiferenciação para um outro momento, recheado de sentidos, com limites mais definidos, cores diversas, alegres, enfim, com vida. Assim, pode-se defender que o trabalho que se utiliza de linguagens artísticas promovem um desenvolvimento emocional, através do viver criativo insiprado no verdadeiro ser do indivíduo e não

apenas uma face racional e aparentemente adaptada à realidade, sendo algo de extrema importância, principalmente para o trabalho na área de saúde mental.

Conclusão

O trabalho que se utiliza de linguagens artísticas objetiva promover o desenvolvimento emocional, o viver criativo inspirado no verdadeiro ser do indivíduo e não apenas uma face racional e aparentemente adaptada à realidade. Dessa maneira, a expressão plástica pode colaborar para expressão de conflitos e também, na busca de superação da situação de dor e impotência, na integração psíquica e na descoberta do lúdico.

Essas facetas do trabalho artístico, realizado com fins terapêuticos, se fazem presente na dança das cores e formas produzida pelo participante em suas diversas telas. Foi possível para este indivíduo se utilizar da expressividade como forma de descarga de sentimentos, emoções guardadas dentro de sim, mas, além disso, como um processo de crescimento emocional e individuação, claramente observado através do desenvolvimento de formas, de figuras humanas, saindo de imagens confusionais para algo discriminado.

Todo esse processo pode ter uma função facilitadora do reconhecimento da capacidade e utilidade das pessoas em relação a si próprias e em como se colocam na sociedade, permitindo-se o resgate da identidade e provocando maior conscientização e atuação sobre o real.

Nas produções era perceptível a existência de uma íntima relação entre representação feita e os sintomas apresentado pelo participante do estudo, enquanto expressão elaborativa da situação traumática e/ou conflituosa. Entretanto, pode-se perceber também uma superação das limitações impostas pelo diagnóstico psiquiátrico, através de uma viva e rica representação de aspectos internos, que traz para a vida um sentido atrelado à verdade sobre si.

Assim, para concluir, no caso estudado através desta pesquisa, teve-se, através do trabalho artístico, uma melhora na capacidade expressiva do indivíduo, além da emergência do processo de desenvolvimento e individuação do indivíduo trabalhado. Os resultados apontam para o fato do trabalho da Arteterapia, ao propiciar o desenvolvimento de potenciais estagnados, se constitui como um caminho metodológico-terapêutico para promoção de uma inserção ativa do portador de transtorno mental na vida social, caminho este que deve ser estimulado e melhor estudado.

Referências

BOCK, A. M. B., FURTADO, O. e TEIXEIRA, M. L. *Psicologias*: uma introdução ao estudo da psicologia. São Paulo: Saraiva, 1999.

CARVALHO, M. M. J. e ANDRADE, L. Q. Breve histórico do uso da arte em psicoterapia. In: CARVALHO, M. M. J. *A arte cura?* Recursos artísticos em psicoterapia. Campinas: Editorial Psy II. 1995.

CIORNAI, S. Arteterapia: o resgate da criatividade na vida. In: CARVALHO, M. M. M. (Org.) *A arte cura?* Recursos artísticos em psicoterapia. Campinas: Editoral Psy II, 1995.

CHEVALIER, J. e GHEERBRANT, A. *Dicionário de Símbolos*: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. Rio de Janeiro: José Olympio, 2000.

EIZIRIK, M. F. Por que fazer pesquisa qualitativa? *Revista brasileira de psicoterapia*, v. 5, n. 1, 2003.

FERRAZ, M. H. C. T. *Arte e loucura*: limites do imprevisível. São Paulo: Lemos Editorial, 1998.

FREUD, S. (1908) Escritores criativos e devaneio. In: FREUD, S. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*: edição standard brasileira. Vol. IX. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

HANES, M. J. Catharsis in art therapy: a case study of a sexually abused adolescent. *American Journal of Art Therapy*, v. 38, p. 70-74, 2000.

KANTORSKI, L. P. O cuidado em saúde mental no contexto da reforma psiquiátrica. In: VALLADARES, A. C. A. *Arteterapia no novo paradigma de atenção em saúde mental*. São Paulo: Vetor, 2004.

OSTROWER, F. A construção do olhar. In: NOVAES, A. (org) *O olhar.* São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

PAÏN, S. e JARREAU, G. *Teoria e técnica da Arteterapia*: a compreensão do sujeito. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

PHILIPPINI, A. *Para entender Arteterapia*: cartografias da coragem. Rio de Janeiro: Wak, 2004.

RHYNE, J. *Arte e Gestalt*: padrões que convergem. São Paulo: Summus, 2000.

TOMMASI, S. M. B, *Arteterapia e loucura*: uma viagem simbólica com pacientes psiquiátricos. São Paulo: Vetor, 2005.

URRUTIGARAY, M. C. *Arteterapia*: a transformação pessoal pelas imagens. Rio de Janeiro: WAK, 2004.

VALLADARES, A. C. A. A Arteterapia e a reabilitação psicossocial das pessoas em sofrimento psíquico. In: VALLADARES, A. C. A. *Arteterapia no novo paradigma de atenção em saúde mental*. São Paulo: Vetor, 2004.

WINNICOTT, D. W. (1963) Da dependência à independência no desenvolvimento do indivíduo. In: *O ambiente e os processos de maturação*: estudos sobra a teoria do desenvolvimento emocional. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983.

WINNICOTT. D. W. *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

3 - EXPRESSÃO PICTÓRICA E ESCRITA CRIATIVA EM SAÚDE MENTAL: UM ESTUDO DE CASO

Vera Maria Guadalupe Rocha[12]

Resumo: Este texto apresenta um esforço de reflexão sobre a prática de Arteterapia na construção do desenvolvimento criativo de uma pessoa portadora de sofrimento psíquico. Trata-se de um relato de caso entre cidadã e cidadão, cuidadora e cuidado, e que, perpassam a Arte como objeto de comunicação e conhecimento humano. O estudo foi desenvolvido na CLIARTE - Clínica de Psicoterapia, Atelier de Arte/Terapêutico & Estudos, no município de Pelotas/RS. Este trabalho representa também a ampliação de experiências que produzam um novo olhar no sentido de buscar atitudes terapêuticas mais adequadas no cuidado com o portador de transtorno mental e reafirmem ênfase no tratamento biopsicossocial não excludente, a partir de princípios norteados pela reforma psiquiátrica brasileira em curso. Entendemos que questões que envolvam políticas de caráter social são amplamente questionadas e discutidas e que o processo de reconstrução de cidadania pautada pela ética e cuidado mais humanitário à pessoas em sofrimento mental não será concluído através dos resultados deste estudo. Entretanto, pretendemos levantar a discussão e compartilhar este registro com o objetivo de enriquecer e produzir conhecimentos sobre a prática de Arteterapia a partir de uma experiência pessoal e local.
Palavras-chave: Arte; Reabilitação Psicossocial; Arteterapia.

Pictorial expression is written creative in mental health: a study of case

Abstract: This text presents a reflection effort on the Arteterapia practice in the construction of a person's bearer of psychic suffering creative development. It is treated of a case report among citizen and citizen, caretaker and care, and that, perpassam the Art as communication object and human knowledge. The study was developed in CLIARTE - Clinic of Psychotherapy, Studio of Arte/Terapêutico & Studies, in the municipal district of Pelotas/RS. This work the enlargement of experiences that you/they produce a new one acts also to look in the sense of looking for attitudes more appropriate therapeutics in the care with the bearer of mental upset and reaffirm emphasis in the treatment biopsicossocial no excluding, starting from beginnings orientated by the Brazilian psychiatric reform in course. We understood that subjects that involve politics of social character are questioned thoroughly and discussed and that the process of reconstruction of ruled citizenship for the ethics and humanitarianer care to people in mental suffering won't be concluded through the results of this study. However, we intended to lift the discussion and to share this registration with the objective of to enrich and to produce knowledge on the Arteterapia practice starting from a personal and local experience.
Key words: Art; Rehabilitation Psychosocial; Art Therapy.

La expresión pictórica es la creadora escrito en la salud mental: un estudio de caso

Resumen: Este texto presenta un esfuerzo de la reflexión en la práctica del Arteterapia en la construcción del portador de una persona de sufrimiento psíquico el desarrollo creativo. Se trata de un informe del caso entre el ciudadano y ciudadano, conserje y cuidado, y que, perpassam el Art como el objeto de comunicación y el conocimiento humano. El estudio se desarrolló en CLIARTE - la Clínica de Psicoterapia, el Estudio del Arte/Terapêutico & Studies, en el distrito municipal de Pelotas/RS. Este trabajo el agrandamiento de experiencias que los you/they producen un nuevo también actúa para parecer en el sentido de buscar las actitudes el therapeutics más apropiado en el cuidado con el portador de reserva mental perturbe y reafirme el énfasis en el biopsicossocial del tratamiento ningún excluyendo, empezando de los principios orientaron por la reforma psiquiátrica brasileña en el curso. Nosotros entendimos que se cuestionan asuntos que involucran política de carácter social completamente y se discuten y que el proceso de reconstrucción de ciudadanía gobernada para las ética y el cuidado más humanitario a las personas en el sufrimiento mental no se concluirá a través de los resultados de este estudio. Sin embargo, nosotros pensamos alzar la discusión y compartir esta registración con el objetivo de enriquecer y producir el conocimiento en el arranque de práctica de Arteterapia de una experiencia personal y local.
Palabras clave: Arte; Reabilitación Psicosocial; Arteterapia.

[12] Bacharel em Artes Visuais - Habilitação em Pintura, Lincenciada em Arte – Habilitação em Artes Visuais (UFpel-RS) Pós Graduadada em Arteterapia pela Faculdade de Ensino Superior de Marechal Cândido Rondon – Curitiba-PR

Introdução

Este trabalho tem por objetivo registrar e relatar a experiência de estágio enquanto requisito parcial à obtenção do Certificado de Especialista no Curso de Pós-Graduação em Arteterapia, pela Faculdade de Ensino Superior de Marechal Cândido Rondon - turma 125, tendo sido realizado no município de Pelotas/RS e promovido pelo ISEPE Instituto Superior de Ensino e Pesquisa de Curitiba/PR.

O estágio se dividiu em dois momentos: Artístico e de Atuação.

O estágio artístico correspondeu à exigência de participação do corpo discente em atividades artístico culturais, objetivando a aproximação e educação de um olhar mais sensível e reflexivo frente as diferentes linguagens da Arte. A carga horária mínima exigida para esta etapa correspondeu a 40h, comprovadas e registradas a partir da realização de um dossiê artístico.

O estágio de atuação privilegiou a prática e intervenção no espaço terapêutico através da utilização da Arteterapia como instrumento mediador e facilitador de promoção de saúde junto a uma pessoa portadora de sofrimento psíquico. Esta etapa contemplou um total de 60 horas entre observação, análise, intervenção e registro.

Para uma melhor compreensão das idéias aqui apresentadas, elaboramos uma visão panorâmica das partes desenvolvidas neste relatório de campo discorrendo-as conforme classificação a seguir.

Na primeira parte apresentamos a metodologia empregada e os instrumentos utilizados para a prática do estágio de atuação no espaço arteterapêutico.

Na segunda parte realizamos uma breve descrição sobre as características da instituição, sua estrutura formal e física, clientela que atende e critérios de escolha do espaço. Também descrevemos sobre o estudo de caso com o qual trabalhamos e o caminho percorrido.

Na terceira parte analisamos a experiência do estágio de atuação e a intervenção no espaço arteterapêutico. Destacamos algumas situações ocorridas nas oficinas/sessões, tomada de decisões, possibilidades, aspectos facilitadores e limitadores.

Na quarta e última parte, espaço destinado as considerações finais, estão presentes, minha visão do processo arteterapêutico no trabalho construído e o aporte teórico empregado.

Metodologia

O relatório do estágio de atuação foi desenvolvido paralelamente ao trabalho de conclusão de curso - TCC, portanto, já pincelando e revelando nuances do objeto de pesquisa da monografia.

O foco da investigação foi dirigido a um estudo de caso com uma pessoa portadora de sofrimento psíquico severo e persistente. Os critérios da escolha recaíram, primeiro, pelo interesse em reabilitação psicossocial e diretrizes de cuidados em saúde mental orientados pelo processo da reforma psiquiátrica em curso no Brasil e pela atuação em diferentes momentos e espaços com esta mesma clientela. Segundo, transformar em registro escrito esse encontro entre prática e terapia através da Arte, e que vem, no caso específico desse mesmo sujeito estudado, sendo desenvolvido desde 2003. Assim, este relatório, apresenta e registra mais uma etapa deste encontro.

Nossa proposta metodológica contemplou as seguintes fases:

1. Observação e análise - relatórios descritivos onde constam ocorrências e depoimentos de propostas registradas em vivências anteriores (diário de bordo). Investigação oral, contatos e encontros para acordar e apresentar a proposta de trabalho ao indivíduo selecionado para o estudo.
2. Intervenção – ação participativa, aplicação e orientação artística das propostas desenvolvidas.
3. Registro – documental e fotográfico.

Sobre a Instituição

O estágio de atuação e a intervenção terapêutica ocorreram na CLIARTE – Clínica de Psicoterapia, Atelier de Arte/Terapêutico & Estudos, localizado na rua XV de Novembro, 301/casa ,bairro Centro, cep 96015000, no município de Pelotas/RS. Telefone 0xx53.32782643. E-mail: cliarte7@yahoo.com.br

A CLIARTE iniciou oficialmente suas atividades em dezembro de 2004 surgindo como um espaço aberto, pioneiro e inovador para atenção e cuidados em saúde mental, para uma clientela particular que não ingressa na oferta da rede pública de serviços.

A proposta da CliArte surgiu de um grupo de sete mentaleiras – *terminologia criada para identificar defensores e seguidores do processo de reforma psiquiátrica brasileira em curso* – que comungam idéias e ideais em comum. A equipe é composta por sete profissionais: 3 (três) do campo da Arte, artistas plásticas e arte educadoras, entre estas eu, e 4 (quatro) psicólogas. Nas trajetórias, experiências exitosas e bem sucedidas em saúde mental pública e coletiva.

O espaço oferece além de tratamento, educação e cultura a partir de diferentes atividades abertas à clientes e comunidade em geral. Para a efetivação de atividades diferenciadas, contamos com a seguinte estrutura física: Atelier de Pintura; Atelier de Cerâmica; Sala Entre-Meios - para atividades de música, teatro, vídeo, saraus poético, literário e diálogos; Bazar Artístico (*Bazarte*); Consultórios de psicoterapia (2), espaço de ludoterapia, cozinha interativa, banheiro e pátio. Em construção espaço destinado a exposição de arte.

Assim, aliando e integrando à Arte enquanto facilitadora de processos terapêuticos, estamos construindo um novo jeito de fazer clínica.

A opção de realizar o estágio no próprio local de trabalho traz como objetivos:

- Garantir a continuidade do estudo, mesmo após o término do cumprimento da carga horária exigida para o estágio de atuação;
- Preencher uma lacuna que ficou aberta entre um sujeito que busca pela arte os seus desejos mais íntimos e entre uma profissional que acredita poder ajudá-lo nesta busca;
- Validar e registrar a construção prática/teórica do Atelier Terapêutico CliArte.

Conhecendo o cidadão e o percurso histórico

P.R., sexo masculino, solteiro, negro, pobre, nasceu na cidade de Pelotas/RS em 12 de dezembro de 1959 onde reside até hoje. Mora com a família constituída de pai, mãe, três irmãos adultos e 4 sobrinhos. Freqüentou a escola até o primeiro ano do ensino médio (curso técnico de eletromecânica). Portador de sofrimento psíquico crônico diagnosticado como *esquizofrênico*. Relatou que antes da doença trabalhou em várias empresas da cidade e também na capital gaúcha (Porto Alegre). Mantém-se financeiramente com benefício do governo.

Conheci o sujeito deste estudo em agosto de 2003, quando atuava como artista plástica em um dos 7(sete) CAPS - Centro de Atenção Piscossocial[13] de Pelotas/RS.

Nesta época, na condução das oficinas terapêuticas, observei o interesse de P.R. pelos materiais artísticos e certa familiaridade com o manuseio destes. Foi sem medo, sem qualquer pretensão e no modelo mais tradicional de pintura que numa tarde ensolarada de verão, nos preparamos para uma aula experimental de pintura sobre tela – na qualidade de orientação individual.

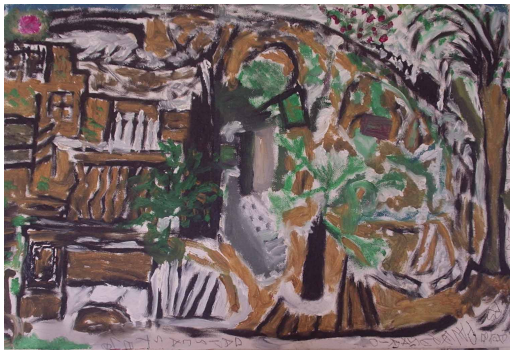
A proposta era pintar a fachada do Serviço como forma de percepção do espaço que o circundava e que o acolhia. Não tendo havido resistência ao tema, foram sugeridos os seguintes passos: caminhar ao redor do prédio para que escolhesse a vista a ser pintada; selecionar no atelier os materiais a serem utilizados: cavalete, tela, paleta, tintas, pincéis e outros.

Enquanto nos dirigíamos a parte externa do Serviço (pátio), com toda a parafernália que se fazia necessária para o desenvolvimento da proposta a ser aplicada, despertávamos olhares indiscretos e curiosos.

Na continuidade, embaixo de árvores frondosas, a uma distância de aproximadamente 10 m, deu-se inicio ao processo da construção plástica. Acompanhei o esboço realizado com grafite sobre tela, orientei quanto à utilização da tinta a óleo e retornei ao atelier porque outros integrantes do grupo me aguardavam.

Da sacada lateral do prédio o observava, assim como outros do Serviço, da vizinhança e passantes que espiavam sobre os muros. Era visível a concentração no seu fazer, parecendo não ver nada além do seu foco de atenção. Passaram-se cerca de 2h quando então P.R. deu o trabalho por concluído. O resultado, independente de qualquer expectativa, foi surpreendente (**Fig. 1**).

A harmonia cromática, traços livres e decididos encantou e despertou admiração dando início a uma história que aqui neste relatório começa a ser contada, independente da intencionalidade estética.



[13] O CAPS é um serviço de saúde aberto e comunitário do Sistema Único de Saúde (SUS). É um lugar de referência e tratamento para pessoas que sofrem com transtornos mentais, cuja severidade e/ou persistência justifiquem a permanência num dispositivo de cuidado intensivo, comunitário e personalizado.

Fig. 1 - "*Castelo*" (40 x 50 óleo s/tela - jan 2004)

Cabe destacar que nesta específica produção o resultado da representação apresenta características essencialmente realistas. Justificando-se até mesmo porque, apesar da concordância, o tema foi dirigido contendo na proposta um recorte na paisagem urbana do Caps. Qualidade esta que desapareceu na continuidade dos trabalhos com pintura.

E foi assim que nasceu e adquiriu corpo uma empatia que une cidadã e cidadão, orientadora e orientado, cuidadora e cuidado e que se sustenta a partir da e na produção criativa.

O cuidado arteterapêutico

Os encontros no atelier CliArte aconteceram inicialmente na quarta-feira pela manhã, no horário das 9h às 12h, três horas semanais. Desencontros, imprevistos e feriados forçaram outros acordos, sendo necessário mais um turno. Deste modo, combinamos dois encontros semanais de 3 horas cada um.

A linguagem artística selecionada para o trabalho foi discutida e definida diretamente com o estudado, optando-se pelas artes plásticas, visto que o contato iniciado anteriormente foi em pintura e neste caminho acordamos em continuar.

Os recursos materiais disponibilizados para o trabalho foram: papel, tintas acrílica, guache e nanquim, pincéis, canetas esferográficas e hidrográficas, carvão, giz de cera, pastel oleoso, lápis de cor, telas, compasso, réguas e esquadros, dentre outros.

A proposta artística e aplicação do método foi orientada de forma espontânea[14], não diretiva, levando em consideração a autonomia previamente trabalhada e presente na produção já existente (**Fig. 2**).

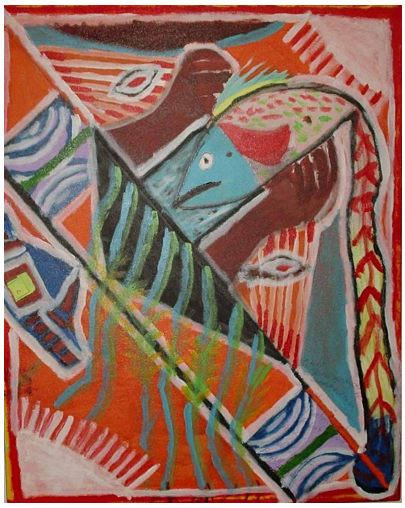


Fig. 2 - "*Chuviscando peixe sobre a estrada*" (60 x 50 acrílico s/tela - set 2004)

A ação participativa ocorreu enquanto orientadora e observadora na condução da proposta artística.

Destaco como ponto estratégico de partida, exposição individual de P.R. no Corredor Arte do Hospital Escola da Universidade Federal de Pelotas - FAU/UFPel, realizada na primeira quinzena de janeiro do ano corrente, reunindo trabalhos realizados no Caps entre 2003/2004. Quando do pré agendamento da exposição já existia interesse neste estudo de caso, tendo ficado alinhavado neste encontro um porvir de uma porta aberta para o atelier de arte e terapêutico da CliArte. A autorização para a mostra e divulgação foi tratada pessoalmente com o mesmo na sua residência, tendo como testemunhas, o pai de P.R. e a psicóloga Ana Paula Muller de Andrade, supervisora deste estudo.

Paralelamente à exposição, outra ação que também veio a favorecer o elo entre os envolvidos, foi matéria de página inteira sobre as pinturas de P.R., publicada na imprensa escrita local[15], despertando interesse de outros *pesquisadores* para um futuro trabalho e valorizando a produção artística de um cidadão comum, independente de sua condição de sofrimento psíquico.

---

[14] Considerando o método de desenvolvimento da personalidade criativa através da pintura espontânea proposta por Susan Bello no livro Pintando sua alma

[15] Diário da Manhã - Reportagem do jornalista Carlos Cogoy, página de cultura. Na chamada da matéria: "Se só crio, não serei nada além disso" (frase de P.R. escrita em uma de suas pinturas).

Assinalo como aspecto limitador a dificuldade em (re)começar o trabalho. Quando da realização da exposição referida, P.R. estava praticamente afastado da terapêutica no Caps. O abandono ao tratamento o levou no primeiro trimestre do ano a sua quarta internação em hospital psiquiátrico. Após sua alta, em junho de 2005, a não vinculação e procura ao seu Serviço de origem ocasionaram desencontros e obstáculos, gerando a limitação referida no início do parágrafo.

Em agosto, (re)iniciamos as negociações levando em consideração não ofertar uma proposta que fosse competir com horários do seu plano terapêutico individual no Caps que o assiste. Assim, foi contratado verbalmente com o mesmo que sua participação neste estudo estaria condicionada à continuidade do seu tratamento no Caps e em turno que não trouxesse prejuízo ao mesmo. Na prática, imprevistos geraram novos rumos e outras estratégias foram tomadas. Fez-se necessário renegociar as condições referidas e buscar através de um caminho inverso estimular P.R. ao retorno à atenção diária no centro de atenção psicossocial da sua área territorial.

Inferimos nosso período de estágio com a realização de 20 encontros entre negociações, aplicação e orientação e prática supervisionada. A rotina de trabalho correspondia a conversa inicial, seleção musical, desenho, estudo de cor, pintura, limpeza dos materiais, apreciação de catálogos ilustrativos e escrita em caderno de bordo.

Entre algumas das possibilidades surgidas, merece destaque visita à mostra "Anima Italiana II" na sala de exposições Antônio Caringi, na cidade de Pelotas/RS em outubro do ano vigente. Em frente à *Estudo para Manequim* de Iberê Camargo e série de esboços para *Vibrações* de Arcangelo Ianelli, P.R. teceu comentários pertinentes e perspicazes, observando detalhadamente cada obra. No retorno ao atelier descreveu de forma sensível esta experiência, (*...) a exposição trouxe deveras inspiração acadêmica para as minhas pinceladas ter visto aqueles montes de artistas só fez bem* (registro escrito de próprio punho em caderno de bordo).

Faz-se apropriado salientar que as criações realizadas no Atelier CliArte apontam para resultados abstratos e geométricos, e que toda a série produzida contempla 16 trabalhos, entre estudos, desenhos e pinturas e apresentam esta característica evidenciada (**Fig. 3**).

Fig. 3 - "*Luz no fim do túnel*" (acrílico e carvão s/kfraft , 1.20 x 1.50, 2005)
"*Pôr do sol*" (acrílico s/kfraft , 1.20 x 1.50, 2005)

O conhecimento do contexto social e familiar, o espaço acolhedor e adequado, a familiaridade de P.R. com materiais e técnicas (**Fig. 4**) previamente trabalhadas, o vínculo de confiança e respeito já bem delineados, também foram circunstancialmente, condições facilitadoras para a realização da prática arteterapêutica.

Fig. 4

A série de trabalhos resultantes produziu exposição interna na CliArte, iniciada em 1º de dezembro e encerrada em 12 do mesmo mês, data de aniversário de P.R., quando então confraternizamos e delimitamos oficialmente o término do nosso período de estágio.

Considerações Finais

Reunimos nesta última parte algumas considerações, que apontam significativamente para outros encaminhamentos decorrentes deste estudo. Entre um destes desdobramentos considero oportuno apresentar a *escrita criativa* de P.R., que revela-se como um veículo de orientação e percepção – verba volant, scripta manent[16]

A cadeira solitária perfeita para quem quer se aconchegar e bater um papo Saber se voce vai sentar-se para um diálogo A cadeira que nos traz a luz do descanso. As vezes um protetor a nossa propria solidão. Um diálogo vai outro vem e a cadeira. Estrada do sofrimento em meio a paus e canos alento para o coração se comunicar. O meio segundo do raio em infinitas particulas dissipando em gotículas d'agua. Sra minha ferrari fosse ovni de sonhos Homenagem a exito interior das vestes das madonas e a Vivaldi que acabara de ser ligado a estilo e inibição das ocasiões O campo ocupa com suas ervas todas as coisas da terra é um bolor podre bom de se respirar assim são estas esferas Animação cinematografica do macaco pulando as arvores repete-se a cena e repete-se até que talvez haja uma Luz no fim do túnel A bicicleta do futuro as linhas de rua para esse fenômeno desenho de instosprecção do desenho vindo de um todo dos cantos da folha cores magistrais o tom da vida da personificação da hipnose completa a impressão que empresta a ordem para onde vai ser transposto o desenho original. As nossas expressões com relação a pintura são frutos da timidez do acanhamento a importância é como o peixe ao chão pescado. O trabalho do x ao centro continuou em papel kraft (Pardo) a amplidão deu ao começo um senso de ver um jacaré colocar as narinas para fora Valeu!

O texto construído respeita a modalidade expressiva de *escrita criativa,* que em Arteterapia significa *escrever sobre determinado trabalho artístico sem a utilização de pontuação ou uso de borracha, e com a possibilidade de erros gramaticais e de ortografia* (...) *Permite que os conteúdos facilmente aflorem para a consciência pela escrita* (VALLADARES, 2004, p. 114).

Toda pessoa é indefinível. As respostas para suas inquietações se encontram nela mesmo. A poesia, a pintura, as palavras são orientação para o ser humano. Nos permitem ver melhor, revelar o que nasce dentro de cada um, são expressões de nós mesmos. É neste movimento que a linguagem da arte, seja na pintura, na literatura ou em outras formas expressivas, opera como instrumento terapêutico.

> *Diego no conocía la mar.*
> *El padre, Santiago Kovadloff, lo llevó a descubrirla.*
> *Viajaron al sur.*
> *Ella, la mar, estaba más allá de los altos médanos, esperando.*
> *Cuando el niño y su padre alcanzaron por fin aquellas cumbres de arena, después de mucho caminar, la mar estalló ante sus ojos.*
> *Y fue tanta la inmensidad de la mar, y tanto su fulgor, que el niño quedó mudo de hermosura.*
> *Y cuando por fin consiguió hablar, temblando, tartamudeando, pidió a su padre: " ¡Ayúdame a mirar! "* (GALEANO, 2000).

Em duas disciplinas distintas do curso, teatro e literatura, respectivamente, foi recitado com tocante veracidade o menino de Eduardo Galeano e referida a função mediadora do terapeuta. Embasada nesta perspectiva e no continente da arte foi que me propus a auxiliar P.R. a olhar o seu mundo existencial.

Para além da função terapêutica da Arte, me agrada pensar na transcendência de sua linguagem. Encontramos em Klintowitz (2001) uma fala significativa sobre a arte produzida por portadores de sofrimento mental: (...) A arte pode ser a própria vida e pode ser até maior do que ela quando, por seu intermédio, nós podemos entender melhor a existência...Não há melhor definição para a arte do que essa: comunicação entre as pessoas e agente unificador do homem consigo mesmo e com o universo.

Como afirma Teixeira Coelho (2002), estamos num refluxo da maré, em termos de importância da loucura para entender a arte e vice-versa. O autor argumenta que o código mudou junto com os valores: *Arte & Loucura não é mais uma questão cultural (...) percebe-se hoje nitidamente que a loucura nunca poderá enunciar a verdade da arte, assim como nunca a arte terá como enunciar a verdade da loucura, que ela não detém e com a qual só se preocupou episodicamente (...) A loucura é um tema da arte, não uma estrutura da arte* (p.161).

Através da linguagem da arte P.R. resgata neste estágio um meio de comunicação consigo e com a sociedade. A retomada da sua expressão pictórica e escrita criativa, descortinam-se de forma não verbal em imagens ordenadas, títulos insólitos, pensamentos inquietantes e reorganizadores.

Acredito que o espaço saudável do atelier, a produção do sujeito desejante e a exposição dos trabalhos, são formas de ampliar o exercício de cidadania e participação social. Qualidades que Saraceno (1999) coloca

[16] As palavras voam, os escritos ficam

como necessárias e indissociadas: a cidadania plena, consciente e a saúde mental são condições estreitamente ligadas entre si.

Há tempos sinto-me seduzida a conhecer e elucidar relações associando arte, loucura e reabilitação psicossocial. Esta curiosidade já produziu o artigo Arte, alienação e argumento, publicado em 2003 na revista brasileira de extensão universitária. Inicia seus desdobramentos neste relatório de campo com o título: Expressão pictórica e escrita criativa em saúde mental: um estudo de caso. E, continua e amplia-se na monografia conclusiva de especialização em Arteterapia intitulada: A poética na alma e matéria ou revelando eros e psique.

Os registros trazem em comum reflexões e aprendizados que venho desenvolvendo na prática da arte como instrumento terapêutico.

"A sanidade mental pode ser medida pela quantidade e qualidade de silêncio com que uma pessoa é capaz de conviver. O que não devemos, é confundir pessoas silenciosas com pessoas silenciadas, aquelas cujo o silêncio está contido de gritos abafados".

Antônio Gaiarsa

Referências

BELLO, S. *Pintando sua alma – método para desenvolver a personalidade criativa.* Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

BRASIL. Saúde Mental no SUS: Os Centros de Atenção Psicossocial / Ministério da Saúde, secretaria de atenção à saúde. Departamento de Ações pragmáticas Estratégicas. – Brasília: Ministério da Saúde, 2004.

COELHO, T. A arte não revela a verdade da loucura, a loucura não detém a verdade da arte. In: ANTUNES, E.H.; BARBOSA, L. H. S.; PEREIRA, L. M. de F. (Orgs.) *Psiquiatria, loucura e arte: fragmentos da história brasileira.* São Paulo: Edusp, 2002.

COGOY, C. "Se só crio, não serei nada além disso." *Diário da Manhã*, 15 de janeiro de 2004. Página de Cultura. Pelotas, 2004.

GALEANO, E. *O livro dos abraços*. Porto Alegre, L&PM, 2000.

KLINTOWITZ, J. Tradição e solidariedade. In: _____. *Arte de Viver – pinturas e poesias.* III concurso nacional. São Paulo: Texto Art Gráfica e Editora Ltda, 2001.

SARACENO, B. *Libertando Identidades. Da reabilitação psicossocial à cidadania possível*. Te Corá Editora/IFB, Belo Horizonte/ Rio de Janeiro, 1999.

VALLADARES, A. C. A. A Arteterapia e a reabilitação psicossocial das pessoas em sofrimento psíquico. In: VALLADARES, A. C. A. (org.). *Arteterapia no novo paradigma de atenção em saúde mental*. São Paulo: Vetor, 2004 p.107-127.

ROCHA, V. M. G. Arte, alienação e argumento. *Rev Brasileira de Extensão Universitária*. Rio de Janeiro: UFRJ e UNIRIO v.1, n. 1, jul-dez 2003. p. 45-51.

_____. *A poética na alma e matéria ou revelando eros e psique*. 2006, monografia (especialização). Instituto Superior de Ensino e Pesquisa. Faculdade de Ensino Superior de Marechal Cândido Rondon. Curitiba/PR.

4 - ARTETERAPIA E CEGUEIRA: O USO DE MATERIAIS EXPRESSIVOS E A SUA RELAÇÃO COM O CONTINNUM DAS TERAPIAS EXPRESSIVAS (ETC)

Fernanda de Araújo Arantes[17]

Resumo: Este artigo aborda, as interfaces entre Arteterapia e cegueira e o uso da arte como meio terapêutico. Descreve a linguagem dos materiais expressivos e a sua relação com o *Continnum das Terapias Expressivas* (ETC), segundo Kagin e Lusenbrink. Trata também da análise do potencial criativo de pessoas com deficiência visual tendo como base a experiência arteterapêutica compartilhada com elas, na Sala Braille, da Biblioteca Pública Municipal da cidade de Uberlândia (MG), entre outubro de 2003 e dezembro de 2004.
Palavras-chave: Arteterapia; Cegueira; Potencial Criativo.

Art therapy and blindness: the use of expressive artistic materials linked to the Expressive Therapies Continuum

Abstract: This work approaches the relationship between art therapy and blindness. It describes the language of expressive artistic materials linked to the Expressive Therapies Continuum from Kagin and Lusebrink. Also, it treats of the analysis of creative potential of blind people who took part in art therapy experiences developed, at the Sala Braille, of the Public Library of Uberlândia, MG, between October 2003 and December 2004.
Key words: Art Therapy; Blindness; Creative Potential.

Arteterapia y ceguera: el uso de los materiales expresivos y su relación con el Continnum de las Terapias Expresivas (ETC)

Resumen: Este articulo aborda, las interfaces entre Arteterapia y ceguera y el uso del arte como medio terapéutico. Describe el lenguaje de los materiales expresivos y su relación con el *Continnum de las Terapias Expresivas* (ETC), según Kagin y Lusenbrink. Trata también del análisis del potencial creativo de personas con deficiencia visual teniendo como base la experiencia arteterapéutica compartida con ellas, en la Sala Braille, de la Biblioteca Pública Municipal de la ciudad de Uberlândia (MG), entre octubre de 2003 y diciembre de 2004.
Palabras clave: Arteterapia; Ceguera, Potencial Creativo.

Introdução

Os elementos visuais de uma pintura são capazes de caracterizar a potencialidade de transformação que ela pode promover como instrumento de criatividade e desenvolvimento. Segundo Kagin e Lusebrink (1978), a imagem e a expressão visual acessam os quatro níveis do Continuum das Terapias Expressivas/ETC (cinestésico/sensorial; perceptual/afetivo; cognitivo/simbólico; criativo), em ordem crescente, e representam a reflexão das diferentes maneiras de expressão humana.

No nível *cinestésico*, a expressão é gestual e dá ao indivíduo oportunidade de ele se desinibir pela ação e pelo movimento corporal. Um material que facilita a ação cinestésica, por exemplo, é a massa corrida, pois o componente sensorial se refere à experiência tátil da textura. Há uma polaridade entre os componentes cinestésico e sensorial da expressão, que acontecem juntos: à medida que o movimento aumenta, a percepção sensorial diminui, e vice-versa. Na expressão por meio desse nível, todo o corpo se envolve na ação, podendo levar ao conhecimento do ritmo criado através da ação coordenada do organismo, produzindo um relaxamento que desencadearia uma experiência curativa.

A interação com o meio no nível *cinestésico/sensorial* pode conduzir ao nível *perceptual/afetivo*, em que o indivíduo define a forma, a configuração e pode percebê-la, ou associar afeto à expressão. No nível *perceptual/afetivo* há uma relação entre os aspectos perceptual e afetivo e a influência de diferentes meios sobre aquela relação. Aqui se focaliza a qualidade estrutural da expressão, tal como a definição de limites e a diferenciação de formas que representam uma experiência interna ou externa. Materiais com qualidades estruturais — a exemplo da colagem e do mosaico — parecem evocar uma maior organização interna no indivíduo do que materiais fluídos como a aquarela, pois ele deve impor uma estrutura ao material.

---

[17] Arte Educadora e Artista Plástica (UFU-Universidade Federal de Uberlândia/MG). Arteterapeuta (UnP - Universidade Potiguar - RNl). Trabalha como arteterapeuta com pessoas com necessidades especiais em Escola Municipal na cidade de Uberlândia – MG. Professora do Curso de Especialização em Arteterapia (Faculdade Integração Zona Oeste FIZO/Alquimy Art). E-mail: fernandaa.arantes@terra.com.br

O nível *cognitivo/simbólico* engloba formação de conceitos, consciência da ordenação, pensamento lógico e habilidade de planejar. Materiais estruturantes como lápis de cor e colagem facilitam a compreensão de ações necessárias para se manipulá-los. Nesse nível, estão focalizadas a expressão simbólica e a compreensão do significado — o qual pode estar reprimido ou não ser percebido.

A solução dos símbolos que são expressos leva a algumas percepções, ao crescimento emocional e, também, ao nível criativo que pode estar presente em qualquer um dos níveis, segundo apontam Kagin e Lusebrink (apud ALLESSANDRINI, 1996). No *nível criativo*, é possível haver uma síntese entre a experiência interior e a realidade externa (Ulman apud LUSEBRINK, 1990, p.18) e o indivíduo pode estar apto a satisfazer-se, realizar-se e, assim, ter uma experiência curadora, bem como um melhor funcionamento emocional.

Metodologia

Esta pesquisa de observação foi desenvolvida na Biblioteca Pública Municipal da cidade de Uberlândia (MG), na Sala Braille, entre outubro de 2003 a dezembro de 2004, através de estágio supervisionado que faz parte da estrutura curricular para conclusão do curso de especialização lato-sensu em Arteterapia.

O grupo era composto por sete portadores de deficiência visual – três mulheres e quatro homens, com idade entre 18 e 58 anos; dentre eles, apenas um homem e uma mulher têm cegueira congênita. Quanto ao grau de escolaridade, três não freqüentaram a escola; duas mulheres possuem curso superior, um é estudante do ensino superior e um do ensino fundamental.

O nível socioeconômico de suas famílias é de mínima ocupação qualificada e mínima instrução formal. São famílias de baixa renda. Exceto o deficiente visual que cursa o terceiro grau e as que já concluíram o ensino superior, todos recebem atendimento educacional na Sala Braille.

Os atendimentos foram feitos em grupo, com encontros semanais de uma hora e meia; tendo como base a experiência arteterapêutica ; cujo estudo, teve o objetivo de analisar o potencial criativo do deficiente visual através da observação e também compreender como o cego constrói seu conhecimento e as representações da realidade que o cerca.

Resultados e discussão

Várias técnicas de expressão em Arteterapia utilizadas permitiram aos deficientes visuais encontrar apoio emocional em momentos de fragilidade, bem como fortalecer a auto-estima e facilitar a expressão de emoções. Percebi, também, a possibilidade de trabalhar com uma grande diversidade de materiais expressivos. Em relação a alguns materiais, os deficientes visuais requisitaram mais ajuda, sobretudo os *gráficos* (lápis de cor, giz de cera, hidrocor). Mostraram-se interessados em manusear para conhecer os materiais, mas o fato desses não terem textura e serem bidimensionais não os atraiu muito.

A *pintura* com tinta guache suscitou manifestações diversas: estados de tensão e relaxamento, que revelaram, portanto, o aspecto afetivo. A pintura foi trabalhada, quase sempre, com cores ordenadas numa seqüência em que o deficiente visual memorizava a ordem, embora alguns requisitassem ajuda para usar a cor desejada.

Fig. 1 - Pintura "*Quebra cabeça*"

Os *materiais tridimensionais* foram os preferidos: a ação de construir algo, que é manifestação interior, possibilitou uma experiência facilitadora para dar forma a sentimentos, além de desenvolver a imaginação e provocar a sensação gratificante do ato de construir.

A possibilidade de construir várias formas abriu novas perspectivas: o ser humano está em constante construção; pode "ser" de diversas maneiras sem, contudo, perder o eixo de si mesmo. Assim, apesar das diferentes representações e transformações, o eu continua a ser o mesmo (URRUTIGARAY, 2003). Os materiais

tridimensionais facilitaram a vivência do lúdico, experiência terapêutica inestimável para estas pessoas deficientes visuais.

A *argila* trouxe para alguns a rejeição, talvez pelo aspecto do material, ou pela textura, pela temperatura ou mesmo por sujar as mãos. Conforme nos esclarece Oaklander (1980, p.86):

> *A maioria das crianças aceita prontamente o material, embora ocasionalmente se possa ver uma criança receosa da massa molhada e "suja" que a argila representa. Este fato, por si, já conta ao terapeuta muita coisa sobre a criança e constitui uma direção proveitosa a ser seguida em terapia. Certamente existe um elo entre a compulsão de limpeza e seus problemas emocionais, e isto pode não ficar óbvio com nenhum dos outros materiais apresentados a ela.*

Mas, ao mesmo tempo, a argila despertou prazer pela possibilidade de deixar aflorar os sentimentos. Manuseá-la trouxe possibilidades de fluir, mesmo que o objetivo não fosse o de se construir algo. Por ser substância terrosa, a argila leva, àquele que a usa, a experiência de criar e ser criado, ou seja, de criador e criatura. Como afirma Gouvêa(1989), a argila *cria a si mesmo à imagem e semelhança de Deus e dá vazão à sua onipotência sem precisar enlouquecer. A consciência se aproxima do inconsciente ao penetrar nas trevas oriundas da própria matéria* (GOUVÊA, 1989, p.59).

A experiência com esse material favoreceu a transformação, a mudança. Ao reconhecê-la, o indivíduo organiza e dá significação à sua vida, *transformando o caos em cosmo* (ALLESSANDRINI, 1996, p.100). Isso faz da argila material terapêutico.

Fig.2 - Trabalho em argila

As *sucatas* também foram de boa aceitação entre os deficientes visuais: eles tiveram facilidade em construir e se sentiram felizes por serem capazes de criar. As sucatas estavam presentes em diversos atendimentos, com utilização dos seguintes materiais: sementes, emborrachados, caixas, botões e lãs. Os participantes tinham a opção de escolher o material que queriam usar e, em geral, trabalhavam com sucatas, tanto em trabalhos em grupo como individualmente.

Fig. 3 - Trabalho com sucata

Segundo Kagin e Lusebrink apud ALLESSANDRINI (1996) o ato de reunir e ordenar expressa a presença do *nível cognitivo/simbólico*; estão em evidência o pensamento lógico e a habilidade de planejar. Para este grupo de deficientes visuais, trabalhar com a sucata foi uma experiência curativa, pois eles se sentiram satisfeitos e realizados.

O *fantoche* foi outro recurso de grande valor para os deficientes visuais. Sua estrutura foi confeccionada com jornal e cola; o acabamento foi feito com lã e tecido. Um trabalho muito significativo, pois o grupo relatou que foi um "criar, um procriar".

Confeccionar fantoches, dar nomes a eles, movimentá-los, transformá-los é dar-lhes vida, é falar das experiências vividas, das angústias e das alegrias. Os fantoches exercem uma ação lúdica e foram instrumento valioso de ação terapêutica. De acordo com Santos, *expressar os próprios sentimentos e emoções traz uma grande satisfação, pois ajuda a pessoa a tomar consciência de sua importância, através de um realizar que é seu* (SANTOS, 1999, p.121).

Por meio do boneco, integrantes do grupo, contaram sua própria história. Foi muito terapêutico, o boneco atuou de forma lúdica, criativa e instrutiva, pois houve uma identificação com os personagens, tal qual um auto-retrato, uma revelação da própria vida. O grupo estabeleceu uma relação muito prazerosa com brincadeiras espontâneas, projetando desejos, necessidades e fraquezas, pois a construção do fantoche aproximou tanto o grupo como as facilitadoras. Propiciou elevação da auto-estima, resolução de conflitos e estruturação de idéias e pensamentos.

Estão presentes nesse material os quatro níveis de expressão de Kagin e Lusebrink: cinestésico/sensorial, na experiência tátil; perceptual/afetivo, na relação do indivíduo com o material; cognitivo/simbólico, nas escolhas do personagem, do cabelo, no planejamento; criativo, na síntese, na integração da realidade, na auto-realização e, também, na aproximação de si mesmo.

Os *contos* também foram utilizados nos atendimentos. São de grande riqueza para o trabalho arteterapêutico porque *exercem grande atração e possuem muito valor. (...) Emergem das profundezas da humanidade e envolvem todas as lutas, conflitos, tristezas e alegrias que as pessoas encontraram através dos tempos* (OAKLANDER, 1980, p.113). Os contos são significativos para cada pessoa e serão interpretados de modo diferente em momentos diversos — dependendo dos interesses e das necessidades do momento (OAKLANDER, 1980). Os contos têm poder de cura porque transformam e promovem o crescimento pessoal.

Por meio dessa técnica, aspectos inconscientes configuraram-se no tridimensional, tornando-os conscientes desses conteúdos despertados, superando emoções, medos e traumas. Superados e externados esses conteúdos, é possível amassar, agredir, quebrar ou cuidar com carinho, ocorrendo assim, efeito terapêutico através da transformação. Os trabalhos tridimensionais auxiliaram também na conceituação de conceitos obscuros para alguns, como distância, lateralidade, volume, peso e equilíbrio.

Conclusão

As experiências relatadas revelaram que os deficientes visuais deixaram transparecer suas carências, limitações, inseguranças e sensibilidade, aumentando a capacidade de simbolização e o gosto pelo estético. Do ponto de vista psíquico pôde acalmar e aliviar tensões, minimizando angústias.

Lentamente, por meio da Arteterapia, o grupo mostrou-se confiante e cada participante pôde sentir o resultado do próprio esforço e compreender que é capaz. O fazer em si auxiliou a auto-confiança e também a capacidade de superação. Como resultado me permitiu perceber a importância do processo criativo e a eficácia da arte.

Referências

ALLESSANDRINI, C. D. *Oficina criativa e psicopedagogia*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996.

GOUVÊA, Á. *Sol da terra.* São Paulo: Summus,1989.

LUSEBRINK, V. B. *Imagery and visual expression in therapy.* New York and London: Plenun Press, 1990 (mimeo).

OAKLANDER, V. *Descobrindo crianças*. São Paulo: Summus, 1980.

SANTOS, D. A arte de construir bonecos e de contar a própria história. In: ALLESSANDRINI, C. D. (org.). *Tramas criadoras na construção do ser si mesmo.* São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.

URRUTIGARAY, M. C. *Arteterapia a transformação pessoal pelas imagens.* Rio de Janeiro: Wak, 2003.

RELATO DE CASO/EXPERIÊNCIA

5 - ARTETERAPIA Y FOTOGRAFÍA ESTENOPEICA

Roxana Adonaylo[18]

Resumen: Este trabajo tiene como propósito abordar a la fotografía como objeto de investigación y descubrimiento de la propia subjetividad. Se desarrollará para ello el recorrido de un trabajo vivencial dentro de un grupo, partiendo de diversas experiencias ligadas a la génesis de la imagen fotográfica que funcionó como dispositivos arteterapéuticos: la construcción de diferentes tipos de cámaras oscuras, (antecedente de la parte óptica de la cámara fotográfica y antes que nada del órgano de la visión: el ojo), la creación de imágenes – luz, la construcción de cámaras estenopéicas (cámaras fotográficas sencillas cuyo objetivo es reemplazado por un pequeño orificio u estenopo) y la obtención de fotografías a partir de ellas. La fotografía como el "arte de dibujar o escribir con la luz" estará abordada como un proceso espacio-temporal posible de ser articulado e interrogado por otros lenguajes como la plástica, la creación literaria, la música, lo corporal, posibilitando la construcción de significaciones. Mi propuesta que está con relación a crear imágenes "no vistas", propicia la emergencia del Sujeto del Inconsciente. Con relación a esto el trabajo se propone además realizar una investigación desde el marco teórico de psicoanálisis, tomando el concepto de "mirada" en contraposición al ver y su articulación con el deseo con relación al Otro y con la subjetividad. Este abordaje será enriquecido con los conceptos de" inconsciente óptico" y de "aura" desarrollados por Benjamín (1973), los mismos construidos a partir de las primeras experiencias fotográficas.
Palabras clave: Arteterapia; Salud Mental; Fotografía.

Arteterapia e fotografia estenopéica

Resumo: Este trabalho tem como propósito abordar a fotografia como objeto de investigação e descoberta da própria subjetividade. Será ilustrado por uma vivência terapêutica grupal e de diversas experiências ligadas à gênese da imagem fotográfica que funcionaram como dispositivos arteterapêuticos: a construção de tipos diferentes de máquinas fotográficas escuras (anterior a parte ótica da máquina fotográfica e, ainda, anterior a formação do órgão da visão: o olho), a criação de imagem-luz, a construção de estenopéicas de máquinas fotográficas (máquinas fotográficas simples cujo objetivo é substituído por uma pequena abertura ou estenopo e a obtenção de fotografias a partir disso. A fotografia como a "arte de desenhar ou escrever com a luz" será abordada como um processo espaço-temporal possível de ser articulado e interrogado por outras linguagens, como a expressão plástica, a criação literária, a musical, a corporal, possibilitando a construção de novos significados. Minha proposta está desenvolvida na relação da criação imagens "não vistas", favorável a emergência do inconsciente do sujeito. Em relação a este trabalho também se pretende realizar uma investigação psicanalítica, levando em consideração o conceito de "olhar" em oposição ao ver e sua articulação com o desejo em relação ao Outro e com a subjetividade. Esta abordagem será enriquecida com os conceitos de" inconsciente ótico" e de "aura" desenvolvidos por Benjamin (1973), os mesmos construídos a partir das primeiras experiências fotográficas.
Palavras-chave: Arteterapia; Saúde Mental; Fotografia.

Art therapy and stenopeic photography

Abstract: The purpose of this paper is to approach photography as an object to research and discover the person´s own subjectivity. A personal experience work in a group will be developed to this end, starting from different experiences linked to the genesis of the photographic image that acted as art-therapeutic devices: the construction of different types of dark cameras (antecedent of the optical part of the photographic camera, and above all the vision organ: the eye), the creation of images – light, the construction of stenopeic cameras (simple photographic cameras whose lens is replaced by a small hole or stenope) obtaining photographs from them. Photography as the ¨art of drawing or writing with light¨ will be approached as a space-time process, that can be

[18] Psicóloga, Artista. Profesora en Educación preescolar. Incursiona luego en el terreno de la imagen a través del video- arte y la fotografía en la carrera de Dirección de cine del CIEVIC. Docente y coordinadora de talleres de investigación y experimentación fotográfica centrados en la fotografía estenopeica para adultos, jóvenes y niños. Actualmente está cursando la carrera de Arteterapia y trabaja en otras instituciones privadas realizando talleres de fotografía estenopéica enmarcados en la Arteterapia. Su dirección de correo electrónico es rhho@ciudad.com.ar

articulated and interrogated by other languages, such as fine arts, literary creation, music, body language, making possible the construction of meanings. My proposal is related to the creation of ¨unseen¨ images, it promotes the emergence of the Unconscious Subject. In this relation, the paper also proposes to carry out an investigation from the theoretical framework of psychoanalysis, taking the concept of ¨look¨ as opposed to seeing and its articulation with the desire in relation to the Other and subjectivity. This approach will be enriched with the concepts of ¨optical unconsciousness¨ and ¨aura¨ developed by Benjamin (1973), built from the first photographic experiences.
Key words: Art Therapy; Mental Health; Photography.

La propuesta de Arteterapia y fotografía que presentaré en este trabajo está centrada en la fotografía estenopéica. ¿Qué es la fotografía estenopéica? Es un tipo de fotografía no convencional ligada a la génesis, al origen de la fotografía. Se realiza por medio de la construcción artesanal de cámaras oscuras y de cámaras fotográficas sencillas. La cámara oscura es el antecedente óptico de la fotografía y antes que nada representa el órgano de la visión: el ojo. Para construirlas se utilizan cajas, latas o cualquier objeto de cualquier forma o tamaño estanco a la luz. Para ello se pueden utilizar desde objetos muy pequeños como una nuez hasta una habitación que puede transformarse en una cámara oscura.

Las cámaras estenopéicas no poseen visor, ni automatismos de ningún tipo. Se practica en ellas un "estén hopo" palabra de origen griego que significa pequeño orificio que cumple la función de diafragma ligado al control de la intensidad de la luz. El obturador ligado al control del tiempo de exposición, suele ser solo una tapa que impide el paso de la luz adentro de la cámara. El resultado de esta construcción es una sencilla cámara oscura en la que se proyecta la imagen del exterior invertida. Allí mismo se sujeta el material sensible, ya sea papel fotográfico o película de cualquier formato. El mismo es renovado luego de cada toma y procesado en un cuarto oscuro por medio del proceso de revelado.

Mi propuesta enmarcada en el Arteterapia incluye un recorrido que es el mismo que intentaré compartir hoy con ustedes también a través de imágenes. El mismo comienza con la construcción de cámaras oscuras de diferentes tipos y funciones (con y sin lente, con Zoom etc) y con la creación y trabajo con imágenes – luz, estas como resultado de la proyección, a diferencia de la imagen-pigmento como en el caso de la pintura. Estas Imágenes que se forman dentro de nuestras cámaras, y de nuestros ojos que en primer lugar son cámaras oscuras. Pocos saben como y porqué se originan. Paradójicamente el mercado fotográfico fue borrando poco a poco las huellas visibles de este fenómeno. En mi propuesta se trata justamente de recuperarlo.

El trabajo continúa con la construcción de cámaras estenopéicas que permitirían la producción de fotografías, resultado químico, arribo o producto, en todo caso de un proceso que comienza mucho antes. Las mismas se convierten a partir de este proceso en soportes simbólicos disponibles para la creación y la producción individual y grupal. La fotografía como "el arte de dibujar o escribir con la luz" de este modo es objeto de investigación y descubrimiento aún de la propia subjetividad.

Arteterapia y fotografía estenopéica - otro modo de vivenciar la creación de la imagen fotográfica

La fotografía estenopéica nos conduce por diversas etapas de un proceso espacio-temporal y no solo al arribo de un producto artístico. Ella implica la construcción del objeto-cámara y la consecuente creación de imágenes y fotografías. La modalidad de este proceso genera otros modos de vincularse con la técnica y otros modos de vincularse con los otros. Esta modalidad implica la utilización de diferentes dispositivos desde el artetetarapia. Se realizan muchas veces pequeños trabajos corporales, visualizaciones, juegos, se incorpora la música, la plástica y se realizan habitualmente producciones literarias. Estos dialogan e interrogan a la imagen generando nuevos sentidos y significaciones a partir de otros lenguajes.

Traigo aquí algunos fragmentos de producciones literarias a partir de un trabajo con diferentes cámaras oscuras e imágenes- luz:

¿Quién manipula a quien? ¿El ojo, la cámara, la mano? Manipulan realmente o se dejan arrastrar, llevar por la sensación - fascinación del instante? (C.D.).

Otro, con relación a una cámara con zoom: *Poder al menos intentar construirse por el movimiento que no captura sino más bien libera. La foto como algo fijo, pero que me permite salir a través de lo que provoca en mí. Mantener la imagen viva a diferencia de capturar instantes*. (S.L.).

Otro: *Meditar sobre una imagen interna. Tratar de encontrar las sensaciones de los cinco sentidos para vivir la imagen. Crear el dibujo de su inconsciencia...* (P.H.).

Expresa Reisin (2005) que en este sentido la palabra es un nuevo lugar de síntesis, donde se unen lo vivencial con lo producido en tanto objeto. Expresa que en Arteterapia la significación está dada por la dialectización del proceso-producto artístico.

El espacio físico lo considero muy importante para la tarea. El sentarse sobre almohadones en el piso, dispone a un espacio que intenta ser flexible, transportable y transformable. Espacio que determina modos de vincularse, movimientos. Espacio que se convertirá en cuarto oscuro para revelar fotos y que además alojará a la

imagen transformándose entre todos en una cámara oscura gigante cubriendo las ventanas con plásticos negros. Experiencia didáctica y de investigación con relación al comportamiento de la luz, pero también experiencia generadora de imágenes como producciones grupales y no solo individuales.

Alhazen óptico árabe, ya en el siglo X relataba esta experiencia, como una de las primeras con relación a la exploración del comportamiento de la luz y la imagen.

Algunos fragmentos de producciones literarias a partir de esta experiencia:

Inundado por la urbanidad
Vivir al revés del mundo
Ensoñación.
Sale del control del marco premeditado
Lo imaginario trasciende la pantalla
Conjugación de los opuestos
Lo inmenso y lo fugaz al mismo tiempo
Trafico sepulcral, la inevitable muerte
La certeza de la luz
Lo que late y crece por dentro
Renacimiento urbano
Milagro. Aparición de lo sagrado.
Espejo del alma
Ojo y embudo del mundo
(H.C, L.V, G.R, L.A. y M.T.C)

Después del trabajo centrado en las cámaras oscuras y la producción de imágenes se pasa al momento de articulación de la parte óptica con la parte química de la fotografía. La cámara estenopéica permitiría ese pasaje ya que estaría cargada con un soporte químico, material sensible.

Es importante la elección de la lata, caja u objeto que se transformará en cámara. Allí está el objeto-cámara como transformable, moldeable, como espacio vivo. Los materiales y objetos que se utilizan para tal fin pertenecen muchas veces a la gramática de ese mismo lenguaje. La cámara estenopéica soporte simbólico cargado de significaciones, proyecciones... ¿Podría ser además de un ojo, un oído, una boca..... cómo sería poder escuchar, hablar a través de ella?

La luz y la oscuridad en este proceso aparecen como metáfora viva de lo visible, lo invisible, el acceso a lo verdadero, lo oculto... La propuesta no está ligada a registrar con ellas algo de lo que veo en la realidad inmediata, sino por el contrario en crear imágenes no vistas**.**

En la fotografía estenopéica, no hay una mirada previa facilitada por el visor. Tampoco hay un previo encuadre. A diferencia de la convencional, en ella, no hay límites visibles para componer la escena que luego voy a fotografiar. En la mayoría de los casos no representa la visión humana cuyo ángulo de cobertura es de 45 grados. Este hecho sumado a las múltiples variantes que nos enfrenta la misma técnica por el camino de la investigación personal generan el descubrimiento de otros modos de ver, de mirar... Ver ... mirar desde otros ojos...

¿En este sentido se puede hablar de un ver o de un mirar a partir de una cámara sin visor y que no reproduce la visión humana como es el caso de la fotografía estenopéica?

Nasio (1995), psicoanalista argentino, nos dice:

Ver no es mirar, ver siempre es esperar aquello que se va a ver, no hay sorpresa en el ver, porque se trata de algo que se relaciona con el reconocimiento (...) El que ve son los ojos corporales, el que ve es el yo. El yo que no sabe, que desconoce, que forma parte de la imagen y la imagen forma parte de él. El yo solo percibe aquellas imágenes en las que se reconoce.(...) La mirada es el objeto que está ligado no a los ojos sino al orificio palpebral que puede ser también la hendidura de la pupila. La mirada surge cuando somos enceguecidos por un foco de luz proveniente de la pantalla reflejarte del Otro. Esa chispa despierta un mirar interno, un mirar inconsciente, que ya no tengo que ver con el yo imaginario. Ese mirar inconsciente es un acto pulsional, desencadenado por la luz que viene del Otro. Entre ellos se va a producir el movimiento del circuito de la pulsión esópica.

Freud habla de una mirada hacia adentro, una mirada interna, una mirada interior a diferencia del ver que se desplegaría hacia fuera ¿Cómo se ligarían el ver y el mirar? ¿Puede existir un mirar despojado del ver? Nasio (1995) liga estos dos conceptos: *No hay mirada sin visión, no hay mirada sin todo el contexto imaginario que da lugar a ella. Hace falta la pasión de lo imaginario para que haya nacimiento de una pulsión*. Considero que la fotografía estenopéica muchas veces está ligada al despliegue de esta mirada (inconsciente), de este mirar interno, que es un mirar hacia adentro, una mirada interior que luego podrá hacerse visible a través de imágenes y de fotografías. En este sentido este dispositivo propicia la emergencia del Sujeto del inconsciente.

Este mirar interno, está con relación a las características particulares de este proceso de creación que se pone en juego enmarcado más hacia la Arteterapia que a la sola adquisición de una técnica. Este mirar interno

ligado también a mi entender a una situación transferencia entre los mismos participantes y entre el arteterapeuta y los participantes. En mi propuesta favorezco el autorretrato como terreno y campo de descubrimiento. Esto vivenciado desde mi propia experiencia como artista en análisis.

(3) *Freud dice que el retorno de lo reprimido no siempre es un retorno oral, sino también que es un retorno plástico desde el terreno de la imagen*. Esto me remite al libro de Italo Calvino: "Las ciudades invisibles" (I), Allí Kublai Jan el emperador, escuchaba los relatos del viajero Marco Polo que esta vez visitaba Fïlides, una ciudad que no se dejaba ver. El emperador le responde: *Tus pasos persiguen no lo que está fuera de tus ojos, sino lo que está dentro, sepulto y borrado*. Esto también ligado a este mirar interno conceptual izado desde el psicoanálisis. Las características particulares del tiempo de producción en la fotografía estenopéica y los elevados tiempos de exposición que requieren las fotografías nos obligan a reflexionar sobre este tema.

Benjamín (1973), en su pequeña historia de la fotografía toma el tema de las primeras fotografías y de los elevados tiempos de exposición que se utilizaba también en ellas al igual que en la fotografía estenopéica. Esto se podría articular con esta mirada interior cuando se remite al concepto de "inconsciente óptico" y al concepto de "aura" anidado en estas primeras fotografías:

> "*La naturaleza que habla a la cámara es distinta de la que habla a los ojos, porque un espacio elaborado inconscientemente aparece en lugar de un espacio que se ha elaborado con conciencia. La fotografía con sus medios auxiliares, como lo es el obturador, (tiempos extremadamente largos o extremadamente cortos) hace patente el paso del hombre. Solo gracias a ella percibimos ese inconsciente óptico, igual que solo gracias al psicoanálisis percibimos el inconsciente pulsional...*" El aura lo define como "*una trama muy particular de espacio y de tiempo, la irrepetible aparición de una lejanía, por muy cerca que pueda estar* (Benjamín, 1973, p.85).

Las fotografías estenopéicas son muchas veces fuertes, misteriosas y habitualmente emparentadas desde lo visual con lo onírico y lo fantasmal. Imágenes que no resultan indiferentes. Imágenes que despliegan palabras, emociones que intento se tomen como punto de partida a la vez para generar nuevas producciones fotográficas y hasta a veces literarias, traigo una de ellas:

EL ENCIERRO O LA LIBERTAD,
EL TEMOR O LA AUDACIA,
LA SOLEDAD, EL OLVIDO O LA ESPERA,
LO SEPARADO O DIVIDIDO O LO AFERRADO Y LO JUNTO,
UN VACÍO QUE NO SE PUEDE DEJAR DE VER...
ESTAR EN DOS LUGARES, ESTAR DOBLE,
ESPIARSE A SÍ MISMO...
TRASPASAR EL CUERPO,
BURLARSE DE LO REAL, DE LAS FORMAS, DE LA MATERIA,
EXILIARSE EN LO IMPOSIBLE,
SUEÑOS DE LA NADA...
LA UTOPÍA Y LA MUERTE.
LA LUZ DIBUJA LAS DANZAS DE ADENTRO...
LA CÁMARA NO ES UNA HERRAMIENTA,
LA HERRAMIENTA ES EL ALMA, LA PASIÓN...

Los tiempos de exposición, los tiempos de revelado...

El proceso químico como lo que permite ligar desde lo real, el aquí y ahora. Lo vivo. Aquí podemos pensar en lo latente de la imagen, en lo invisible que hay aún en lo visible. En el revelado como un dar a luz, como adentrarse otra vez en la oscuridad del cuarto oscuro para poder ver lo plasmado, lo que permanece y dejó huellas en un tiempo trascurrido. Pero también lo que muere. ¿Pero cuál sería el sentido de este proceso, de esta producción de imágenes, de fotografías, de cámaras? Reisin (2005) habla del mismo con relación a poder entrar en un espacio imaginario para reencontrarse con lo conflictivo.

> (...)" *Tras lo que el conflicto separa el hacer en el arte reúne-re liga*" expresa. "*El sentido estaría dado en ese encuentro entre el sujeto y su producción objetiva para que advenga sujeto desde su posición de objeto (donde es Otro el que desea), trabajando con los objetos, recuperándolos y consagrándose como héroe. Se torna sujeto al recuperar en su objeto su deseo (...) Hay una construcción, que es una reconstrucción de lo perdido y su consagración lo constituye como sujeto* (Reisin, 2005, p.61).

Por último un pequeño texto perteneciente a una muestra personal que habla de mi propio proceso: volver al origen de la fotografía, es tal vez lo inevitable y lo fascinante de la fotografía estenopéica. Regresar al momento de formación de la imagen dentro de la cámara oscura, a ese momento silencioso casi mágico...

"Juntar los pedazos", los materiales. Construir paso a paso mi cámara. Seleccionar la forma y el tamaño de cada una de sus partes. Pensar en la infinidad de variables con las que puedo crear y experimentar es un viaje que comienza en la decisión de construir una cámara de fotos. Ella es solo una parte más de todo este maravilloso proceso... La fotografía como el "arte de dibujar o escribir con luz" la podemos descubrir y reinventar a cada paso de la fotografía estenopéica.

La luz deja sus huellas de una manera particular...a partir de la construcción de un determinado diseño de la cámara, de un soporte sensible "más lento" y de un particular tratamiento del tiempo. La fotografía deja de ser ahora el "arte del instante" para convertirse en un "arte del momento", de siempre varios segundos o hasta a veces minutos. En este lapso de tiempo la luz dibuja con cierto misterio... y es el azar el que se apodera de nuestra imagen... Es el mismo misterio el que me hace acercar a este tipo de fotografía...

Referencias

REISIN, A. *Arteterapia, semánticas y morfologías*. Buenos Aires: , 2005.

NASIO, J. D. *La mirada en psicoanálisis*. Buenos Aires: Paidos Argentina, 1995

BENJAMIN, W. *Discursos interrumpidos*. Buenos Aires: Taurus, 1973.

ANEXO (Fotos):

Fig. 1 – Cámaras Estenopeicas

Fig. 2 – "Plaza de Mayo Palmera"

Fig. 3 – "Multi Agus"

Fig. 4 – "Ojo del Alma"

Fig. 5 – “Agua Vestido”

6 - OFICINAS PSICOTERAPÊUTICAS "SER E FAZER" PARA PAIS ADOTANTES: UM ENQUADRE CLÍNICO DIFERENCIADO

Marcela Casacio Ferreira[19]
Tânia M. J. Aiello-Vaisberg[20]

Resumo*:* A presente pesquisa insere-se no contexto de um projeto maior, que visa a investigação sobre a eficácia terapêutica de enquadres clínicos diferenciados, em âmbitos institucionais. Trata-se do relato de experiências de Arteterapia winnicottiana grupal, com pais adotivos e famílias interessadas em adoção. Tal modalidade de trabalho lança-nos luz tanto para a importância do holding, como para os ganhos da utilização de materialidades, um dos elementos fundamentais pelos quais mundos transacionais podem ser simbolicamente constituídos, possibilitando, assim, verdadeiras mudanças existenciais.
Palavras-chave: Adoção; Arteterapia; Psicologia Winnicottiana; Psicanálise.

Psychotherapeutic workshop "being and doing" to adoptive parents: a differentiated clinical settings

Abstract: The present research is part of a project that investigates the effectiveness of differentiated clinical settings of psychotherapies in the institutions. In this paper we present experience of the art therapy with the winnicottian way of thinking, in a adoptive parents and family group. This work can show the importance of the "holding" and the use of the mediating materialization, one of the basic elements to the constitution of the symbolic worlds that can promote true changes in the subjects.
Key words: Adoption; Art Therapy; Psychoanalysis; Winnicottian; Psychoanalysis.

Taller psicoterapéutico "ser y hacer" para padres y madres adoptivos: un encuadre clínico diferenciado

Resumen: La presente investigación hace parte de un proyecto más grande que intenta conocer la eficacia clínica de encuadres diferenciados, en ámbitos institucionales, y es formada por el relato de experiencias de Arteterapia winnicottiana de grupo con padres y madres adoptivos y familias que quieren adoptar. Esta modalidad de trabajo permite aumentar lo conocimiento sobre la importancia del holding y también sobre las ventajas de l'utilización de materiales expresivos, por medio de los cuales se puede constituir en forma simbólica mundos transaccionales, que pueden favorecer cambios existenciales verdaderos.
Palabras clave: Adopción; Arteterapia; Psicoanálisis Winnicottiana; Psicoanálisis.

Temos realizado, no contexto do Grupo de Pesquisa *Atenção Psicológica Clínica em Instituições: Prevenção e Intervenção*[21], pesquisas voltadas ao estudo de práticas e enquadres diferenciados que permitam a extensão de conhecimento psicanalítico a camadas da população tradicionalmente excluídas de seus benefícios, atuando tanto em registros psicoterapêuticos como psicoprofiláticos.

Neste contexto, destaca-se a iniciativa de focalizar clinicamente a prática psicossocial da adoção, buscando tanto conhecer o imaginário social, que concebemos winnicottianamente como ambiente psicológico, como propor um dispositivo de trabalho potencialmente capaz de atender pais adotivos, numa perspectiva que pode gerar efeitos psicoprofiláticos importantes.

---

[19] Doutora e membro do Laboratório de Psicologia Clínica Social da PUC-Campinas. Coordenadora da Oficina para pais adotivos e adotantes do Serviço de Psicologia da PUC-Campinas. Professora da Faculdade de Jaguariúna.
Endereço: Rua José Paulino, 2236 s.22, fone. 0.19.32321353 cep: 13013.002. E-mail: marcelacasacio@uol.com.br
[20] Professora Livre Docente do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, Coordenadora do Laboratório de Psicologia Clínica Social e orientadora do Programa de Pós-graduação em Psicologia da PUC-Campinas, Coordenadora da Ser e Fazer: Oficinas psicoterapêuticas de criação do IP-USP, presidente do NEW: Núcleo de estudos winnicottianos de SP. E-mail: tanielo@uol.com.br
[21] A produção deste Grupo CNPq da Pontifícia Universidade Católica de Campinas pode ser conhecida no site www.cnpq.gov.br .

No que tange à pesquisa sobre o ambiente imaginário, foi possível elaborar e defender uma tese de doutorado (Ferreira, 2006)[22], além de outras pesquisas que focalizaram o imaginário de psicólogos (Ferreira e Aiello-Vaisberg, 2004) e professores (Cabreira et al., 2005)[23].

Adotando estratégias metodológicas psicanalíticas, tais trabalhos se caracterizam pela busca dos campos psicológicos não conscientes (Bleger,1963; Herrmann, 1979), que são o substrato afetivo emocional sobre os quais se organiza o imaginário coletivo (Aiello-Vaisberg, 1999). O material clínico encontrado permitiu uma elaboração compreensiva das comunicações obtidas, a partir da qual são destacados campos inconscientes organizadores do imaginário acerca da criança adotiva: o abandono, a mentira, o estranho e a psicopatologia. O abandono insere-se numa rede que encontra, nas questões da entrega da criança para adoção e nas experiências de desamparo e rejeição, outros nós significativos. A mentira liga-se às condutas de ocultação da história de adoção e das verdades da família. O estranho aparece projetado na adoção como forma de debruçar-se sobre o desconhecido, possivelmente em consonância com dimensões temidas de *self*. Por fim, o último campo aponta para o fenômeno da criação de "teorias psicopatológicas", pelas quais fragilidades emocionais insuperáveis são atribuídas às crianças adotivas.

Por outro lado, no que diz respeito à proposição de enquadre diferenciado com vistas ao atendimento de pais adotantes e adotivos, idealizamos uma oficina de artepsicoterapia segundo o modelo "Ser e Fazer", que é utilizada na Universidade de São Paulo desde 1997 (Aiello-Vaisberg, 2004). Esta modalidade clínica de trabalho foi construída a partir da manutenção de um diálogo detido com o conjunto da obra winnicottiana, que tem sido abordada, à luz de formulações epistemológicas de Bleger (1963) e Politzer (1928), como feliz realização de uma psicanálise concreta, que se mantém maximamente próxima, em ato e reflexão, ao acontecer clínico. Toma como paradigma o Jogo do Rabisco (Winnicott, 1971), propondo-se como constituição de um ambiente suficientemente bom, que opera no sentido de favorecer a integração pessoal. Deste modo, cada oficina terapêutica pode ser considerada um mundo intermediário temporário, que, dando lugar a um processo de personalização/realização transicional, permite o reconhecimento e atendimento das aspirações fundamentais do homem como ser agente e criador (Aiello-Vaisberg, 2004).

Desde a perspectiva "Ser e Fazer", cada oficina se caracteriza pelo uso de uma materialidade mediadora, que é justamente o elemento pelo qual mundos podem ser simbolicamente constituídos. Assim, tendo em vista a criação de enquadre diferenciado para pais adotantes e adotivos, optamos, inspiradas na Oficina de Fotos, Cartas e Lembranças, da Universidade de São Paulo (Machado et al. 2003), por propor, como serviço do Laboratório de Psicologia Clinica Social da Pontifícia[24], um trabalho de encontros psicoterapêuticos grupais. Consistem em sessões conduzidas por um analista, que tem lugar em uma sala especial para grupo no Serviço de Psicologia da PUC-Campinas, situado no Campus II. Acontecem ao longo do ano e estão abertos, permitindo entrada e saída de participantes a qualquer tempo.

Nos encontros da oficina para pais adotivos e adotantes, os participantes recebem uma escuta e acolhimento diferenciados, baseados no *holding*, em um enquadre próprio, de clima favorável ao estabelecimento da transferência psicanalítica, que bem pode proporcionar surpresas e encontros com aspectos verdadeiros do *self*, a partir dos quais *insights*[25] surgem naturalmente. Experiências desta ordem levam tais famílias a adotarem novos modos de ser, transformando-se verdadeiramente. Desta forma, a interação entre pacientes e terapeuta permite a produção de novos conhecimentos no campo das experiências emocionais vividas em família, o que beneficia tanto o grupo de pesquisadores que pretende a ciência crescida, quanto a comunidade em geral. Esta é a clínica social: clínica por manter, em enquadres diferenciados, o fundamental dos pressupostos do método psicanalítico, e social pelo fato da psicanálise concreta abranger uma instituição, uma comunidade, que dela se beneficia significativamente.

As escolhas da materialidade acontecem de acordo com a pessoalidade do psicanalista, na medida em que se configura, precisamente, como "materialidade-rabisco" (Aiello-Vaisberg, 2004). Deste modo, deve ficar claro que não se trata de oficina ocupacional, centrada na realização de atividades, mas que a materialidade é usada para constituição de um mundo intermediário, onde o *holding* acontece. Neste caminho, cabe ao analista conhecer a melhor maneira para se aventurar nesta empreitada, o que envolve suas idiossincrasias. Esta é a principal razão de evitarmos falar em técnica de atendimento nas oficinas; assim, não pensamos em uma conduta cristalizada, rígida e independente de quem a realiza e sim, em uma prática inextricável à pessoalidade do terapeuta.

Seguindo esse referencial, escolhemos trabalhar com fotos, histórias e objetos de lembranças com as famílias. Ao pedir que os pais tragam materiais como esses, ligados às suas recordações, operamos numa área

---

[22] Trata-se de doutorado realizado com bolsa financiada pelo CNPq, sob orientação de Tânia Maria José Aiello Vaisberg.

[23] Trabalho de Iniciação Científica com Bolsa FAPIC da PUC-Campinas e PIBIC-CNPq, apresentado no X Encontro de Iniciação Científica da Pontifícia Universidade Católica de Campinas em 2005.

[24] O Laboratório de Psicologia Clínica Social da Pontifícia Universidade Católica de Campinas e do Grupo de Pesquisa do CNPq é liderado pelas docentes Vera Engler Cury e Tânia Maria José Aiello Vaisberg.

[25] É importante notar que *insights* acontecem como atos psíquicos próprios aos humanos, mas que não são buscados como meio de obtenção de experiência mutativa. De acordo com nosso enfoque, o aumento do auto-conhecimento é um subproduto natural do processo psicoterapêutico e não o elemento produtor de mudança.

lúdica, de caráter transicional, contornando possivelmente condutas defensivas e promovendo a gestualidade espontânea, integrando o sentir, o pensar e o agir. Desta forma, manifestações mais ou menos dissociadas, mais ou menos conscientes, podem aparecer, como também aspectos do *self* verdadeiro.

Importa-nos nestes encontros de artepsicoterapia winnicottiana facilitar a expressão entre participantes, para que um campo de trocas possa ser instituído, e representações e crenças possam ser afrouxadas e modificadas, caminhando à integração pessoal e ao aparecimento do gesto espontâneo.

Dramáticas de Vida: Alguns Pacientes da Oficina de Artepsicoterapia

Retomando as histórias de alguns dos nossos pacientes, recordamos de Dona Lila[26] que procurou um de nós para tirar algumas dúvidas sobre sua filha adotiva. O grande problema que permeava seus pensamentos conscientes era a educação que dava à filha, pois (...) *os pais biológicos de sua filha Lili eram viciados em bebidas e drogas*. Jamais pensou em procurar um psicólogo, porque (...) *é muito caro, é só pra gente com dinheiro.*

Já Nina gostaria de perguntar muitas coisas sobre como é ter um filho, uma vez que ela nunca imaginou que um dia pudesse engravidar... Mas engravidou... e veio a perder seu bebê. Num momento de tristeza, confusão e crise precisava de que alguém ouvisse seus anseios, medos, para assim, recuperar um estado pessoal mais integrado. Já havia feito psicoterapia, mas confiou na instituição quando viu o anúncio da "Oficina para pais adotivos ou adotantes". Quem sabe pudesse pensar em adoção, afinal não gostaria de engravidar de novo...

Júnior, um paciente da clínica, marcou uma entrevista, pois queria adotar uma criança deficiente. Não sabia nem como nem quando adotaria a criança, mas vivia com intensidade a necessidade de adotar crianças com problemas. Não tinha mais que vinte anos de idade e (...) *era muito sozinho... sem namorada.* Havia perdido alguém de quem gostava muito há alguns anos. Um dia que levou seu irmão ao médico, leu no andar da Pediatria o cartaz da nossa oficina. Seu jeito de menino e seu olhar infantil pareciam levar Júnior a pedir para ser adotado, mais que a adotar...

Recebemos uma ligação de uma pessoa muito preocupada com sua filha adolescente: estava apresentando comportamento anti-social, criando muitos problemas para os pais, que já estavam se arrependendo de terem-na adotado. Casal de classe alta, profissionais da área da saúde, já não sabiam o que fazer; estavam prestes a colocarem a garota em uma instituição.

A diversidade de *dramáticas* que encontramos entre aqueles que adotam ou querem adotar, fazem-nos recordar que famílias adotivas, tão diferentes entre si como todas as famílias, vão vivendo, com suas mais diversas peculiaridades... Felizmente, passeiam, às vezes, por nossos caminhos clínicos e pessoais, ensinado-nos um pouco sobre suas experiências e anseios.

Dona Soraia parece ter se beneficiado dos encontros realizados nas oficinas de artepsicoterapia de inspiração winnicottiana. Trouxe-nos um álbum com fotos e um objeto pequeno que foi um dos primeiros brinquedos do seu filho: um jacaré verde, de plástico. Com essa apresentação, trouxe ao grupo sua história desde que adotou José. Contou-nos o ímpeto que a fez mudar de estado no Brasil, só para buscar seu filho, nascido a muitos quilômetros de distância de sua cidade natal. A mãe biológica do garoto já entregara três filhos para adoção.

Dona Soraia durante a apresentação das fotos de sua vida e das lembranças por ela trazidas aos atendimentos pôde, assim, mergulhar em uma profunda busca dos sentidos da adoção. Ao longo de suas histórias, surpreendia-se ao revisitar o estado no qual se encontrava quando começou a pensar na adoção. Lembrava de que se deparou com uma solidão infindável ao aposentar-se. Entre alegrias e tristezas, como o nascimento de sobrinhos e a morte dos pais, apercebia-se de uma vida que se passava e que se destacava por lembrá-la, a todo instante, do quão *sozinha e abandonada* estava. Não obstante, começou a ter dores ginecológicas intensas que a levou a realizar uma cirurgia de retirada do útero: viu-se deprimida e sem perspectivas de vida. Não poderia conceber filhos.

Dentre várias experiências vividas por Dona Soraia, a depressão e a solidão eram as marcas de sua vida, apesar de delinearem-se sob a presença de muitos irmãos na família, com muito barulho e agitação. Para ela, tanta alegria carregava o disfarce de sua tristeza e quando se encontrava a sós dava-se conta de que era a protagonista, ela e somente ela, da sua própria história de solidão. Dona Soraia alimentava a crença de que para criar uma vida com sentido, precisaria de um filho.

Ao longo dos encontros, Dona Soraia e a terapeuta construíram, juntas, um vínculo que se estendeu positivamente ao longo do trabalho. Ademais, pela ausência de outras mães do grupo, esta mãe teve alguns encontros individuais com a psicanalista.

Os encontros com Soraia estavam fluindo, malgrado o fato de solicitar, mais de uma vez, sessões baseadas em palestras e aulas. Interferências negativas no trabalho começaram a aparecer o que de certa forma incomodava a psicanalista, por revelar a insatisfação da paciente frente à oficina. Entretanto com o tempo, foi se tornando claro que tal demanda estava relacionada ao seu incômodo face ao fato de estar revendo sua própria história de vida através da materialidade utilizada, a qual suscita recordações e lembranças particularmente

[26] Os nomes utilizados neste texto são fictícios.

desagradáveis ou penosas. Ao solicitar palestras nas quais ouvisse, poderia assim, abster-se de falar, e dessa forma, evitar, de maneira mais confortável, entrar no mundo experiencial que a conduziu a sofrer.

Passaram alguns encontros, até que certa tarde, Soraia não apareceu no grupo, o que nos surpreendeu, pois nunca faltava. Passou algum temo, até que a psicanalista contatou-a por telefone. Para sua surpresa, disse que não voltaria mais para o grupo, pois estava gastando muito no transporte e o horário não era bom. Ouviu, então que a Oficina teria prosseguimento e que poderia ligar para o Serviço caso quisesse voltar ao grupo.

Soraia parecia estar com raiva e talvez assustada. No que tange a experiência com o grupo, podemos dizer que havia entrado em contato com experiências do campo afetivo-emocional difíceis, principalmente, as relacionadas com a histeroctomia. Ademais, foi após o encontro no qual revelou a realização da cirurgia, que Soraia veio a se ausentar, ocasião em que estava a sós com a psicanalista.

Contudo, três meses depois, Soraia procura novamente o Serviço, dizendo não estar bem, necessitando urgentemente de atendimento psicológico, o que atesta que, como pensáramos, estava bem estabelecido o vínculo terapêutico. Respondemos positivamente ao seu chamado, entendendo tal demanda como um sinal positivo de saúde, afinal era uma abertura que ela se permitia realizar em busca de sentidos para sua vida.

O enquadre diferenciado e a clínica Ser e Fazer: fidelidade ao método psicanalítico

Como bem podemos ver, não há peculiaridades em atendimentos de artepsicoterapia aos pais adotivos, da mesma forma que não há na criança adotiva. Tratam-se de consultas que são conduzidas a partir de uma postura do psicoterapeuta de acolhimento do gesto espontâneo e de oferecimento de espaço para o encontro com experiências de surpresa, comum tanto a famílias biológicas como a famílias adotivas. Dizem respeito, pois, ao que há de humano nessas famílias, a intersubjetividade, promovendo no campo experiencial desenvolvimento.

A psicanálise, quando fielmente utilizada como método, ou seja, quando compreendida no que lhe é essencial, permite-nos uma atenção diferenciada conforme as necessidades dos pacientes, sejam estes indivíduos, grupos ou instituições. Bleger (1968), autor que teorizou sobre a situação analítica, compreende que transcendente à imposição de regras ou ao estabelecimento de um contrato, o enquadre acontece como elemento constante da relação do analista com o paciente. Sugere que na situação analítica parte psicótica fica projetada na instituição do enquadre, o que nos faz pensar na sua importância durante o encontro analítico.

Quando atentos a esse fato, podemos vislumbrar possibilidades de atendimentos diferenciados, visando nos adaptarmos à situação conforme as necessidades do paciente. Essa concepção flexível do método também teve lugar na experiência de Winnicott (1971) que, por sua vez, pôde utilizar-se de consultas terapêuticas e conduzir seu trabalho, estrategicamente diferenciado, essencialmente fundamentado no método psicanalítico. Ao nos tornarmos íntimos da leitura winnicottiana a respeito da conduta frente a pacientes psicóticos, por exemplo, percebemos que, adotando estratégias de alívio de dores existenciais, sua postura permanece essencialmente psicanalítica.

Apesar de Winnicott revolucionar a clínica, ainda mantinha uma concepção a qual revelava que neuróticos padeciam de sofrimento que nem sempre abarcava questões do "sentir-se reais" e sim de problemáticas que implicavam passíveis de serem solucionadas pela via de um aumento de conscientização. Sobre os psicóticos, Winnicott dizia que estes pacientes não esperavam que a análise os tornasse mais conscientes - como seria com os neuróticos - e sim que pudessem vir a ter esperanças de que lhes fosse possível sentir-se reais. De nossa parte, adotamos criticamente uma outra perspectiva quanto à noção de que apenas pacientes psicóticos vivem problemáticas existenciais:

> *Tanto a experiência clínica como a freqüência aos textos winnicottianos, sugerem fortemente que o paciente psiconeurótico, aqui referido, corresponde menos a um tipo psicopatológico do que a uma modalidade de falso self. Na mesma linha, uma psicanálise que se concretize pela via do aumento do conhecimento relaciona-se ao que pode ser designado como uma análise neurótica do falso self* (Aiello-Vaisberg, 2004, p.15).

Os atendimentos psicanalíticos, que incluem a artepsicoterapia winnicottiana, ao se debruçarem sobre o sofrimento humano - seja ele qual for - visam, como objetivo terapêutico, a cura da dissociação pelo caminho da criação/ encontro do *self* verdadeiro. Assim, atendimentos que são levados a cabo segundo o estilo clínico Ser e Fazer, respondem, a nosso ver, a problemáticas emocionais tanto de pacientes que apresentam características neuróticas como daqueles passíveis de serem psiquiatricamente diagnosticados como psicóticos. Em todos estes casos, estamos sempre realizando um acolhimento de queixas geradas pela vida contemporânea, relativas à dor do viver superficial, que a nosso ver, são essencialmente existenciais.

> Essa proposta de atendimento privilegia, pois, a expressão da criatividade primária, bem como sustentação da gestualidade espontânea e autêntica, que acontecem de modo transacional permitindo a recuperação do ser pessoal como devir essencialmente

> vincular. *Cuidado em sua dissociação, resgatado como agente criador, segue o paciente o seu próprio viver, descobrindo/encontrando seus próprios caminhos* (. ..) (Aiello-Vaisberg, 2004, p.16).

Ao promoverem acompanhamento, as oficinas contribuem no desenvolvimento emocional tanto dos pais, quanto, indiretamente, dos seus filhos e abrem a possibilidade da inserção de parte da sociedade aos benefícios da escuta e do encontro psicanalítico. Uma sociedade mais saudável promove, necessariamente, pessoas e relações mais saudáveis.

Referências

AIELLO-VAISBERG, T. M. J. *Encontro com a loucura:* transicionalidade e ensino de psicopatologia. Tese de livre docência, Instituto de Psicologia, USP, 1999. 185p.

AIELLO-VAISBERG, T. M. J. Os enquadres clínicos diferenciados e a personalização/realização transacional. In: AIELLO-VAISBERG, T.; AMBROSIO, F. F. (org.) *Cadernos Ser e Fazer: o brincar*. São Paulo: Instituto de Psicologia/USP, 2004. p. 06-17.

BLEGER, J. *Psicologia da Conduta*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1984.

BLEGER, J. Psicanálise do enquadramento psicanalítico. In: *Simbiose e ambiquidade*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977. p. 311-328.

CABREIRA, J. C. Pontes, M. L. S., AIELLO-VAISBERG, T. M. J.; FERREIRA, M. C. *A adoção no imaginário de professores. Anais do X Encontro de Iniciação Científica da PUC-Campinas*, 2005.

FERREIRA, M. C. *Encontrando a criança adotiva: um passeio pelo imaginário coletivo de professores à luz da psicanálise.* Tese de Doutorado. Curso de Doutorado. Programa de Pós-graduação em Psicologia do Centro de Ciências da Vida. Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Campinas, 2006.

FERREIRA, M. C.; AIELLO-VAISBERG, T. M. J. Concepções sobre adoção entre psicólogos e psicanalistas: observações iniciais. *Anais do XIII Encontro Latino-Americano sobre o Pensamento de Donald W. Winnicott*, 2004. p. 155-159.

HERRMANN, F. *O método da psicanálise*, São Paulo: EPU, 1979.

MACHADO, M. C. L.; VAISBERG, T. M. J. A; GIL, C. A.; TARDIVO, L. C. Oficina psicoterapêutica de cartas, fotografias e lembranças: uma experiência dramática. VAISBERG, T. M. J. A; AMBROSIO, F. F. (org.) *Cadernos Ser e Fazer:* apresentação e materialidade. São Paulo: Instituto de Psicologia/USP, 2003. p. 66-81.

POLITZER, G. *Críticas dos fundamentos da psicologia: a psicologia e a psicanálise*. Piracicaba: UNIMEP, 1998.

WINNICOTT, D. W. Consultas terapêuticas em psiquiatria infantil*. Rio de Janeiro: Imago, 1984.*

7 - ARTETERAPIA: COLORINDO A VIDA ATRAVÉS DA LINGUAGEM E DA LITERATURA

Raquel Maria Rossi Wosiack[27]

Resumo: Este artigo procura demonstrar como o uso da linguagem e da literatura pode se constituir em meio de acessarmos o nosso inconsciente. O artigo descreve experiência realizada com um grupo de alunos do curso de Pós-Graduação em Arteterapia da Universidade de Passo Fundo – RS.
Palavras-chave: Arteterapia; Linguagem; Literatura; Inconsciente.

Arteterapia: coloring the life through the language and of the literature

Abstract: This article shows how we can use language and literature as a way to access the unconsciousness. The article describes an experience made with a group of Art therapy students of the "Universidade de Passo Fundo –RS".
Key words: Art Therapy; Language; Literature; Unconsciousness.

Arteterapia: colorando la vida a través del idioma y de la literatura

Resumen: Este artigo demuestra como el lenguaje y la literatura pueden constituirse en medios de ingreso en el inconsciente. El artículo describe una experiencia hecha con alumnos de un curso de post grado en Arteterapia en la Universidad de Passo Fundo –RS.
Palabras clave: Arteterapia; Lenguaje; Literatura; Inconsciente.

> *Qualquer um que se entrega a um trabalho de criação literária sabe que a gente se abre, se entrega, e o livro nos fala e se constrói a si mesmo. Até certo ponto você se torna o portador de algo que lhe foi transmitido por aquilo que se chama as Musas, ou, em linguagem bíblica, Deu* (CAMPBELL, 1990).

Linguagem e literatura em Arteterapia parecem, à primeira vista, estar meio fora do que se pretende dentro desta nova área de conhecimento, já que comumente se busca trabalhar mais com a linguagem não verbal. Porém, pelo que expomos a seguir notar-se-á que tanto a linguagem quanto à literatura são poderosos meios de acessarmos o nosso inconsciente e de promovermos a compreensão e a transformação em nossas vidas. Além disso, constatamos também que a escrita criativa em Arteterapia pode se tornar um contexto que propicie o auto descobrimento, o mergulho em conteúdos do nosso inconsciente, o encontro de talentos ocultos, a reescrita de nossa vida e talvez até a acolhida da escrita vivida poeticamente.

Sabemos que todas as relações do homem são mediadas pela linguagem, os que faz com que estas relações sejam, então, pela linguagem limitadas. Conforme nos informa Peirce (apud SANTAELLA, 1999) todo pensamento é mediado por signos e os signos são a única realidade capaz de transitar na passagem da fronteira entre o mundo interior e o exterior. Ao povoar o mundo dos signos, o homem dá sentido ao mundo no qual vive. É, desta forma, que a linguagem permite ao homem transitar entre o concreto e o abstrato, entre o passado-presente-futuro. Quando pensamos, traduzimos o que temos presente à consciência, sejam imagens, sentimentos ou concepções (que já são signos ou quase signos). E, para transmitir o que pensamos, faz-se necessário que nova tradução seja feita.

Jakobson (1969) nos fala da tradução intersemiótica, que consiste na interpretação dos signos verbais por meios não verbais ou a interpretação de signos de um sistema de signos qualquer para outro. Outro autor, Plaza, citado por Osório (1998), pensa a operação tradutora como trânsito criativo da linguagem, onde o critério de fidelidade sequer pode ser levantado na medida em que cada linguagem cria sua própria verdade. Para Osório, citada acima é este trânsito criativo entre as diversas linguagens que nos interessa e que nos faz pensar a tradução como um jogo de espelhos onde podemos entrever a obra original, uma outra obra, também única e de autoria do tradutor e a possibilidade de tantas outras.

---

[27] Arteterapeuta, Mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e Doutoranda em Ciências das Atividades Físicas pela Universidade de Córdoba, na Espanha. Professora do curso de Graduação em Terapias Expressivas e Pós-Graduação em Arteterapia do Centro Universitário FEEVALE e do ISEPE/Centrarte, Profª convidada do curso de Pós-graduação em Arteterapia da Universidade de Passo Fundo e Presidente da Associação Sulbrasileira de Arteterapia. E-mail para contato corpoalma557@yahoo.com.br

Todo artista precisa ter um vocabulário próprio, só podemos ser fiéis a nossa própria realidade ou verdade, ou a realidade que podemos ver. Portanto, verificamos que toda visão está embasada em uma escolha prévia. O artista está também ligado ao tempo, não só ao tempo no qual ele vive, mas também ao passado de onde traz toda uma gama de experiências e vivências.

Morin (apud LAHORGUE, 2004) nos coloca que somos escreventes da vida, palavras vivas nas cidades, nos guetos suburbanos, nas praças, nas brincadeiras, no trágico e cruel, no contemplativo, no amoroso... no jogo. E esse jogo proporciona uma liberação de amarras, que possibilita a construção de discursos pela nossa imaginação.

Lahorgue (2004) comenta que a afetividade, a arte, a poesia, a música, a criatividade, o imaginário sempre estiveram fora do ensino nas faculdades de educação e, eu me atreveria a dizer que, muito mais do que isto; foram também banidas de grande parte das nossas vivências.

Para que possamos resgatar estes aspectos essenciais na nossa vida, precisamos percorrer determinado caminho, que conforme o autor citado acima só pode constituir-se, primeiro, pela narrativização do vivido, ou seja, nossa vida vivida como ser humano nas relações; segundo pelo sensível, que une o estésico com a emoção que surge deste momento de tomada de consciência, o momento em que me afasto do vivido para conhecê-lo por um ato cognitivo; terceiro como palavra que é construída para seduzi-lo a entrar no texto e tornar-se também construtor de sentido.

Juliano (1999), em seus trabalhos em Gestalt, busca a tradução do vivido em várias outras linguagens, utilizando-se de metáforas, histórias infantis, contos de fada, sonhos e fantasias. Utiliza-se também de outros recursos expressivos como: o movimento, a dança, a dramatização, os escritos, as poesias, os trabalhos manuais, de forma que assim se possa traduzir o vivido em diferentes linguagens, tornando-o mais elástico, mais maleável, vitalizando o fluxo perceptual.

O mesmo autor nos informa que conseguimos focalizar apenas um setor limitado do nosso ser em cada momento determinado, somente uma porção limitada do nosso sistema de energia pode ser incorporada a nossa consciência, e, para utilizar esta energia, é preciso que nos tornemos receptivos à sua mensagem.

Os sonhos, as imagens e a fantasia são canais desenvolvidos pelo psiquismo para favorecer o diálogo entre partes conhecidas e desconhecidas de nós mesmos, fazendo com que se comuniquem.

Nos dias de hoje, é comum a falta de comunicação entre estas duas partes nossas, é comum o isolamento da nossa vida consciente em relação ao nosso mundo, e este fato pode levar-nos a um sentimento de vazio e de fragmentação, parecendo que estamos apartados de nós mesmos. Entre as várias formas que podemos acessar esse nosso mundo interno encontram-se os sonhos, as imagens, as fantasias, a meditação, a prece, a imaginação dirigida. Podemos também ignorar esta comunicação, manter o isolamento, e assim abrir caminho para doenças psicossomáticas, compulsões, neuroses ou mesmo a infelicidade.

Mônica Guttmann (2004, p.255) concorda com o exposto e ressalta:

> Pensamentos, sentimentos, sensações e intuições necessitam de espaços para voar; caso contrário, rapidamente perdem sua essência, seu sentido, seu poder. A vida, pela própria natureza, é um livro de páginas soltas que vão se fazendo, se encaixando à medida que são vividas... Páginas que exigem, de seu criador, o comprometimento e a responsabilidade de transformá-las em algo que lhes dê sentido e valor. Páginas que também já trazem no corpo a essência de suas histórias e de seus segredos.

Sabemos que uma das formas do ser humano se tornar mais completo é se tornando consciente dos seus mecanismos internos e que a linguagem simbólica é uma das vias de acesso para que o inconsciente se manifeste através de trabalhos expressivos. Através da nossa atuação como arteterapeutas, constatamos que as atividades expressivas que se utilizem da linguagem verbal e não verbal, o contar e ouvir histórias podem ser formas de contatarmos com nosso mundo interno.

Uma das possibilidades é a narrativa de contos de fada. A narrativa deve ser feita de forma clara, com mudança de entonação conforme os acontecimentos, de maneira que não se torne monótona a quem está ouvindo. A melhor maneira é contar o conto e não lê-lo. Segundo Borges (1998), os personagens dos contos podem ser vistos como forças psíquicas, que funcionam de modo autônomo na profundeza da psique humana. Cada pessoa poderá expressar de maneira diferente o conto que representará o seu potencial de criatividade, permitindo desenvolver inconscientemente a autoconfiança no processo de seu crescimento.

Conforme Macri (2002), os contos e mitos trouxeram seus textos à luz através da visualização e da escrita criativa passando antes pela imagem que vinha na pintura, no desenho, no recorte e colagem, na modelagem em argila.

Através da escrita criativa, abre-se a possibilidade de dois encontros: um externo – livros, escrita e outro interno - o processo de individuação (autoconhecimento, desenvolvimento pessoal), criatividade e o resgate da auto-estima. Guttman (2004) acredita, assim como nós, que não existe vida sem criação e não existe criação sem a possibilidade de transformações. Assim sendo a escrita criativa vem satisfazer uma necessidade sentida por todo ser humano de buscar constantemente sentido em sua vida.

Colocar sentimentos, emoções, pensamentos em palavras é uma arte bastante difícil. As palavras vão até certo ponto, a partir do qual cabe à imaginação do autor deixá-las seguir sem limites. Guttman (2004) também nos informa que a palavra é um dos instrumentos mais antigos e profundos, capaz de ligar o ser humano a si e aos outros e que sem esse instrumento simbólico teríamos dificuldades de expressar, comunicar nossas percepções e sentimentos em relação à vida.

Várias tradições religiosas e culturais têm nas histórias uma fonte de conhecimento, integração e transformação, pois sabemos que as histórias trazem imagens que se passam dentro de nós, refletem a alma humana, nossos valores, necessidades, buscas, vivências. Nossas vidas estão permeadas de histórias; nossa memória se transformou em histórias, nossos sonhos são histórias, e o futuro nos espera com outras histórias ainda para nós desconhecidas.

Guttmann e Giordano utilizam as histórias como forma terapêutica em Arteterapia e apresentam diversas maneiras de se trabalhar tanto com os contos, mitos, como com sonhos, imagens e poesia.

Giordano (2004, p.279) justifica esta sua escolha da seguinte forma:

> *Escolhi a arte narrativa (conto) como obra de arte articuladora de um processo contínuo de autoconhecimento, já que estes são formas ordenadas e estruturas simbólicas da relação do ser humano com o mundo. Como já mencionamos ao ser narrada, a história permite que o ouvinte conte a si mesmo sua própria história e, ao recontá-la, em um processo criador, concebe a si mesmo, possibilitando a aventura humana de forma ao desconhecido. Assim a arte/contos é uma linguagem individual, o que significa dizer que os significados são individuais. Esse caminho é solitário, íntimo, particular – pois é verdade que não existem pessoas iguais – mas nem por isso é um caminho fechado em si mesmo e não-compartilhável.*

A mesma autora segue dizendo que contar e ouvir histórias são como uma paisagem. Os contos podem ampliar estas imagens, abrir a visão, permitindo o novo, novas saídas, outros jeitos de ser e estar no mundo ou um momento para estar consigo mesmo, observando sua vida e suas experiências.

Como uma forma prática de demonstrarmos tudo o que discutimos acima, descreveremos uma atividade de Arteterapia que foi aplicada com alunas do curso de pós-graduação em Arteterapia na Universidade de Passo Fundo. Esta atividade tinha como objetivo: reconhecer que o trabalho corporal também possibilita a expressão de nosso inconsciente e transformar este conhecimento em uma poesia ou prosa.

A atividade desenvolvida constituiu-se de cinco tempos que estão descritos abaixo:

Tempo 1: meditação
Tempo 2: expressão plástica
Tempo 3: comentar o trabalho dos colegas,respondendo às perguntas:

a) O que vê?
b) O que sente?
c) O que escuta?

Tempo 4: expressão escrita sobre a atividade utilizando ou não os comentários dos colegas
Tempo 5: comentários sobre a atividade em geral

A meditação ativa – "As quatro direções", que aconteceu no primeiro tempo, inicia com uma música com batidas de tambor e respiração além de instrumentos musicais e dirige os movimentos dos participantes primeiro para o leste, depois oeste, norte, sul e então para as 4 direções uma após a outra.

Depois de ter terminado o exercício, todos podem relaxar deitados nos colchonetes.

No Tempo 2, a facilitadora ofereceu a cada um uma folha de cartolina branca e pediu que cada um expressasse como se sentia neste momento. Para isto podiam utilizar pincéis e guache colorido.

Cada participante fez seu trabalho em silêncio.

O Tempo 3 foi desenvolvido quando todos tinham terminado a sua expressão plástica, cada um devia observar o trabalho dos colegas e falar: o que vê, o que sente, o que escuta no e do trabalho do colega. O dono do trabalho devia anotar o que estava sendo dito sobre seu trabalho.

Ao encerrar esta etapa, iniciou-se o Tempo 4, onde cada um devia escrever uma poesia ou uma prosa utilizando tudo que anotou daquilo que seus colegas falaram sobre seu trabalho ou algo que tivesse vontade de escrever sobre seu próprio trabalho.

Na última etapa, cada um lia o que tinha escrito e comentava como se sentira realizando esta experiência.

A meditação, o trabalho plástico e o diálogo entre os participantes serviram como meio para que a expressão verbal fosse finalmente atingida. E esta expressão ocorreu com bastante facilidade para a maioria das alunas, como podemos verificar nos textos por elas construídos e que apresentamos a seguir:

Flutuar

Flutuando
Dispersando

E, então
Chegar...
Encontrar...
Coluna vertebral
Espinha dorsal
Ondula
Moduila
Medula
Sentindo a brisa, o ar...
Uma fita em movimento circular
Centro de tudo
Organiza
E aí está
O gosto doce na boca
A alegria no olhar
Um pouco ser
Um pouco estar...
Autora: Viviane Diehl

Sem título
Sou um ser de marcas, de histórias
Sou vida, sonho e canção
Sou um todo, sou bem assim
Sou passado, presente, futuro, sou emoção

Vejo e deixo ver meu coração
Ele é forte, energia, sentimento
Coração iluminado, coração sofrido
Coração irradiando alegria a cada movimento
Vejo um coração de luz, dor e amor
Um coração sonhador

Coração que sente, vibra e eterniza
Coração sentindo o pulsar da vida
Coração, a esperança que se renova
O poder de contagiar, o calor
Que jamais se deixa apagar

Coração que escuta, coração que alerta
Coração embalando sinos e confusão
Coração que entoa vozes, harmonia
Coração bagunça, balança energia e pulsação

Coração que vê, sente e escuta
A vida misturando marcas, desilusões
Coração que vê, sente e escuta a beleza
De viver todas as vibrações!
Autora não colocou seu nome

Amarelo
Vermelho
Calor força e energia
Todas juntas
Que explosão
O brilho da estrela
Faz brotar
A alegria e o olhar
Ao ver a estrada ao trilhar
Seguindo a voz do coração
Sentindo a força
Do que de mim
Não depende

Mas que a mim
Faz feliz

Autora: Regina Lopez da Silva

O arco-íris é tudo que vejo
Mas o que sinto é pura vibração
Que brota dentro do meu coração

As cores que brotam
Dão muita alegria
Alegria que vem do fundo da alma
E irradia vibrações que não se acaba

Muitas cores
Todas vibrantes
Que provocam alegria e harmonia
E nos transmitem energia

Autora: Márcia Pozzebom

Ao compartilharmos as criações, reconhecemos que cada ser é único, individual, porém também reconhecemos que é no momento em que compartilhamos em grupo estas criações que nos tornamos mais humanos, mais receptivos.

Com certeza a Arteterapia nos propicia um maior conhecimento de nós mesmos! Mas o que acreditamos ser o maior ganho, dentro de um trabalho arteterapêutico é a oportunidade de compartilharmos nossas vivências, experiências com aqueles com os quais convivemos, tornando nossa convivência mais suave e, desta forma, exercitando a compaixão conosco mesmo e com os outros.

Referências

BORGES, C. Contos de fada e Arteterapia. *Rev. Imagens da transformação*. Rio de Janeiro, n. 5, vol.5, 1998.

CAMPBELL, J. *O poder do mito*. São Paulo: Palas Athenea, 1990.

GIORDANO, N. A. Contar histórias como possibilidade de tecer o invisível: as emoções. *Percursos em Arteterapia*. São Paulo: Summus, 2004.

GUTTMANN, M. A criação literária na Arteterapia (nas páginas da histórias e da poesia). *Percursos em Arteterapia*. São Paulo, Summus, 2004.

JAKOBSON, R. *Lingüística e comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1969.

JULIANO, J. C. *A arte de restaurar histórias*: o diálogo criativo no caminho pessoal. São Paulo: Summus, 1999.

LAHORGUE, T. Suponhamos que a natureza fale. In Gormezzano, G. (org.) *Questões de Arteterapia.* Passo Fundo: UPF, 2004.

MACRI, R. A poética do inconsciente. *Rev. Imagens da transformação.* Rio de Janeiro, n. 9, vol. 9, 2002.

OSÓRIO, V. Tradução intersemiótica um espaço de criação. *Imagens da transformação*. Rio de Janeiro, número 5, vol. 5, setembro/1998.

SANTAELLA, L. *O que é semiótica*. São Paulo: Brasiliense, 1999.

8 - CAMINOS PARA LA ARTETERAPIA NO MERCOSUR: MERCADOS DEL SUR

Alejandro Reisin[28]

Resumen: Este artículo es la presentación del autor en la Mesa Final del 1º Encuentro de Arteterapeutas del Mercosur, en la ciudad del Rio de Janeiro-Brasil, en noviembre de 2005.
Palabras clave: Arteterapia; Mercosur; Profesionales.

Caminhos para a Arteterapia no Mercosul: mercados do sul

Resumo: Este artigo é a apresentação do autor na Mesa Final do 1º Encontro de Arteterapeutas do Mercosul, na cidade do Rio de Janeiro-Brasil, em novembro de 2005.
Palavras-chave: Arteterapia; Mercosur; Profissionais.

Roads for the art therapy in Mercosur: markets of the south

Abstract: This articulates it is the author's presentation in the Final Table of the 1º Encounter of Art therapists of the Mercosur, in the city of the Rio de Janeiro-Brazil, in November of 2005.
Key words: Art Therapy; Mercosur; Professionals.

¿Cuáles son las cuestiones globales que integran a modo de comunes denominadores, el Arteterapia en nuestros países?

Mercosur, es un tratado que surge como intercambio comercial y de integración entre los países que lo componen, pero su nominación hace referencia a una estructura del mercado entre esos países del sur. Hay ciertas cosas que nos unen: somos ciudadanos de países latinoamericanos, antes llamados "en vías de desarrollo" suponiendo que debíamos conducirnos hacia el desarrollo de los países desarrollados, sometidos a la lógica mercantil del capitalismo neoliberal, con políticas económicas del gobierno (pocas veces sociales) para resolver las distintas crisis. Cómo llegamos a estas crisis, cuáles fueron las condiciones políticas, sociales, económicas y culturales, son temas que cuestionan la naturalización de estas resoluciones.

Muchísimas veces nos enfrentamos como nación a situaciones sociales que solicitan otros abordajes que los mercantilistas o los asistenciales, ambas generalmente de características tiránicas o demagógicas. Las problemáticas de los países centrales son otras que las de los países periféricos. La sabiduría de supuesta objetividad, plantea el crecimiento en términos reducidos a cuestiones técnicas. Pero cada país tiene sabidurías sobre sí -ya que cada uno es experto en sus propias problemáticas- que, trabajadas, darían soluciones para resolver nuestras propias necesidades. ¿O acaso los países centrales nos solicitan asesoramiento?

Las soluciones deben provenir del interior de cada situación y no de un lugar “otro” ajeno, que ilumine con su supuesta sabiduría y menos aún, técnica. La problemáticas sociales no se reducen a meras soluciones técnicas económicas.

Disciplinamientos

Cada disciplina ubica claramente sus fronteras, para poder ubicar su identidad, su entidad diferenciada de la de otras. Esa identidad debe preservarse a sí misma, nombrarse y apellidarse. Formar su familia, sus clanes, tener su economía, su patrimonio, cuidar de su hogar, sus cuartos y sus quintas.

---

[28] Licenciado en Psicologia (Argentina). Professor de Psicologia em nível médio e superior. Psicólogo social. Co-fundador e diretor da primeira Escola de Arteterapia da Argentina. Músico. Autor dos libros: Arteterapia: semánticas y morfologías (2005), Subjetividad y estrés docente (2002), Creatividad, psiquismo y complejidad (2000) e Psicomúsica, en el arte, lo pedagógico y lo Terapéutico (1994). E-mail: www.alejandroreisin.tk

Pero nuestro problema como trabajadores en las áreas de la salud y la educación, no es la especialidad del especialista. Nuestro problema es haber perdido la brújula, el conocimiento del mar en el que navegamos y hasta nuestro mismo barco; conocemos solamente el movimiento del timón o el estado del motor. Nuestros problemas son los concernientes a la subjetividad y los caminos de transformación y agenciamiento de cambios potenciadores de la salud, el conocimiento, la calidad de vida y nuestro convivir cotidiano con los otros.

Pensemos en el mapa que cada cual tiene sobre una problemática en particular. Por ejemplo, un especialista en redes cloacales tendrá un mapa de la ciudad de recorridos de cañerías, de pendientes, acueductos una empresa de transportes de ómnibus, tendrá un mapa de tráficos y densidades demográficas; según el comercio del que se trate, habrán zonas donde sea mejor ubicar una joyería o una forrajería. Para ciertas aves, su mapa de la ciudad lo ubicarían respecto de los espacios verdes y sobre todo los árboles. En Buenos Aires, su centro sería el cinturón ecológico (territorio ganado al río, que rodea la zona céntrica) y el microcentro serían las afueras, para esos seres alados. Análogamente entonces, los especialistas de las disciplinas son conocedores del mapa de su objeto de estudio. Claro está que las realidades no vienen solas, vienen entramadas complejamente. Los árboles se nutren del agua que se filtra por las cañerías que circulan debajo de las aceras, respirando el humo de los omnibuses y así.

La transdiciplina organizará su acción a partir de la complejidad de lo que allí puede ubicarse como objeto de acción.

Postular que la transdisciplina ubica su temática organizada desde la problemática planteada y no desde su frontera a cuidar, promueve que cada disciplina pueda aportar sus distintos saberes en pos de contribuir a la resolución de las situaciones planteadas. Otra mirada. Otra metodología. Otra apropiación. Otra ideología, otra concepción necesaria para que las lógicas de causas y efectos no sean lineales ni simplificadas. Otra humanidad.

La disciplina tiende a desarrollar, clasificar, evaluar y requerir lo ***aptitudinal*** de cada saber. Ser o no apto de acuerdo a la especialidad, esa es la cuestión. Cuestión de formación, de constitución de una disciplina en torno a un objeto (formal abstracto), el cual es un recorte de un universo y no de otro. ¿Consideramos madura el Arteterapia para acceder al rango de disciplina y según qué criterios?

Para un trabajo interdisciplinar, es necesario lo ***actitudinal***. Obviamente no niega lo aptitudinal, sino que vierte sobre éste otra mirada, otra "óptica" que visualice fundamentos más generales (no tan especiales, cuestión que se la dejamos a cada disciplina).

Poder ver el cuerpo que sufre donde se encuentra ese órgano, los ojos, espejos del alma que lleva adelante el tratamiento desde "adentro" con diferentes actitudes, ideas y emociones.

Es un segundo movimiento, *entre* las disciplinas, integrando un objeto del cual cada una algo puede aportar y obrar, cada una desde su propio objeto formal.

Entonces, la propuesta es que aptitudes y actitudes se encuentren integradas para un trabajo interdisciplinar, partiendo de situar como fundante la razón misma y original que justifica cada disciplina, es decir, su deseo y necesidad de saber sobre el objeto de estudio, para poder obrar sobre él y apropiarse de aquello que está fuera de nuestro "control", sin olvidar que cualquier objeto es inaprehensible sin sujeto. Olvidar al ***sujeto*** en el trabajo con el ***objeto*** del que se trate, es como pretender tocar el piano sin las manos, ni el cuerpo que por detrás las impulsa, el cerebro y el corazón que las motiva.

Arteterapia y salud pública

En el campo de la salud pública, el Arteterapia tiene como interlocutores válidos a médicos, psicopedagogos, profesores, psicólogos, artistas, a otros arteterapeutas, administrativos de instituciones de salud, educativas, culturales, a los mismos sujetos de la acción arteterapéutica y sus familiares, entre otros.

Esa interlocución obviamente no es la misma y el particular entrecruzamiento que se da entre estos ámbitos promueven distintas tensiones y habilitan zonas de producción de la práxis.

En Argentina, encontramos amplia recepción del Arteterapia por trabajadores de la salud, de lo social y de la educación. Quizás esta recepción se deba a que no se registre desde el punto de vista profesional que peligre el propio campo de la práctica. Desgraciadamente no sucede lo mismo con una franja amplia de psicólogos, ya que el rozamiento de las conflictivas psíquicas en su área de incumbencia es preservado a veces como si de una propiedad privada se tratara y no de una complejidad de problemáticas cuyos abordajes pudieran enriquecerse con la diferencia de discursos. Lo más conflictivo se centra en la utilización de la palabra como herramienta de transformación. Esperamos que a lo largo del desarrollo de nuestras prácticas, estas diferencias puedan confluir en mayor producción salutífera.

> Volviendo a las cuestiones de la ciudadanía y los aportes del Arteterapia, se trata de trabajar con la posibilidad de asumir subjetivamente como ciudadanos, la libertad de pensar y de crear, de procurar los saberes que necesitamos para poder resolver las problemáticas específicas y comunes con las que nos encontramos. Aquí el arte en general y el Arteterapia en particular, ofrecen vías simbólicas y dispositivos de apertura que otorgan esa posibilidad de aprehensión, de subjetivación, de crecimiento autónomo y liberador que traen el propio pensamiento y expresión, la validación de lo que a diario vivimos y la necesariedad de nuestra coparticipación para construir el

mundo donde estamos viviendo, saliendo de quedar en estado de sometimiento creyendo que el poder solamente tiene una única procedencia, adueñándonos de los micropoderes, en el sentido que otorgara Foucault, para transformarnos en sujetos modificadores de las condiciones de vida en las que estamos.

Tanto en los ámbitos asistenciales clínicos, como educativos, culturales, de rehabilitación, la fuerza del Arteterapia impulsa la creación, la expresión, la comunicación, el trabajo con los otros, sea grupal o con redes sociales. Nada de esto es sin efectos, esta apropiación otorga sentidos nuevos o renovados de protagonismo subjetivo y ciudadano.

A esta mirada social, tendremos que articularla, ligarla o enlazarla (libidinalmente) con la mirada de la singularidad del trabajo arteterapéutico con los individuos y los grupos. Si bien nuestro trabajo, incluido en las políticas públicas de salud o de educación, no tiene el alcance social de estas políticas, la apropiación subjetiva -apuesta arteterapéutica a través de su praxis-, produce modificaciones cuyo alcance puede ser insospechado. El poder de lo pequeño. Si ésta es una fuerza instituyente en las legalidades mercantilistas que están circulando hoy en día, su creciente inclusión en los diseños de las políticas que toman a la ciudadanía como fundantes de su planificación, nos marca una esperanzada travesía por caminos, aunque no fáciles, no por ellos poco potentes. Las políticas institucionales pueden dialectizarse con las políticas públicas y con las micro-prácticas del trabajo en el consultorio, en las aulas. Es decir, ciertas modalidades institucionales son apoyatura a ciertas políticas que creen en ese poder instituyente.

Vamos a ensayar diversos pensamientos:

Imaginemos las escuelas públicas sin arte en sus curriculas: ¿cómo participarán y producirán el mundo, esos niños de hoy, hombres del mañana? A la inversa, si en la escuela, -para continuar con el ejemplo-, hubieran espacios de comunicación, expresión y creatividad a través de lo simbólico por donde circula el arte, la conciencia de sí y del otro, de la organización social, de los poderes responsables de esos niños en el futuro, tendrían seguramente otra dimensión.

¿Cómo sería el trato en los hospitales públicos si los trabajadores se sintieran cuidados como tales? Y si los pacientes, en su paso crítico por estados de dolencia, tuvieran otras herramientas para poder sobrellevar la situación en las que se encuentran, ¿no tendrían acaso mayor fortaleza para potenciar sus aspectos salutíferos?

En la misma vía, los profesores en sus aulas, que tienen que lidiar y sostener a 30 o 40 subjetividades, cada una de ellas con sus problemáticas sociales, familiares, emocionales, cognitivas, se encuentran muchas veces quizás, realizando una serie de funciones que trascienden la específica por la que se han formado, es decir, su tarea didáctica.

Si las familias y los grupos sociales tuvieran redes de contención para encauzar sus malestares, sus angustias, seguramente la vida en la sociedad tendría otros códigos que los actuales, otras ***legalidades*** (término que habrá que diferenciar de las *leyes*).

Si la gente mayor no estuviera excluida de la lógica productiva de la sociedad, si lo transgeneracional se apoyara en la transmisión de los saberes y haceres, podrían haber instancias de encuentro entre niños y viejos, dando un lugar privilegiado tanto a la memoria que portan las generaciones mayores como la novedad y las destrezas de las generaciones nuevas, en pos de un proyecto social, comunitario, de crecimiento.

Concluyendo…

El Arteterapia bien podría ser un eje transversal frente a las diversas actuaciones y desempeños de los ciudadanos, tanto en los ámbitos públicos como privados, en la educación, en la salud, en la administración, en el trabajo.

Si bien esta propuesta pueda sonar idealista, la realista no parece alcanzar la materialidad para que las cosas modifiquen su rumbo, quedándonos aguardando comodamente a que advenga el sentido procurado. Este sentido de apropiación ubica a las prácticas arteterapéuticas -más allá de las líneas teórico-técnicas que se diferencian entre sí-, como virtuosas posibilidades de producción subjetiva en pos de una ciudadanía responsable, ecológica y solidaria, cuyo fundamento se encuentre en lo más humano de nuestra humanidad.

9 - ARTETERAPIA, HERRAMIENTA EFICAZ PARA EL TRATAMIENTO DE LAS ADICCIONES

Carlos Andres Gutierrez[29]

Resumen: Este artículo es una reflexión acerca del Arteterapia como una herramienta eficaz en el tratamiento de adicto.
Palabras clave: Arteterapia; Salud Mental, Adicciones.

Arteterapia, uma ferramenta eficaz para o tratamento de adictos

Resumo: Este artigo é uma reflexão acerca da Arteterapia como uma ferramenta eficaz no tratamento de adictos.
Palavras-chave: Arteterapia; Saúde Mental, Adictos.

Art therapy, effective tool for the treatment of the addictions

Abstract: This article is a reflection concerning the art therapy as an effective tool in the treatment of addicted
Key words: Art Therapy; Mental Health; Addictions.

El Arteterapia como disciplina teórico-practica es relativamente reciente, mas en el pensamiento occidental y oriental es tan antiguo como el Arte mismo. Es el uso terapéutico del Arte, para distintas anomalías o desordenes, y por lo tanto es una disciplina intermedia entre dos esferas tan amplias como lo son las Artes (Plásticas, Escénicas, Danza, Música, Literatura, etc.) y la Sicología (Estudio de la Psique “alma”, “pensamiento”, “mente”).

Al parecer son disciplinas que siempre han estado involucradas, por ser el Arte una actividad del pensamiento humano y por consiguiente un modo de expresión y articulación de la subjetividad. Muchas son las definiciones de Arte y las maneras de aproximación a este campo del conocimiento, se ha definido como una manera de expresión de sentimientos, emociones o pensamientos del artista, pero también como un complejo sistema de signos que ofrece una interpretación de la realidad o del plano subjetivo del artista, también se ha descrito al Arte como una forma de conocimiento tan válida como la ciencia, que permite el análisis de enteras civilizaciones y por ende el entendimiento de la sociedad y la manera de comportarse en ella.

Sin embargo la más pertinente para lo que se refiere a esta conferencia, es enfrentar la practica artística en el sentido terapéutico no solamente como un mecanismo que permite la expresión inmediata de sentimientos de angustia, ansiedad, tristeza, depresión etc. Si no como una herramienta hermenéutica, es decir como una forma de auto-conocimiento, interpretación y diagnóstico de la situación del adicto y en consecuencia una manera de acción para manejar aspectos específicos: descubrir talento, ganar autoestima. Numerosos han sido los psicólogos, psicoanalistas y estudiosos que han escrito sobre el tema, incluso antes que se constituyera la disciplina, entre muchos otros Freud, Winnicott, Segal, Charcot, Prinzhorn, Erns Kris, Kramer, Naumburg, Meltzer, Klein, Jung etc.

Durante el siglo XX, luego que en Viena se originaran las distintas escuelas de psicología y que Freud sentara las bases de lo que hoy se conoce como psicoanálisis, ninguna otra influencia ha sido tan fuerte y significativa como la noción del inconsciente y del proceso onírico dentro de las practicas artísticas. Fue gracias a Freud que en el Arte se llevaron a cabo grandes transformaciones en lo que se refiere a los métodos de creación y a los puntos de partida para crear. Los estudios desarrollados por Freud no solo influyeron notablemente en las Artes Plásticas (Expresionismo, Futurismo, Dadaísmo, Surrealismo) sino con gran fuerza en la literatura (Italo Svevo, James Joyce, Breton,..) en la Música y por supuesto en el Cine; También Freud consagró gran parte de su investigación al análisis desde el psicoanálisis de obras literarias y plásticas así como de artistas, como Leonardo Da Vinci.

En lo que se refiere a las Artes Plásticas, la afirmación del INCONSCIENTE como fuente primigenia de la actividad humana, como lugar imaginario en donde subyacen recuerdos, pensamientos, complejos, temores, pero también lugar donde reside el genio y las facultades creativas, fue decisivamente fundamental, ya que se

---

[29] Formación teatral por la Universidad Nacional de Colombia. Maestro en Artes Plásticas con énfasis en Pintura. Ministra talleres de Arteterapia para reinsertados, soldados heridos en combate y soldados con trauma de guerra y familiares del Hospital Militar, pabellón Psiquiátrico, Batallón de Sanidad y en la Fundación Waja. E-mail: dolcestilnovo3@hotmail.com ou berenjenafrita_3@yahoo.com.ar

plantearon métodos para acceder a tal información a través de la escritura (automática), del dibujo y la pintura (automatismo).

En lo que se refiere a la concepción del Arte como modelo Representativo y Mimético, tradición que prácticamente se había mantenido invariable desde la Edad Media y el Renacimiento, el influjo del Estudio del Inconsciente desdibuja y deconstruye tal modelo hasta el punto en que la imagen alcanza rumbos insospechados. Si antes lo tradicional consistía en partir de una idea preconcebida (un paisaje, una naturaleza muerta, una figura humana etc), el pintor de esta época se enfrenta al lienzo sin ninguna idea, y la obra resulta de la improvisación y experimentación, hija del azar y la intuición.

Tales practicas enriquecieron de forma inusual la escena artística del momento no solo por la contribución en lo que al Inconsciente se refiere sino también por que le dio otra dimensión al artista como mago y develador del enigma y del misterio de tales zonas oscuras del pensamiento, según Andre Breton quien fue escritor y figura fundamental del movimiento Surrealista, el artista termina siendo casi un Chaman, capaz de contactar las regiones más tácitas y recónditas y extraer de allí la luz y el conocimiento.

A partir del Dadaísmo y el Surrealismo se estructuran las prácticas artísticas contemporáneas más importantes: *Action Painting* (Pintura de Acción), el *Body Art*, el *Environment*, el *Performance*, el *Happening*, el Arte de Proceso, la Instalación y video-Instalación etc.

No es necesario aportar una definición exhaustiva de éstas y ese tampoco es el propósito de esta disertación, sin embargo para comprender cada una de estas modalidades es necesario romper con el esquema tradicional del proceso creativo, y colocar al artista en diferentes roles. Por un lado, en algunos casos como la performancia o el *body art*, la obra deja de ser un elemento indirecto y se transforma en el artista mismo.

La búsqueda de belleza y la verosimilitud, así como el virtuosismo y el idealismo en la obra de arte comienzan a perder importancia en la práctica contemporánea, al contrario toma gran fuerza la acción social del artista, su insertación y trabajo conjunto con otras disciplinas, la obra como proceso, más que como resultado y desde luego la participación activa del espectador para completar la obra.

En este contexto cabe entender cuál es el amplio espectro de posibilidades que ofrece el ARTE cuando se piensa en sus aplicaciones terapéuticas. Y por lo tanto es importante que el terapeuta que quiera desarrollar esta disciplina conozca no-solo la historia del arte sino los fundamentos de las diferentes técnicas. Este gran abanico de posibilidades incluye desde campos de acción tan antiguos como la Pintura, el Dibujo, la Escultura, el Teatro, la Narración Oral, los Títeres y las Sombras y otras disciplinas del cuerpo como las Artes Marciales, hasta otros más recientes como la Fotografía y el *Performance*. Cada uno de éstos debe ser aplicado según las necesidades del "paciente" y también de los objetivos.

En el caso especifico de las adicciones, la acción terapéutica a través del Arte no solo ofrece una alternativa concreta de ocupación en el tiempo libre, que es una de las maneras más reconocidas en utilizar el Arte (como terapia ocupacional), sino que como lo he dicho antes debe ser una herramienta hermenéutica y con ello quiero afirmar que es un método de evaluación, de interpretación y debe cumplir objetivos específicos junto con el cuerpo de profesionales a cargo de los "residentes" o "pacientes".

Es decir el papel del Arteterapia al interno de un programa de Rehabilitación no debe ser entendido como una actividad suplementaria o recreativa como para distraer y relajar, sino debe ser alternativa importante para la superación y tratamiento psicoterapéutico y desde luego actuar en coordinación continua con las otras actividades que se desarrollan.

¿Cómo el Arte se transforma en forma de diagnóstico? ¿Cómo se pueden interpretar los trabajos artísticos para evidenciar determinadas problemáticas o aspectos psicológicos? ¿Por que particularmente los adictos poseen una inclinación notable hacia el Arte y la Creatividad? ¿Es el mundo del Arte un territorio prohibido para los que tienen problemas de adicción? !!Se me ha pedido que realice una conferencia sobre Arteterapia en el caso de las Adicciones!! ¿Es suficiente aplicar la Psicoterapia en el tratamiento de las Adicciones? ¿<u>Todo lo que un adicto siente se puede verbalizar, es el lenguaje escrito u oral exhaustivo para comprender que es lo que un adicto siente o piensa</u>? ¿Cómo puede el arte ofrecer alternativas concretas para el manejo de las problemáticas que llevan a una persona a consumir o a conductas negativas y autodestructivas?

Primero que todo, es necesario conocer las problemáticas más intimas que maneja un adicto y para ello se requiere el trabajo conjunto con psicólogos y psiquiatras a cargo de los pacientes.

De este modo se logra recopilar datos de la personalidad y cuestiones especificas como traumas o complejos. Dicho material que forma parte del INCONSCIENTE, es el mundo interno desarticulado y fragmentado, "deshecho", que ha sido alterado por el consumo y por las experiencias que involucran este pasado. Esta "zona errónea" corresponde al abismo oscuro, la miseria interior que induce a consumir, como alternativa falsa que puede traer una solución a ese gigante, lo llamaría Monstruo, indomable, amenazador, INCUBO.

Sin embargo, es gracias a esta crisis vital que el individuo descubre que necesita ayuda y por lo tanto genera la necesidad de recuperarse (de recibir terapia) y es desde ese punto, desde esta realidad fantasmagórica que surge la creatividad artística.

En el primer momento el participante no estará de acuerdo en exponer su realidad más intima y abrirse del todo, al contrario buscará la manera de evitar referirse a su mundo destruido, colocando barreras y disfrazando sus verdaderos sentimientos. En esta etapa se debe ser muy cuidadoso de no imponer ni forzar nada, ya que lo

principal es establecer un clima de confianza y de privacidad, tal como si se tratara de un grupo terapéutico muy delicado.

Según Margaret Naumburg todo Arte sin importar el nivel formal del creador proviene desde las reservas del inconsciente, es decir aquellas emociones que no pueden ser verbalizadas y que resultan ser volátiles como para expresarlas verbalmente, pueden ser expresadas visualmente.

Poco a poco la dimensión transformativa de la creación artística comienza a extraer información del Inconsciente y afloran aquellos temores, se le da forma a ese monstruo interior que culpabiliza y somete, que limita y entorpece, que mantiene dormido al verdadero ser (que se ama y no se juzga a sí mismo). Es un continuo proceso de captar información del Inconsciente y de la producción onírica y traerla al momento actual pero para transformarla en hecho plástico. Y al Verla por primera vez fuera de si y "representada" comienza a perder protagonismo e importancia y se transforma en algo más manejable, hasta el punto que no genera dificultad (catarsis). Consiste en tomar distancia del propio mundo interior para poder pensar y decidir y no estar involucrado en las emociones y sentimientos que el dolor produce.

Por otro lado, en el momento en que ese cúmulo de aspectos autodestructivos y negativos comienzan a ser expuestos de manera artística (también literaria) y no verbal se conquista el universo simbólico y las experiencias que antes eran negativas se vuelven indudablemente en algo constructivo y digno de ser memorable. Esto se consigue a través de la práctica artística, es decir en la configuración de la obra (pintura, dibujo, objeto, *performance* etc).

Gracias al trabajo y el esfuerzo que se invierte en dicho objeto. La realidad del objeto plástico maneja una temporalidad y especialidad muy particulares que según el caso vario, pero que mantiene la significancía del terreno de lo simbólico. El Arte por lo tanto es una actividad mental y por lo tanto participa del devenir de las ideas, del flujo de pensamientos y está íntimamente relacionada con la Acción, con los hechos, con la realidad. No debe ser entendido como un sofisma de distracción sino por lo contrario como parte constitutiva de la realidad del Ser y la relación entre lo interior y lo exterior. *El Arte es un instrumento de afinación entre el mundo interior y exterior* Lygia Clark.

Digamos que la meta fundamental en la producción artística en el caso de las adicciones es reconstruir un mundo y para ello el arteterapeuta es simplemente un guía, un asistente; mas aquel que desarrolla la verdadera lucha es el participante. Es un proceso en el que la realidad interior inicialmente problemática y crítica debe ser transformada en un motivo positivo y constructivo, dado que como lo dije al principio el Inconsciente también posee el conocimiento y la genialidad, la inteligencia y la Sabiduría.

Entre las formas de extraer información del Inconsciente a través de la práctica artística, cabe señalar como ya lo habíamos nombrado el Automatismo, el cual permite crear un clima de plena libertad para que la actividad mental sea expuesta sin impedimentos, ni limitaciones. El proceso que en primer lugar se aplicó en las letras suponía la libre asociación de ideas y su escritura continua sin importar que tuvieran relación, ni tampoco orden. Este principio posteriormente se ha utilizado en la Pintura y el Dibujo pero del mismo modo puede utilizarse a través de la danza y de la expresión corporal.

Otra manera que he utilizado y me ha sido bastante provechosa es utilizar una relajación dirigida antes de cada sesión, induciendo en los participantes primero un estado de plena tranquilidad y sosiego, para que alcancen estados cercanos al sueño. Una vez se encuentren en estos estados profundos comienzo a tocar los temas y las imágenes que voy a trabajar durante la sesión, tratando que cada persona establezca una plena introspección sobre tales temas y se familiarice con lo que voy a desarrollar. En el momento en que son conscientes de los temas y de los objetivos descubren que fue lo que vivieron estando relajados.

Es muy importante que durante las sesiones de Arteterapia se cuenten con los materiales a la mano para poder trabajar de inmediato, y dado que el principio fundamental del Inconsciente es la libre asociación es bastante provechoso partir de imágenes ya creadas a manera de collage.

Existen muchos otros modos de provocar la activación del Inconsciente como base del proceso artístico-terapéutico aprovechando las diferentes modalidades de las Artes Plásticas, Escénicas, la Musicoterapia, el Ritmo Cardiaco, e incluso la Cocina y los aromas y hablar sobre esto específicamente podría dar lugar a ulteriores conversaciones. En lo que respecta este corto taller me interesa ahora abordar la enunciación de una técnica especifica para el tratamiento.

Se trata de la *performance* y un método bastante sugestivo que aprendí del artista mexicano Eduardo Flores Castillo en un taller que desarrollamos en compañía para soldados discapacitados. La experiencia fue bastante fuerte y vital, debido al publico con el que trabajamos y a su disposición y claridad para conocer su problemática. Comenzaré explicando brevemente en que consiste la *performance*, como se encuadra temporalmente, para luego profundizar en el método llamado por el Psico-Arte, pero que a mi modo de ver es simplemente otra posibilidad para trabajar en el campo del Arteterapia.

La *performance* como disciplina artística (entre las Artes Plásticas, el Teatro, la Danza y muchas otras actividades) se concibe como una pieza en sí misma, del mismo valor que una pintura o una escultura; solo que su naturaleza es mucho más efímera y se resiste a caer en el terreno de lo museable. Es por lo tanto una obra que realiza el artista involucrando su propio cuerpo, en un espacio y un tiempo específicos, tiene una duración determinada y en su mayoría busca transmitir una idea.

Performance, palabra que en Ingles traduce funcionamiento, desempeño, efectividad, ejecución de una acción, permite reunir otros medios de expresión como la Pintura, el Cine, la Danza, el Drama, pero no es narrativo ni explicativo, no utiliza la ficción como en el caso del Teatro sino que siempre alude a situaciones reales, orientándose más a lo cotidiano y exaltando la vida y confiriéndole un status de obra de Arte.

Los primeros performances o performancias podrían remontarse a tiempos muy lejanos, pero la asunciòn del término para designar específicamente esta forma de Arte es relativamente reciente, de los 50 en adelante. También se conoce como acción plástica o arte en movimiento, arte de acción. Nació como un tèrmino para definir una acción que era teatro pero no, que era danza pero tampoco es danza, que era Pintura pero no necesariamente, es decir es un tipo de Arte que en cierto modo rompe los limites entre todas las técnicas y a la final puede incluirlo todo, incluso lo extra-artístico, como el deporte, las acciones cotidianas como barrer, limpiar, etc.

Ha sido un tipo de Arte con muchos adeptos en todo el mundo y bastantes han sido los performances que han marcado historia. Desde Duchamp, los dadaístas, los situacionistas de Francia y los artistas de Viena, muchas veces llevando el cuerpo del artista a serios riesgos y a limites extremos como la autoflagelación, la masturbación, el acto sexual, el suicidio, etc.

Sin embargo sin llegar a tales límites, es hoy por hoy un tipo de Arte que congrega bastante público y artistas en festivales y encuentros en todo el mundo. ¿Pero como puede utilizarse la *performance* para fines terapéuticos? ¿Y en especial para el tratamiento de adicciones?

Pues bien, se trata de colocar al "participante", "residente", en el centro de sus problemáticas, de su experiencia no solo artística sino en otros ámbitos, de su escolaridad, de sus gustos y disgustos, de sus convicciones, de su filosofía de vida, de su personalidad, de su manera de ser, de cantar, de cocinar, de caminar, etc. Para permitir que aflore y expone libremente su ser a través de todos los elementos que quiera: música, canto, pintura, deportes, matemáticas, poesía, literatura, cocina, etc., pero a la vez trabaje personalmente sobre problemáticas que le pueden ser críticas y difíciles de manejar, incluso durante el proceso terapéutico.

Para alcanzar este objetivo el Arteterapeuta debe insinuar constantemente la reflexión sobre todos estos aspectos, ayudándose de las otras técnicas artísticas, y por supuesto del material autobiográfico o psicológico que manejan los otros profesionales y/o que el individuo quiera exponer por iniciativa propia. El participante estará en la posición de trabajar sobre lo que sabe hacer, pero también sobre lo que le resulta desconocido, sea atractivo o no, y por lo tanto conjuga aspectos del inconsciente y del consciente.

Al terminar la experiencia sentirá un gran agrado y satisfacción al exponer su dolor o sus dificultades de una manera plástica y con la atención de todo un público. Podrá entonces sentirse con cierta ventaja sobre los episodios recordados y vividos, ya que la intención es poder superarlos durante la misma acción. Muchas veces con la sola presentación de la problemática logra un cambio y una transformación y por lo tanto una evolución. Es muy importante manejar este ejercicio siempre con un fin restaurador y conclusivo, para que el paciente sienta al final una liberación y una "catarsis" y al mismo tiempo una configuración simbólica de su experiencia que le permitirá no-solo tomar distancia sino comprender su naturaleza.

La presentación final permite una congregación social bastante interesante y productiva porque congrega las familias de los "adictos" y por consiguiente se convierte en todo un acto de reunión. Cabe señalar que un aspecto fundamental que ha de tenerse en cuenta y al que ulteriores estudios han conferido mucha importancia es el Juego, como herramienta terapéutica, y por lo tanto debe estar siempre presente en cualquier ámbito de las actividades, ya que no solo propicia un espacio de ligereza y confianza, sino que también permite analizar rasgos psicológicos de los participantes.

Quisiera concluir este breve escrito, agregando que el Arteterapia es un Árbol cuyas ramas son las numerosas posibilidades que el Arte ofrece, cuyas raíces ahondan en el inconsciente y por lo tanto en el alma, se alimenta de los lugares oscuros de la tierra como sustrato de la conciencia. Cuyas hojas y frutos bordeados por la luz son la verdad y el conocimiento. Es regado y alimentado por el Arte Terapeuta quien debe decidir como lo limpia y como lo arregla dependiendo exclusivamente del paciente que siempre está en el centro de la acción y quien es el verdadero artista.

Bibliografía

RAINER, M. H.- Hadilla.*El arte psicoterapeutico*. Herder, 1997.

CONFORTO, C. *Il progetto dell`operazione artistica*.

ROSENBERG, S.; NAUMBURG, M.; KRAMER, E. *Two art therapy pioneers*. (article).

GABLIK, S. *The reenchantment of art*. USA: Thomas & Hudson, 1991.

WALLER, D. *Group Interactive Art Therapy*. USA: Routledge, 1993.

10 - A CONSTRUÇÃO DE UMA NOVA CLÍNICA EM SAÚDE MENTAL: O PROGRAMA DE EXTENSÃO DA UFES NOMEADO "CADA DOIDO COM SUA MANIA", O CACIA E A INSERÇÃO DA ARTETERAPIA NESTES SERVIÇOS

Renata O. Bomfim[30]

Resumo: O dualismo cartesiano dividiu mente e corpo colocando-os como unidades que funcionam separadamente. Esta dicotomia marcou a sociedade refletindo-se em vários campos do saber humano. Mas mudanças podem ser sentidas e os indivíduos novamente buscam reconhecer-se biopsicossociais, ou seja, seres que inter-relacionam suas partes psíquica, física, social e espiritual. As instituições de saúde mental durante muito tempo reproduziram o paradigma da exclusão, promovendo a doença e perpetuando estigmas e preconceitos. Hoje, caminhamos para uma nova forma de assistência e tratamento, e as instituições podem lançar mão de variados recursos que possibilitem que fenômenos tão humanos como a angústia, a loucura e as doenças psicossomáticas, possam tornar-se não somente um transtorno, mas um dizer mais estruturado e direcionado ao tratamento e a reinserção social. Este artigo versa sobre as a trajetória do Programa de Extensão Cada Doido Com Sua Mania (CDSM) da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), e sua busca na construção de uma clínica pública gratuita de qualidade, culminando com a estruturação do Centro de Atenção Continuada a Infância Adolescentes e Adultos (CACIA) e sobre a inserção da Arteterapia neste serviço.
Palavras-chave: Saúde Mental; Arteterapia; Equipe Inter E Muiltidisciplinar; Extensão Universitária.

The Construction of a New Clinic for Mental Health: an Extension Program at UFES named "Each Crazy One with its Madness", the CACIA-Center and the inclusion of Art Therapy as a resource for both

Abstract: The Cartesian dualism split man in two halves: mind and body - two separate units, each one with its own particular function and hole. Such dichotomy influenced the various professionals, while working in the different fields of human knowledge. However, as time passed by, men started to integrate the bio-psycho-social-spiritual aspects of their lives. For a long time the Mental Health Institutions had treated their patients based on the premise of "exclusion", they produced the old paradigm that promoted the concept of "disease", and the progress of stigmas and prejudice. Nowadays, many have based their clinical practice seeking for new alternatives in treating and assisting their patients. It can be noticed that many of this kind of institution utilize several resources when dealing with anguish, madness and psychosomatic symptoms, so that patient can re-structure their lives, not being a nuisance, but becoming a real citizen in the society. This article shows the trajectory of an extension program - "Each Crazy One with its Madness" (CDSM) and the creation of Continuous Attention Center for Childhood Youth and Adulthood (CACIA) carried on the Federal University of Espírito Santo (UFES). Its main goal is to offer free and qualified clinical service to the general public and gives a special attention to art therapy as a strong and useful source as part of the treatment for those seeking help there.
Key words: Mental Health; Art Therapy; Inter and Multidisciplinary Professional Teamwork; University Extension Program.

La Construcción de una Nueva Clínica para la Salud Mental: un Programa de Extensión de la UFES nombró "Cada Loco con su Locura", el CACIA y la inclusión de Arteterapia como un recurso para estos servicios

Resumen: El dualismo cartesiano dividió en mente y cuerpo, colocando como unidades que funcionan por separado. Esta dicotomía marcó a la sociedad que se reflejaba en varios campos del saber humano. Pero los cambios pueden ser sentidos y los individuos buscan otra vez para reconocerse en forma biosicosocial, siendo que, los seres se interrelacionan entre sus partes psíquica, física, social y espiritual. Las instituciones de salud mental durante mucho tiempo fueron reproduciendo el paradigma de la exclusión, promoviendo la enfermedad y perpetuando los estigmas y las preconcepciones. Hoy, caminamos para una nueva forma de asistencia y de tratamiento, así las instituciones pueden recorrer a variados recursos que hacen posible que los fenómenos tan

---

[30] Bacharel em Artes Plásticas pela UFES. Especialista em Arteterapia na Educação e Saúde - UCAM/RJ. Especialista em Psicossomática – FACIS - IBEHE/ SP. Membro da Coordenação Geral do Programa de Extensão CDSM - UFES e Coordenadora da Oficina de Arteterapia e dos Grupos de Estudo Arteterapia desde 2002. Membro do Grupo Experimental de Contadores de História da UFES – GECHUFES e do Grupo "Tecelãs da Palavra" – Contos e Poesias. Cursos e Atendimentos terapêuticos no Rosa Rubra Espaço Terapêutico (www.rosarubra.com.br).

humanos como la angustia, la locura y las enfermedades psicosomáticas, puedan convertirse no solamente en un trastorno, sino vale decir una forma más estructurada y dirigida al tratamiento y la reinserción social. Este artículo gira en torno a la trayectoria del Programa de Extensión Cada Loco con su Manía (CDSM) de la Universidad Federal del Espirito Santo (UFES), y la búsqueda de la construcción de una clínica pública gratuita de calidad, culminando con la estructuración del Centro de Atención Continuada a la infancia, adolescencia y adultos con la inserción del Arteterapia en este servicio.
Palabras clave: Salud Mental; Arteterapia; Inter Equipo y Multidisciplinar; Extensión de la Universidad.

Programa Cada Doido Com Sua Mania - Ideologia e trajetória

Este Programa teve seu inicio em 1984, como projeto de extensão que atendia os pacientes do Hospital Psiquiátrico Adauto Botelho, por meio de grupos operativos e oficinas de artes. Criado pela Professora Tânia Mara Alves Prates, do departamento de Psicologia da UFES e alunos do curso de psicologia movidos pelo desejo de construir uma nova clínica em saúde mental. O CDSM, desde sua criação, trabalha por uma clínica cujas práticas interdisciplinares gerem uma cultura profissional mais humanizada e adequada ao contexto da saúde pública articulada à formação profissional em diferentes níveis, a saber, ensino, extensão e pesquisa.

O instrumento fundamental da prática desta ideologia é o aperfeiçoamento contínuo do trabalho em equipes interdisciplinares, com repercussões na formação de profissionais de várias áreas, a partir dos seus efeitos multiplicadores**.** Em consonância com esta proposta agregaram –se ao projeto, profissionais e estudantes de variados campos do saber e pessoas da comunidade. O impacto deste trabalho sobre pacientes e equipe do Hospital psiquiátrico Adauto Botelho foi grande, e em 1996 o Programa CDSM foi convidado para estruturar o primeiro Centro de Atenção Psicossocial do ES, o CAPS Ilha de Santa Maria, em parceria com a prefeitura Municipal de Vitória. Agora, agora, em instituição aberta, as oficinas terapêuticas e os serviços multiplicam-se.

A experiência adquirida pelo CDSM possibilitou a criação do Primeiro Ambulatório em Saúde Mental para Crianças e Adolescentes no Hospital Universitário Cassiano Antônio Morais- HUCAM, em 2002 e 2003, em parceria com a equipe de saúde mental do hospital, da Secretaria Estadual de Saúde (SESA) e do Programa de Saúde da Família (PSF). Em 2004 surge um novo desafio, estruturar um serviço de saúde mental no campus universitário, que atendesse a demanda universitária, alunos, funcionários e filhos de funcionários, assim como, contemplando a parceria estabelecida com a Secretaria Estadual de Saúde, atendesse crianças e adolescentes encaminhados pelo Hospital Infantil Nossa Senhora da Glória. Assim nasceu o CACIA - Centro de Atenção Continuada a Criança, Adolescente e Adulto.

O CACIA

Este serviço é sustentado pelo Programa CDSM, nele são recebidos pacientes com sofrimento na esfera afetiva, transtornos mentais graves e fenômenos psicossomáticos. Este espaço público gratuito visa à promoção da Saúde Mental, a valorização do servidor da UFES e a transformação dos alunos e profissionais trabalhando a Inclusão social e familiar, por meio de tratamento interdisciplinar.

Num recorte de vinte e um anos de trabalho na clínica da psicose o CDSM abre-se aos desafios da clínica da neurose. Tal compromisso implica na responsabilidade em reafirmar o trabalho em Rede de Saúde, proposto pelo SUS, envolvendo a pesquisa e a produção de novos saberes. Esta forma de funcionamento, mais horizontalizado e comprometido com uma ética comum a todos os seus membros, tem favorecido uma maior implicação de todos; fundamental para a 'trans-formação' de cada um envolvido, para que não recuem diante da neurose, da psicose e dos fenômenos psicossomáticos.

O CACIA tem como sustentáculo das suas ações uma rotina que consistem em:

- Reuniões semanais da equipe geral;
- Supervisão das ações em oficinas terapêuticas e atendimentos em serviços, com avaliação dos procedimentos e resultados;
- Reuniões quinzenais de projeto terapêutico;
- Reuniões mensais dos serviços e oficinas do CACIA;
- Análise institucional do Programa;
- Reuniões eventuais com as parcerias.

Avaliação:

- Avaliação, em supervisão, dos procedimentos em oficina terapêutica;
- Avaliação, em supervisão, dos atendimentos realizados pelos serviços;
- Discussão clínica dos casos nas reuniões do projeto terapêutico;
- Produção de relatório anual;

Serviços:

- Serviço de Atendimento Grupal;
- Serviço de Atendimento Individual;
- Serviço de Atendimento Familiar;
- Serviço de atendimento Psicofarmacológico;
- Serviço de acolhimento;
- Projeto Terapêutico e

Oficinas Terapêuticas:

- Oficina Terapêutica de Arteterapia;
- Oficina Terapêutica de Expressão Corporal;
- Oficina Terapêutica de Comunicação Social;
- Oficina Terapêutica Construindo a Cidadania;
- Oficina Terapêutica de Contos;
- Oficina Terapêutica de Eventos;
- Oficina Terapêutica de Imaginação;
- Oficina Terapêutica de modelagem;
- Oficina Terapêutica de Música;
- Oficina Terapêutica de Pintura;
- Oficina Terapêutica de Psicodrama;
- Oficina Terapêutica de Métodos e Técnicas de Utilização - Sucata + Mosaico.

Grupos de estudo:

- O eu e o sujeito na psicanálise;
- Caso Dominique - A clínica com adolescentes;
- Psicodrama;
- A arte e a loucura;
- Arteterapia - Grupo de estudo teórico vivnecial;
- Nise da Silveira - Estudo das Obras de Dra Nise da Silveira e de Carl Gustav Jung;
- A história da loucura;
- A psicose em Freud e Lacan.

O CDSM busca Promover programas que visem à prática em Saúde Mental, de acordo com a demanda da população; diagnosticar situações que venham a interferir no bem estar em nível individual, familiar e institucional com a finalidade de tratamento; buscar o desenvolvimento e aprimoramento de formas adequadas de tratamento em Instituições Públicas; promover a formação adequada de novos profissionais de saúde.

A construção de uma rede de atendimentos, integrada e multidisciplinar, objetiva alcançar alguns resultados, como por exemplo, uma maior adesão dos pacientes ao tratamento; prevenção de conseqüências maiores das doenças psíquicas; diminuição de riscos sociais e de suicídios em jovens; melhoria das relações familiares na população em atendimento; participação da rede pública de assistência à saúde mental;

A Inserção da Arteterapia no programa no Programa CDSM

A experiência aqui retratada iniciou-se em 1999, pelo ingresso da autora no Programa de Extensão Cada Doido Com Sua Mania. Nesta época, o Programa atuava no CAPS – Ilha de Santa Maria. Em 2002, como profissional especialista em Arteterapia, passou a ministrar vivencias de Arteterapia nos encontros do grupo de estudos Dra Nise da Silveira, eram intercalados os estudos das obras da Dra Nise e as vivências de Arteterapia, logo a Arteterapia tornou-se um grupo de estudos e esta prática culminou na inserção desta nova modalidade ao programa CDSM sob forma de oficina terapêutica para os pacientes.

A Oficina Terapêutica de Arteterapia constitui-se num espaço singular de produção espontânea, onde variados materiais e técnicas da arte servem como facilitadoras de uma expressão subjetiva. Assim, Contos, mosaico, pintura, desenho, modelagem, música, entre outras modalidades expressivas atuam como veículos para que imagens possam ser produzidas e conteúdos inconscientes plasmados a partir da matéria. Esta prática lúdica - terapêutica explora a espontaneidade e a criatividade do indivíduo e viabiliza sua expressão pessoal, auxiliando-o na elaboração e estruturação psíquica.

A oficina soma entre suas atividades: supervisão e encontros que objetivam integrar a equipe e construir um espaço de troca de experiências. Ao chegarem à oficina os participantes conhecem a proposta de funcionamento da mesma, e são convidados a participar de forma efetiva por meio de opiniões e sugestões. Esta forma de condução faz com que a adesão ao tratamento e a implicação dos pacientes seja positiva, repercutindo na motivação da equipe.

Conclusão

Trabalhar com saúde mental é um desafio. A busca para se construir uma clínica integrada, onde o indivíduo seja contemplado em sua humanidade, e não visto como um corpo vazio ou uma mente alienada são árduos. Não existe manual, este trabalho deve ser realizado levando-se em conta as especificidades culturais e as demandas pelo atendimento.

Neste campo faz-se necessário que os profissionais se coloquem num questionamento constante de sua técnica, esta postura ética promove mudanças na sua prática sem que seja necessário abandonar sua especificidade, isso possibilita que o conhecimento não se esgote na sua própria identidade, mas vá além de si mesmo, a fim de estabelecer uma articulação mais ampla transcendendo as barreiras de seu domínio epistêmico.

Ser capaz de abandonar o conforto e a segurança que traz um saber supostamente conseguido e se aventurar a escutar outros discursos vai de encontro com o a idéia desta nova clínica que desejamos. No campo da interdisciplinariedade o que está em questão é um novo saber, gerado pelo trabalho conjunto das diversas especificidades em cada intervenção. Assim, torna-se possível uma ética comum constituindo um olhar transdisciplinar do saber.

A coragem é fundamental neste momento de transição em que vivemos, para rompermos padrões que nos forma impostos, bem como persistência. Aos profissionais de saúde mental resta também o desafio de lidar com seus maus estares e limitações e sua saúde mental. Em “A Prática da psicoterapia” (1986), Carl Jung afirma que “ninguém pode levar ninguém além do lugar onde consegui chegar”.

No CACIA, a cada dia, a demanda formada por funcionários e estudantes da UFES cresce propondo novos desafios éticos e clínicos, percebeu-se um corpo administrativo adoecido, refletindo o alto índice de casos de depressão, transtornos alimentares e psicossomáticos que nos chegam, que levam ao afastamento do trabalho, conflito entre equipe, falta de estímulo e motivação para a vida.

O hospital Infantil Nossa Senhora da Glória tem encaminhado crianças com quadros clínicos variados, é surpreendente o alto índice de tentativa de suicídio e depressão, o que vem reforçar nossa crença na necessidade de unir forças em busca de intervenções mais assertivas e abrangentes extensivas às famílias.

A prática adquirida nestes vinte e um anos de trabalho assim como no CACIA, tem mostrado a equipe do CDSM à necessidade de se reinventar a cada dia, aí, ferramentas para se trabalhar criatividade são essenciais.

Podemos perceber como a Arte contribui para uma clínica mais criativa, fundamentada num olhar menos comprometido com a patologia e mais implicado com o humano. As Oficinas Terapêuticas, ferramentas privilegiadas de intervenção e tratamento terapêutico, estão ao alcance de todos, prova disso é a diversidade de oficinas oferecidas pelo CDSM, que junto a outros serviços permitem uma cobertura ampla, não somente do paciente, mas também de sua família.

Trabalhando no campo da saúde mental desde 1999, experimentei momentos de extrema alegria, o contato com os pacientes é um privilégio, as oficinas apresentam-se originais e, especialmente, inusitadas. A interação com a equipe enriquece e renova as forças, muitas vezes tão desgastadas pela falta de recursos, a falta de apoio e pela burocracia. Hoje, num movimento de luta contra a correnteza, continua-se remando, não digo incansavelmente, pois muitas vezes nos sentimos cansada, e isso é do campo do humano. Mas esta causa não é uma causa vã e nem insana. Cremos na continuidade deste trabalho e na busca pela construção dessa clinica que desejamos.

Referências

BOMFIM, R.; BRIGNOL, A. O.; ROSA, R. *Espaço Terapêutico*. Disponível em: <http://www.rosarubra.com.br>.

JUNG, C. G. *O homem e seus símbolos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1964.

OSTROWER, F. *Criatividade e processos de criação***.** Rio de Janeiro: Imago, 1977.

PHILIPPINI, A. *Cartografias da coragem*: rotas em Arteterapia. Rio de Janeiro: Pomar, 2000.

SILVEIRA, N. *O Mundo das Imagens*. São Paulo: Ática: 1992.

_____ . *Imagens do Inconsciente*. Rio de Janeiro: Alhambra, 1981.

URRUTIGARAY, M. C. *Arteterapia e a transformação pessoal pelas imagens***.** 2. ed. Rio de Janeiro: WAK , 2004**.**

10 - ARTETERAPIA E REALIDADE VIRTUAL

Wanderley Alves dos Santos[31]

Resumo: Este trabalho analisa a importância da realidade virtual na ação arteterapêutica, destacando a necessidade de não desprezar o potencial das ferramentas de criação digital para fins de auxilio no equilíbrio biopsicologico do individuo.
Palavras-chave: Arteterapia; Novas Tecnologias; Realidade Virtual.

Art therapy and virtual reality

Abstract: This work analyses the importance of virtual reality in the art therapeutically action, accentuating the need of not disdaining the potential of digital creation tools to help to find the biopsicological balance of the person.
Key words: Art Therapy; News Technology; Virtual Reality.

Arteterapia y realidad virtual

Resumen: Es un trabajo que hace un análisis y apunta la importancia de las herramientas virtuales para una acción terapéutica posible a favor de la mejor salud de la persona humana.
Palabras clave: Arteterapia; Nuevas Tecnologías; Realidad Virtual.

Defende-se a humanização das tecnologias (Domingues, 1999). Nesse contexto se destaca a figura do artista como personagem principal nesse objetivo. Papel que o arteterapeuta pode, também, assumir tendo em vista o auxilio biospsicologico do individuo.

O arteterapeuta tem como objetivo principal auxiliar o ser humano a adquirir um maior equilíbrio emocional, atual no psiquismo das pessoas, tendo como instrumento privilegiado a mobilização do potencial criador das pessoas e para isso, se vale do fazer artístico, orientado segundo paradigmas atuais, fundadas em modernas concepções de psicologia e humanismo (Dalley, 1987).

O arteterapeuta trabalha no campo da imagem, do movimento e da criação. As tecnologias contemporâneas amplificam a utilização desses itens, juntando imagem, movimento, criação (...) É a multimídia e a realidade virtual que são verdadeiras paletas digitais, tridimensionais, proporcionando a criação de verdadeiros ambientes virtuais.

Quando são as implicações disso para o trabalho do arteterapeuta? Primeiro o próprio arteterapeuta tem que analisar esse universo e perceber onde poderá atuar de forma transformadora. Considerando, para tanto, novas ferramentas de criação artística nesse novo século, Lembrando que o psiquismo é o que, na verdade, elabora a obra criativa, portanto, mento-emocional. Daí as telas digitais e criações tridimensionais serem reflexos do coletivo ou do individual.

As ferramentas de criação digital fazem parte do cotidiano dos denominados ciber-atistas, que desenvolvem o que se denomina de “net art”.

Parente (1999, p.13) diz:

> *“As novas tecnologias de produção, captação, transmissão, reprodução, processamento e armazenagem da imagem estão aí, como uma realidade incontornável: o telescópio, o microscópio, o satélite, a fotocopiadora, o ultra-som, a ressonância magnética, a radiografia, a fotografia, o cinema, a televisão, o radar, o vídeo, o lazer, a holografia, o telefax, a câmera de positrons, a infografia. São maquinas de visão, que à primeira vista funcionam seja como meios de comunicação, seja como extensões da visão do homem, permitindo-o ver e conhecer um universo jamais visto porque invisível à olho nu”.*

A revolução que, diz Parente, abre para o arteterapeuta novos campos de pesquisa sobre as possibilidades de mobilização dessas ferramentas para aplicação nas atividades psicoterápicas.

---

[31] Especialista em Arteterapia na Educação Especial, professor de universitário/UFG – Mídia e Multimídia na Educação Fundamental – Doutorando em Ciências da Educação da Faculdad de Educación em Badajoz/Espanha. Correio eletrônico: wanderley.santos@gmail.com

Neste caminho pode-se notar a presença da realidade virtual. Mas, o que é realidade virtual e qual sua utilidade para a Arteterapia?

É importante destacar que a palavra virtual origina-se do latim medieval "virtualis", que vem de "virtus", força, potencial (Levy, 1999). Estar virtual é estar ausente fisicamente, porém, presente emocional e espiritualmente num espaço artificialmente criado.

Nesta altura pode-se integrar o termo Realidade Virtual (RV) que designa uma tecnologia que permite uma interação com ambientes "não presentes", não físicos, como entendemos. O individuo adentra, com auxílio da tecnologia, interfaces e periféricos de entrada à ambientes criados, ambientes tridimensionais (Netto et al, 2002).

Os periféricos de entrada se destacam por permitir interagir com o ambiente virtual: óculos especiais, luvas de dados etc. Esta última permite "tocar" objetos do mundo virtual. Movimentar "elementos" neste ciberlugar.

Os denominados cenários virtuais são espaços criados para que se tenha a sensação de realmente se estar num espaço paralelo, se estar mentalmente e visualmente dentro de um espaço, mas fisicamente, em outro...Defende-se o uso da RV para se entender a realidade, não substitui-la.

Mas, onde entra a Arteterapia? Se as *Novas Tecnologias de Informação e Comunicação* (NTIC), especialmente a RV são ferramentas de criação e interação de ambientes virtuais, pode-se inferir que, tendo acesso a essas ferramentas, o arteterapeuta poderá conduzir processos de autoconhecimento através de criações de cenários, pinturas virtuais, tridimensionalizadas (...) Os caminhos poderão ser tantos, quanto forem os objetivos do arteterapeuta; desde, por exemplo, auxiliar as pessoas a criarem esses ambientes, como promover processos de viagem tridimensionais a mundos imaginados, tendo essa ou aquela intenção arteterapêutica.

Vivenciar contos de fadas dentro do próprio cenário, interagindo com personagens e, muitas vezes, se tornando um personagem a referida história, também, são possibilidades dessas ferramentas em desenvolvimento.

Poder-se-á ir além, ou seja, conduzir processos, via Internet, com grupos virtualmente conectados.

O psiquismo é à base de todos os problemas, inclusive, físico (Meneghetti, 1997). Percebe-se, assim, a importância dessas ferramentas digitais de criação para a aplicação arteterapêutica, pois, potencializam o contato com o universo interior, constituindo, portanto, a Realidade Virtual, mais uma oportunidade instrumental de trabalho nas mãos de psicoterapêuticas e, especialmente, dos arteterapeutas.

Referências

DOMINGUES, D. (Org). *A Arte no Século XXI*: a humanização das Tecnologias. São Paulo: Unesp, 1997.

DALLEY, T. *El arte como terapia*. Barcelona: Herder, 1987.

LEVY, P. *O que é virtual?* São Paulo: Editora 34, 1999.

MENEGHETTI, A. *A psicossomática*. Porto Alegre: Psicológica Editreice do Brasil, 1997.

NETTO, A. V.; MACHADO, L.; OLIVEIRA, M. *Realidade Virtual*. Florianópolis: Visual Book, 2002.

PARENTE, A. (Org). *Imagem Máquina:* a era das tecnologias Virtuais. São Paulo: Editora 34, 1999.

REVEL, V. *Playing graphics in the design and use of multimedia:* multimedia interface design in education. Berlin: Spring Veriag, 1992.